

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Fernanda Carolina e Silva Rocha Pinto

**As relações dialógicas na reportagem de Eliane
Brum no livro Brasil Construtor de Ruínas. Uma
análise bakhtiniana da linguagem**

Taubaté - SP

2023

Fernanda Carolina e Silva Rocha Pinto

**As relações dialógicas na reportagem de Eliane
Brum no livro Brasil Construtor de Ruínas. Uma
análise bakhtiniana da linguagem**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab
Puzzo

Taubaté - SP

2023

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi
Universidade de Taubaté - UNITAU**

P659r Pinto, Fernanda Carolina e Silva Rocha

As relações dialógicas na reportagem de Eliane Brum
no livro Brasil Construtor de Ruínas : uma análise bakhtiniana da
linguagem / Fernanda Carolina e Silva Rocha Pinto. -- 2023.
115 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria
de Pesquisa e Pós-graduação, Taubaté, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo, Pró-reitoria de
Pesquisa e Pós-graduação.

1. Gênero discursivo. 2. Reportagem. 3. Gênero jornalístico.
4. Brum, Eliane, 1966- 4. Teoria bakhtiniana. I. Universidade de
Taubaté. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada.
II. Título.

CDD – 410

Fernanda Carolina e Silva Rocha Pinto

**As relações dialógicas na reportagem de Eliane Brum no livro Brasil
Construtor de Ruínas. Uma análise bakhtiniana da linguagem**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Linguística
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em
Linguística Aplicada da Universidade de
Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e
Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzzo

Data: 31 de março de 2023

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a: Miriam Bauab Puzzzo - Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Eliana Vianna Brito Kozma - Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Professora Dr^a.: Maria Inês Batista Campos Noel Ribeiro – Universidade de São

Paulo

Assinatura: _____

Aos meus pais, Fátima e Laércio, pelo amor e
apoio em todos os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Prof^a Dra. Miriam Bauab Puzzo por ser minha orientadora e por abrir o meu olhar para o mundo bakhtiniano. Esses dois anos não seriam os mesmos sem o seu ensinamento, profissionalismo e incentivo à pesquisa acadêmica. Obrigada por todos os desafios e pela atenção ao longo dessa jornada.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Aos colegas do mestrado que mesmo não sendo presencial, nos aproximamos pelos meios digitais. Foram inúmeras pesquisas, reuniões online e arquivos compartilhados. Um agradecimento especial para: Andreia, Daniele, Fernando, Heitor, Jaqueline, Juliana, Timóteo e Yasmin. Obrigada por tudo e por tanto nesses dois anos!

Ao Senac São Paulo por incentivar a educação para seus funcionários e em especial para o Senac Taubaté, unidade que com muito orgulho faço parte. Agradeço também a minha gestora, Karina Marcon Dalprat Pinto por todo apoio neste período. Destaco também os amigos que foram fundamentais neste processo: Carla, Flávia, Ednaldo, Felipe e Sandra.

Aos meus pais, Fátima e Laércio (em memória), que sempre incentivaram o estudo. À minha irmã Renata que também já passou por esse processo de aprendizado com o mestrado e me auxiliou em inúmeras formas.

Ao meu companheiro de vida, Eduardo, por toda compreensão e apoio ao longo deste período.

Por fim, agradeço a Deus por permitir a conclusão de mais uma etapa da minha vida.

O grande desafio do jornalismo é escrever sobre a história em movimento. Para o repórter, raramente há o “distanciamento histórico”, aquele que permite o assentamento dos fatos, a clareza conferida pelo passar dos anos, o olhar confortável pelo espelho retrovisor. (BRUM, 2019, p. 7)

RESUMO

Esta pesquisa trata das relações dialógicas a partir de Mikhail Bakhtin e o Círculo observado no livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar de Lula a Bolsonaro* de Eliane Brum. Os fragmentos escolhidos retratam fatos importantes da política brasileira das últimas duas décadas e são observadas as linguagens empregadas no texto, os signos ideológicos e o posicionamento valorativo da autora. Foram escolhidos quatro trechos que são marcados pela presença dos últimos quatro presidentes brasileiros: Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Messias Bolsonaro. A linguagem da jornalista ao longo do livro não é feita de forma linear e cronológica, mas criam-se cenas por meio da descrição narrativa e descritiva do momento. A análise busca mostrar também a reportagem como gênero da esfera jornalística, além do estilo de Eliane Brum como recurso de persuasão e convencimento. A pesquisa é de caráter qualitativo do tipo bibliográfico e se divide em três partes: a primeira é voltada para a fundamentação teórica de Mikhail Bakhtin e o Círculo, logo em seguida temos uma breve explicação sobre a história do jornalismo no Brasil, a narrativa jornalística, a explicação da reportagem como gênero jornalístico e o contexto das *fake news* que interferem na produção de conteúdo verídico pelos jornalistas. O terceiro capítulo ilustra a análise dos trechos selecionados do livro e sua relação com a fundamentação teórica. A análise contribui para os estudos linguísticos e explora os recursos linguísticos discursivos na perspectiva dialógica da linguagem, despertando o interesse de alunos e pesquisadores relacionados com o contexto sociopolítico do país. Gêneros discursivos na ótica bakhtiniana e gêneros jornalísticos na esfera da comunicação desenvolvem a perspectiva crítica no aluno e podem ser usados em sala de aula. No contexto sócio-histórico, essa criticidade deve crescer ainda mais, pois a pesquisa pode fomentar debates nas áreas de comunicação e linguística. Conclui-se que trabalhar com o estudo de gêneros discursivos pela ótica bakhtiniana e gêneros jornalísticos pela ótica da comunicação trazem inúmeras possibilidades no âmbito escolar, bem como na formação de novos leitores críticos no país, além de contribuir para uma visão ampla sobre a produção de notícias em tempos de *fake news*.

PALAVRAS-CHAVE: gênero discursivo, reportagem, gênero jornalístico, Eliane Brum, teoria bakhtiniana

ABSTRACT

This research deals with dialogic relations from Mikhail Bakhtin and the Circle observed in the book *Brasil Ruins Maker: a look from Lula to Bolsonaro* (tradução livre/própria) by Eliane Brum. The chosen fragments portray important facts of Brazilian politics in the last two decades and the languages used in the text, the ideological signs and the evaluative positioning of the author are observed. Four sections were chosen, which are marked by the presence of the last four Brazilian presidents: Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Michel Temer and Jair Messias Bolsonaro. The journalist's language throughout the book is not done in a linear and chronological way. What happens is that scenarios are created through the narrative and descriptive outline of the moment. The analysis also aims at showing the report as a genre of the journalistic sphere, in addition to Eliane Brum's style as a persuasion and convincing resource. The research is of a qualitative bibliographical nature and is divided into three parts: the first is directed to the theoretical foundation of Mikhail Bakhtin and the Circle, then we have a brief explanation about the history of journalism in Brazil, the journalistic narrative, the explanation of reporting as a journalistic genre and the context of fake news that interfere in the production of true content by journalists. The third chapter illustrates the analysis of selected excerpts from the book and their relationship with the theoretical foundation. The analysis contributes to linguistic studies and explores discursive linguistic resources in the dialogic perspective of language, arousing the interest of students and researchers related to the country's socio-political context. Discursive genres in the Bakhtinian perspective and journalistic genres in the sphere of communication develop a critical perspective in the student and can be used in the classroom. In the socio-historical context, this criticality should grow even more, as research can foster debates in the areas of communication and linguistics. It was concluded that working with the study of discursive genres from the Bakhtinian perspective and journalistic genres from the communication perspective brings innumerable possibilities in the school environment, as well as in the formation of new critical readers in the country, in addition to contributing to a broad view of the production of news in times of fake news.

KEYWORDS: discursive genre, reporting, journalistic genre, Eliane Brum, Bakhtinian theory

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.1 A concepção dialógica da linguagem	18
1.2 O dialogismo e a interação	24
1.3 O sujeito no Círculo de Bakhtin	26
1.4 O cronotopo e a exotopia	30
2 METODOLOGIA	33
2.1 A função social do jornalismo	33
2.2 Os Gêneros Jornalísticos na esfera da Comunicação	36
2.3 A reportagem como gênero da esfera jornalística.....	39
2.4 Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin e o Círculo	43
3 ANÁLISE DO CORPUS	47
3.1 Análise verbo-visual do livro	49
3.2 A exauribilidade do objeto	54
3.3 Análise dos trechos selecionados	57
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata da análise dialógica discursiva de Mikhail Bakhtin e o Círculo no gênero jornalístico reportagem. Especificamente busca investigar como a jornalista Eliane Brum traça relações dialógicas no livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro* entre os fatos políticos e os personagens que ela relaciona.

A escolha desse livro para a análise se deve ao momento de intensas mudanças sociais e econômicas do Brasil e a reportagem como objeto de estudo explora recursos linguísticos discursivos na perspectiva dialógica da linguagem despertando o interesse de alunos e pesquisadores relacionados com o contexto sociopolítico do país.

Os gêneros discursivos são estudados no contexto escolar e a abordagem bakhtiniana foi inserida a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 41) “Quanto mais dominamos os gêneros, maior a desenvoltura com que os empregamos e mais plena nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário)”. Com isso, ao estudarmos os gêneros discursivos ampliamos a capacidade e a compreensão da leitura, além do desenvolvimento da perspectiva crítica.

Os gêneros jornalísticos da esfera jornalística, em especial a reportagem, podem ser estudados a partir da ótica bakhtiniana e o outro objetivo é estudar a relação da escrita de Brum com os conceitos da análise dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin, como por exemplo, ética, ideologia, posicionamento axiológico, tom valorativo, responsabilidade e responsividade.

A pesquisa foi embasada pelos teóricos Bakhtin (1998, 2003, 2010, 2016, 2018) e Volóchinov (2013, 2017 e 2019). Além das obras originais, estão incluídas nas referências desta pesquisa obras de outros intérpretes dessa teoria, tais como Berti-Santos (2015), Brait (2006), Faraco (2009), Faraco, Tezza e Castro (1999), Fiorin (2011) Grillo (2006), Maciel (2016), Machado (2005), Puzzo (2015), Rojo (2005) e Sobral (2009).

Cabe ressaltar que essa pesquisa está embasada nos princípios da Análise Dialógica do Discurso desenvolvida por Bakhtin e o Círculo confirmando os gêneros discursivos que são enunciados relativamente estáveis, mas também de acordo com

Anderson, Bell e Shirky (2013), Beltrão (1980, 2006), Castells (2013), Chaparro (2008), Chauí (2006), Gross (2020), Kotscho (2004), Lage (1989, 2005), Marques de Melo (2003), McQuail (2003), Noblat (2008), Nohara (2018), Noronha (2017), Recuero (2009), Sodré (2009) e Sousa (1999), a reportagem é um gênero da esfera jornalística e por isso existe outra classificação que se difere da análise discursiva que está presente na Fundamentação Teórica desta pesquisa.

Tais autores consideram os gêneros jornalísticos numa perspectiva crítica, pois têm a característica de inserir o indivíduo no universo, além de auxiliar no desenvolvimento da sua própria opinião e ampliar a capacidade de argumentação. A reportagem possibilita o aprofundamento de um tema específico que não é detalhado no jornalismo diário, como por exemplo, nos telejornais, além de originar diversas visões sobre o mesmo tema. A reportagem tem características específicas, como por exemplo, objetividade, simplicidade, imparcialidade, linguagem narrativa e universalidade.

O trabalho do jornalista está envolto na manutenção da ética, trazendo a veracidade dos fatos, o aprofundamento no tema, a riqueza de dados e informações, a análise do assunto e possíveis desdobramentos daquele tema, além de ouvir todos os lados envolvidos na história. Com os adventos da tecnologia, as formas de consumo de notícia foram ampliadas e isso contribuiu com a disseminação de notícias falsas, conhecidas pelo termo *fake news*. Consequentemente isso o trabalho do jornalista precisa estar pautado na ética, pois é ele quem passa a correta informação e destaca o que é fato e o que é falso.

A partir desse breve percurso sobre a evolução da reportagem como gênero jornalístico, esta dissertação visa mostrar partes do contexto político brasileiro das últimas duas décadas mostrando a escrita da jornalista a partir da teoria de Bakhtin e o Círculo. A pesquisa também objetiva mostrar como são estabelecidas as relações dialógicas da autora com o contexto socio-político e como se observa a atitude responsiva e responsável expressando seu posicionamento ético como jornalista.

No livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro*, da jornalista Eliane Brum (BRUM, 2019) são analisados quatro subtítulos ligados ao contexto sócio-político destacando a forma narrativa-descritiva. O livro caracteriza-se como reportagem pois aprofunda um tema sob diversos ângulos que não são vistos no jornalismo diário por conta do curto espaço de exibição, como afirma Kotscho (2004).

O texto de Eliane Brum demonstra a história da política brasileira das últimas duas décadas desde o início do primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva em 2003 até os cem primeiros dias de governo de Jair Bolsonaro em 2019 e relaciona atos dos quatro chefes do executivo com diversas camadas e setores da sociedade.

O livro possui ao todo 303 páginas e não será possível analisar todo o conteúdo, portanto foram selecionados quatro trechos que evidenciam o papel de cada chefe de Estado durante o seu mandato no Brasil. O material não é dividido em capítulos, mas por subtítulos demarcados pela autora.

Além da análise textual, a pesquisa traz a análise verbo-visual da capa e do título do livro relacionando sua imagem com o contexto que é descrito. Eliane Brum não escreve o livro de forma linear ou cronológica e destaca no início da introdução que o grande desafio do jornalismo é escrever sobre a história em movimento.

Além de romper com modelos estabelecidos no jornalismo, a reportagem apresenta peculiaridades linguísticas que provocam interesse em entender a linguagem e os recursos agenciados por Brum. Diante disso, surgiu o interesse de compreender essa obra a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é investigar como se dá a construção discursiva nos trechos selecionados do livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro*, a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem. Como se dá a construção discursiva de trechos selecionados do livro analisado nesta dissertação a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem? Especificamente investigar: 1) como a autora estabelece relações dialógicas entre os fatos políticos e os personagens que ela apresenta; 2) a relação da escrita de Brum com os conceitos bakhtinianos de ética, estética, responsabilidade e responsividade.

Os trechos são analisados com base na análise dialógica do discurso, pois para Bakhtin enunciados são relativamente estáveis com um propósito comunicativo. Também se observa o conceito de reportagem na esfera dos gêneros jornalísticos. Esses recortes analisados também evidenciam o posicionamento ideológico da autora e são analisados os aspectos dentro da teoria bakhtiniana observando o tom valorativo e suas relações com o contexto social.

Esta pesquisa pode trazer contribuições aos estudos nas áreas de Linguística Aplicada e Comunicação sobre análise do discurso político da jornalista e escritora Eliane Brum, além de subsidiar para professores que queiram trabalhar com a leitura crítica da obra da jornalista Eliane Brum, além de explorar recursos de leitura em sala

de aula de forma coletiva ou individual. Outro ponto relevante da pesquisa é sobre as possibilidades de estudo sobre o cenário político brasileiro das últimas duas décadas, além das transformações sociais, culturais e econômicas.

O corpus da pesquisa é constituído por recortes do *livro Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro*, da jornalista Eliane Brum, editado pelo Arquipélago Editorial, Porto Alegre. Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter documental. Segundo a qual, três aspectos devem merecer atenção especial por parte do investigador: a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise, de acordo com Godoy (1995).

A análise qualitativa dos dados seguiu as seguintes etapas: *Leitura do livro Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro* e seleção dos quatro trechos que serão analisados. Logo em seguida a compreensão e relação da perspectiva bakhtiniana de linguagem com o livro e a relação da escrita de Brum com os conceitos bakhtinianos. Na sequência é feita uma breve linha cronológica da história do jornalismo no Brasil passando pelas diversas transformações sociais e tecnológicas, além da explanação sobre a função social do jornalista, a definição de gêneros jornalísticos e a reportagem. Também é destacado o conceito de fake news e como isso interfere na apuração jornalística. Ao final temos a análise do corpus relacionando a escrita de Brum com a teoria bakhtiniana.

Esta dissertação divide-se em três capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo traz a explicação da teoria bakhtiniana. O segundo capítulo traz os conceitos dos gêneros jornalísticos e em especial sobre a reportagem, além de contextualizar os procedimentos metodológicos e a análise dialógica do discurso de Bakhtin e o Círculo. O terceiro capítulo apresenta, além da descrição do livro, a análise dos trechos selecionados e, ao final, seguem as referências e os anexos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta parte da pesquisa são apresentados os conceitos da teoria bakhtiniana. Mikhail Bakhtin e o Círculo apresentam características que vão nortear a pesquisa, pois em todos os campos da atividade humana existe o emprego da linguagem, que pode se manifestar de diversas formas, como por exemplo, os gêneros discursivos.

Todo pensamento através da linguagem implica uma responsividade e conseqüentemente um juízo de valor. Para compreender o texto, o filósofo russo explica que a reação pede uma compreensão responsiva ativa. Para Bakhtin (2016, p. 11), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” e o homem age através da linguagem, mas para que isso ocorra na comunicação é preciso que os participantes estejam envolvidos em um contexto sócio-cultural e econômico. Para Bakhtin é preciso entender que a língua é manifestada através de enunciados.

Compreender a teoria bakhtiniana implica diretamente em aprender os conceitos dos gêneros do discurso. De acordo com Brasil (1996), os gêneros do discurso são objeto de estudo no contexto escolar no ensino de Língua Portuguesa dentro dos Parâmetros Nacionais Curriculares. Fiorin (2011) aponta que a abordagem bakhtiniana foi inserida a partir dos PCN's, mas o estudo sobre gênero já era discutido antes desse período.

Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem. Seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação. (FIORIN, 2011, p. 52).

Machado (2005) exemplifica que o estudo sobre gêneros discursivos não é algo novo, pois a obra de Aristóteles é clara neste sentido, pois os gêneros eram classificados em sérios, epopeia e a tragédia, e gêneros burlescos, a comédia e a sátira. Já Plantão, em *A República* destacou o estudo de gêneros em uma tríade: o gênero mimético ao dramático pertencem a tragédia e a comédia, já os gêneros expositivos ou narrativos abrangem o novo e a poesia e por sua vez o gênero misto abarca a epopeia. “Essas são as linhas gerais da base teórica consolidada e que até

hoje orienta a análise de tudo o que se entende como gênero” (MACHADO, 2005, p. 152).

A autora explica que o estudo que Mikhail Bakhtin desenvolveu acerca dos gêneros discursivos não considera apenas o tipo do gênero, mas também o seu dialogismo dentro do processo comunicativo, pois nesta etapa as relações interativas são processos produtivos da linguagem e da mesma forma que a cultura é atravessada por modificações o mesmo acontece com os gêneros discursivos, pois “as formas discursivas também são suscetíveis de modificações.

De acordo com Machado (2015, p. 161) para Bakhtin “os gêneros discursivos sinalizam possibilidades combinatórias entre as formas da comunicação oral imediata e as formas escritas”.

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintaxe). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos certo volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p. 39)

Sobral (2009) ressalta que a filosofia do ato ético do escritor russo reflete as ações do ser humano no mundo social e histórico sujeito a mudanças. Dentro dessa interação discursiva ocorrem os enunciados entendidos por Bakhtin e o Círculo como gêneros do discurso e por isso há a riqueza e infinidade de gêneros discursivos:

A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. (BAKHTIN, 2016, p.12).

Brait (2006, p. 9) destaca a riqueza da análise dialógica do discurso de Bakhtin pois hoje o pensamento bakhtiniano representa “uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana”.

Para entender os gêneros discursivos, a análise de Bakhtin vai ao encontro das particularidades discursivas que apontam contextos amplos e dentro dessa infinidade, é possível classificar os gêneros primários e os gêneros secundários. O primeiro refere-se ao vínculo imediato com a realidade concreta e estão relacionados com a comunicação discursiva imediata, ou seja, com o cronotopo, que é a relação de tempo e espaço de um enunciado. São menos elaborados e atendem às necessidades no momento.

Já os gêneros secundários são mais elaborados e não estão estritamente ligados ao seu local de realização. Estes estão presentes em um convívio cultural mais complexo, como por exemplo, no gênero jornalístico reportagem, pois engloba falas e fatos dentro de diversos contextos. Podemos destacar que o livro analisado nesta pesquisa se caracteriza por ser um suporte e a reportagem pode ser entendida como um gênero secundário.

O gênero é uma forma aglutinadora e estabilizadora dentro da linguagem e cria um modo de organizar ideias. Ele é vivo e moldável de acordo com a situação em que é apresentado. Bakhtin (2003) determina que o gênero faz a orientação do uso da linguagem e acumula várias gerações de enunciadores.

Outro ponto de destaque na questão dos gêneros discursivos é a sua heterogeneidade, pois realizam funções comunicativas diferentes e têm uma funcionalidade. Para Bakhtin, o gênero é a realização do enunciado e para compreender os gêneros discursivos é preciso antes compreender as características do enunciado.

Conforme Bakhtin (2016) define que os gêneros discursivos são “tipos relativamente estáveis de enunciados” que possuem conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Além disso, a língua é utilizada em forma de enunciado concretos, orais ou escritos. Rojo (2005, p. 196) ressalta que as três dimensões dos gêneros discursivos são indissociáveis, e as define como:

- os *temas* – conteúdos **ideologicamente** conformados – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através dos gêneros.
- os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (*forma composicional*)

- as configurações específicas das unidades de linguagem, **traços da posição enunciativa** do locutor e da forma composicional do gênero (marcas linguísticas ou *estilo*)

Aprofundando esse conceito, o conteúdo temático está relacionado ao assunto do texto, a construção composicional está atrelada à sua estrutura e reforça o tom do enunciado expresso pelo falante e o estilo são os recursos lexicais, gramaticais e fraseológicas que são os recursos expressivos que marcam a entonação dada ao enunciado. Fiorin (2011) discutindo a teoria apresentada por Bakhtin complementa:

O estilo é um dos componentes do gênero. Há, assim, um estilo do gênero e, dentro do gênero, podem aparecer os estilos que criam os efeitos de sentido de individualidade. Assim, como existe uma constitutividade dialógica do estilo, que não se mostra num estilo, mas é percebida pelas vozes em diálogo numa dada formação social, há também um dialogismo estilístico mostrado. Pode-se parodiar um estilo ou estilizá-lo. (FIORIN, 2011, p.41)

O estilo não é reduzido ao gênero, mas apresenta peculiaridades próprias do narrador e é determinado por tipos de construções, conjuntos e acabamentos, além dos tipos de relações com os falantes e outros membros da interação discursiva.

Bakhtin ressalta que qualquer ato humano está relacionado ao tempo, pois o mesmo texto pode ser lido várias vezes ao longo dos anos, o conteúdo de alguma maneira não é mais o mesmo, pois o gênero discursivo é mutável.

Isso ocorre por uma questão cronotópica, a relação de tempo e espaço, com o texto muda com o passar dos anos. O filósofo da linguagem defende que o estilo está sempre ligado ao gênero discursivo. Isso fica claro na citação abaixo:

Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2016, p. 12)

Para Bakhtin qualquer texto ou fala é um enunciado e o gênero é um conjunto de enunciados relativamente estáveis, pois é preciso considerar a historicidade do gênero, ou seja, a sua mudança. Outro ponto de destaque dentro da teoria bakhtiniana é que há uma heterogeneidade de gêneros, ou seja, realizam funções comunicativas diferentes e têm funcionalidades distintas.

No próximo tópico serão apresentados os as definições sobre a concepção dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e o Círculo. Na concepção bakhtiniana, o dialogismo não é apenas a referência de um texto ao outro, mas as relações dialógicas entre os textos permitem que as vozes se expressem.

Dentro da concepção dialógica de linguagem, essas vozes podem ser textuais, no diálogo face a face e a todo o momento são constituídas de convicções e experiências anteriores.

1.1 A concepção dialógica da linguagem

A linguagem é considerada o princípio unificador de toda a obra de Mikhail Bakhtin. Para o teórico russo, a língua em seu uso real é dialógica. Na constituição do texto está a relação dialógica, ou seja, está o sistema da linguagem e a palavra sempre perpassa outras palavras. Bakhtin explica a diferença entre dialogismo e polifonia.

O dialogismo é compreendido pela relação das vozes que se relacionam e a polifonia está ligada ao gênero romanesco. O que diferencia é a amplitude do diálogo. Maciel (2016, p. 8) aponta que “o dialogismo já se faz presente na interação entre quaisquer vozes, a polifonia depende da amplitude das ideias que se discute.

Sobral (2009) recorda que o dialogismo no contexto russo surgiu na década de 1920 e naquela época passou a ser observado como objeto de estudo científico devido às circunstâncias intelectuais e políticas da época:

Esse interesse, que não marcou apenas as obras do Círculo, começou pelo diálogo verbal face-a-face, e, portanto, pela interação tal como então entendida, numa época em que ainda predominava na União Soviética a linguística histórico-comparativa, dedicada ao estudo das leis fonéticas (SOBRAL, 2009, p. 21).

O autor afirma que o dialogismo é um conceito amplo de cunho filosófico, discursivo e lexical, pois designa o modo de agir dos sujeitos dentro do enunciado. Brait (2006) enriquece a explicação sobre dialogismo resgatando que o pensamento bakhtiniano não descarta qualquer tipo de discurso e leva em consideração a sua concepção social e histórica:

Quando, em 1979, aparece a obra *Estética da criação verbal* – reunião de um conjunto de escritos de diferentes épocas, de 1919 a 1974, e a que o autor na verdade não deu acabamento final –, de fato, a ideia de um pensamento bakhtiniano se concretizou, assim como o de uma teoria/análise dialógica do discurso. Os conceitos de enunciado, comunicação verbal, gêneros discursivos, formas e concepções de destinatário, esferas da atividade humana, texto e, ainda, observações sobre a epistemologia das Ciências Humanas dão continuidade e dialogam com conceitos iniciados em obras anteriores, em momentos anteriores, preenchendo aparentes lacunas. (BRAIT, 2006, p. 26)

Fiorin (2006, p. 169) destaca “as unidades da língua são neutras, os enunciados contêm necessariamente emoções, juízos de valor, expressões” e para Bakhtin o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem, pois a relação dialógica é uma relação que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Sendo que a primeira característica do enunciado é ter um ator e esse revela uma posição de autoria.

Nas palavras de Bakhtin (2016, p.76) “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*”. O dialogismo está presente em todas as falas ou textos e em todos os enunciados.

Por meio dos gêneros discursivos, o autor expressa a sua visão de mundo e seu posicionamento no texto. Bakhtin (2012, p.19) determina que cada indivíduo é único no mundo e exprime uma identidade própria, pois “A singularidade de cada um, a sua unicidade, a sua insubstituibilidade, a peculiaridade das suas relações, dos seus vividos, das suas coordenadas espaço temporais e axiológicas”.

Outra característica nas relações dialógicas são os elos antecedentes e os elos futuros. Bakhtin determina que todas as relações e interações são dialógicas, pois a todo o momento o ser humano produz, reproduz e reage a inúmeros enunciados ao longo de sua vida.

Diálogo, no sentido bakhtiniano, não está ligado apenas à interação face a face, pois o indivíduo ao participar do dialogismo também produz enunciados em sua mente. Nele estão inclusos sua visão de mundo, seus valores e ideologias.

Dentro da perspectiva dialógica da linguagem é preciso entender o conceito do enunciado e suas peculiaridades, como por exemplo, o enunciado é único e irrepetível. O diálogo também pode ter múltipla vozes e a sua compreensão é sempre dialógica.

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente (BAKHTIN, 2016, p. 101)

Para Bakhtin o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva sendo que cada enunciado constitui um novo acontecimento, um novo desdobramento. Ele nasce na inter-relação discursiva, pois já há respostas, valores e visões dentro de cada enunciado. Aqui podemos destacar que o enunciado não abarca apenas as questões linguística e gramatical, mas também o contexto social e histórico em que está inserido:

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo. (Bakhtin, 2016, p. 57).

O enunciado não é neutro e é representado por ecos devido a alternância de sujeitos que o ocupam. Volóchinov (2017, p. 236) corrobora para a avaliação feita pelos enunciados: “Não existe um enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isto, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia”.

Para compreender de forma mais aprofundada a questão do enunciado, Bakhtin elenca três peculiaridades constitutivas: a alternância de sujeitos, a conclusibilidade específica e a relação do enunciado com o próprio falante dentro de interação discursiva.

No primeiro destaca-se a divisão de falas entre os sujeitos sendo que esta pode ser feita em uma conversa informal ou em uma entrevista, por exemplo, pois na perspectiva bakhtiniana de linguagem, todo enunciado precisa de uma resposta que é um ato de valoração sobre o enunciado do outro.

A conclusibilidade específica refere-se a todo o conteúdo que foi dito em um enunciado. Já a terceira pode ser vista em dois aspectos: a relação do falante com o seu enunciado e a relação do enunciado com os demais participantes.

Dentro da conclusibilidade específica, Bakhtin ainda detalha outros três pontos para compreender melhor os enunciados. São esses: a exauribilidade do objeto e do sentido, o projeto discursivo do enunciador e as formas composicionais típicas de gênero e acabamento.

De acordo com o filósofo russo, exaurir um objeto é esgotar determinado assunto ou tema. Já o projeto discursivo refere-se ao papel do enunciador e é isso que determina a alternância de sujeitos dentro da interação discursiva. Quando ele vai escrever ou falar algo, a mensagem é carregada de valores e ideologias. Bakhtin explica que o projeto discursivo é uma das características que orienta a alternância de sujeitos.

As formas composicionais típicas de acabamento determinam como moldamos nosso enunciado a determinado gênero, pois ao seguir as características do gênero o trabalho do enunciador fica mais fácil e claro.

Fiorin (2011) interpretando a teoria bakhtiniana explica essa delimitação entre os falantes:

Um enunciado está acabado quando permite uma resposta de outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema. (FIORIN, 2011, p. 21)

A perspectiva bakhtiniana de linguagem compreende que o texto é um enunciado e envolve aspectos ideológicos. De acordo com Fiorin (2011), a compreensão de um texto implica em uma *responsividade*, ou seja, para Bakhtin o ouvinte ou o leitor ao receber e compreender a significação linguística de um texto,

adota ao mesmo tempo, em relação a ele, uma atitude responsiva ativa: concorda ou discorda, total ou parcialmente; completa; adapta; etc.

Sobral (2009) elenca que o discurso precisa de quatro elementos: a avaliação do locutor, a avaliação do ouvinte, a resposta do locutor e a resposta do ouvinte. Dentro dessa interação as respostas que surgem dependem da posição, do papel social dos protagonistas do discurso e das relações sociais que eles já vivenciaram para compor o cenário. Cabe destacar que todo ato (verbal ou não) traz um tom avaliativo pelo qual o sujeito se responsabiliza

A entoação avaliativa e a responsividade ativa são assim atitudes vitais presentes em todo ato e em toda enunciação, vinculados com todo processos de apropriação social e histórica pelos sujeitos. (SOBRAL, 2009, p. 88)

Para Bakhtin todo enunciado é dialógico. Não há uma linha linear do discurso e a linguagem não tem um ponto de partida ou um final. A palavra representa uma resposta à palavra do outro e assim um enunciado reporta-se para outro enunciado. O filósofo e pensador russo defende que o receptor da mensagem não recebe apenas o texto, mas age como peça fundamental dentro da relação discursiva:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Bakhtin (2016) explica que a linguagem permeia todos os campos da atividade humana e a língua é empregada em formato de enunciados. O filósofo russo também destaca que esses são gêneros mais complexos, pois trazem elementos dos gêneros primários e surgem de um convívio cultural.

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, os gêneros do discurso. Bakhtin (2016) explica que diferente da língua, os gêneros discursivos são mais mutáveis, flexíveis e plásticos.

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são a corrente de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem (Bakhtin, 2016, p.20). Bakhtin explica que nenhum fenômeno pode integrar a língua sem passar pelo

processo de elaboração e experimentação de gênero e estilo. Ressalta que o estilo acontece na relação dialógica mantida entre o enunciador e o grupo social:

O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma atípica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica que lhe é inerente. No gênero a palavra ganha certa expressão típica. Os gêneros correspondem a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas. (BAKHTIN, 2016, p. 52)

Bakhtin (2016) afirma que todo o estilo está ligado ao enunciado e suas formas, ou seja, aos gêneros discursivos. Dentro do estudo sobre gênero discursivo é preciso aprender sobre os tipos de discursos e Volóchinov (2017) enfatiza que:

O discurso alheio é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado. Tudo aquilo sobre o que falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249).

Quando falamos sobre discurso também estamos falando sobre enunciados e diante disso Volóchinov explica que o discurso alheio é independente dentro da construção discursiva e semântica, mas sem destruir o elo discursivo que o assimilou. Com isso destacamos que a compreensão do enunciado depende dos conhecimentos prévios que o receptor tem. Para Bakhtin (2016, p. 64.) “a posição social, o título e o peso do destinatário, refletido nos enunciados dos campos cotidianos e oficiais, são de índole especial”.

Dentro de cada enunciado é possível perceber a intenção discursiva e o estilo na perspectiva bakhtiniana de linguagem é determinante, todo autor tem seu próprio estilo ao fazer a escolha das palavras que serão escolhidas.

Segundo Bakhtin, é o estilo que modula de acordo com o gênero escolhido e está relacionado a todos os componentes da interação discursiva, pois o ouvinte não é passivo. Ele tem uma ativa posição responsiva. Sobral (2009) explica que Bakhtin sempre privilegia a situação concreta da ocorrência dos fatos:

As práticas supõem grupos humanos, não sujeitos isolados; supõem situações concretas e sujeitos concretos; supõem ainda

a intencionalidade do sujeito de realizar atos e a sua realização concreta de acordo com formas feitas de realização, ainda que sempre em realização individual-relacional. Para Bakhtin, que fala de “atos de nossa atividade”, há atividades-tipo, os atos/atividades, ou seja, conjuntos globais de atos, e atos-ocorrência, atos/feitos, ou seja, ocorrências singulares de atos, organizados contudo segundo atos/atividades (Sobral, 2019, p. 29)

Fiorin (2011) destaca também que a teoria bakhtiniana traz a historicidade dos enunciados estão ligadas ao movimento linguístico da sua constituição:

A historicidade dos enunciados é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição. É na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a História que perpassa o discurso. Com a concepção dialógica, a análise histórica dos textos deixa de ser a descrição de uma época, a narrativa da vida de um autor, para se transformar numa fina e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc. (FIORIN, 2011, p.49)

De acordo com Sobral (2009, p, 30) são destacados os termos, como por exemplo, a ética, responsabilidade e responsividade, pois o sujeito dentro do processo discursivo precisa tomar decisões éticas e “para Bakhtin o conteúdo ou sentido das decisões éticas está intrinsecamente ligado ao processo de decisão e portando, à “situacionalidade” do agente”. Nessa perspectiva bakhtiniana, cada sujeito ocupa um lugar ímpar, peculiar, irrepitível, insubstituível no mundo. Olhando a partir da perspectiva do sujeito dentro da relação discursiva, é preciso destacar os conceitos de dialogismo e de interação, pois a todo o momento aos agentes dos enunciados são atribuídas diversas percepções de sentido.

1.2 O dialogismo e a interação

Todo enunciado é dialógico e histórico. Como já visto acima, a enunciação produz enunciados e o dialogismo designa a condição essencial do próprio ser e agir dos sujeitos e sua capacidade de produção de enunciados e discursos. Fiorin (1996 p.131) explica que "o fundamento da discursividade, o modo de funcionamento da linguagem, é o dialogismo, mostra que a interação iniciativa tem um caráter constitutivo"

Sobral (2019) destaca, de acordo com a teoria bakhtiniana, que a valoração e avaliação que o agente faz do próprio ato é um elemento unificador dos atos de sua atividade. Dentro do ato ético, Bakhtin elenca o ato responsável. O neologismo propõe a centralidade do agente em sua relação ética com outros agentes e sua forma de agir no mundo concreto, social e histórico (Sobral, 2008). Sendo assim nos textos bakhtinianos, o ato ético também pode ser lido e compreendido como o ato responsável ou o ato responsável.

Falar sobre ato responsável é falar sobre ações concretas, ou seja, atos que envolvem os agentes dentro da interação discursiva. Sobral (2009) defende que há vários graus de dialogismo e a concepção dialógica sustenta que o locutor altera e modula a sua fala e modo de dizer de acordo com a “imagem presumida”. A interação é radicalmente dialógica e se inicia com o discurso interior de cada pessoa e nunca termina. Isso fica claro em:

Chamo sentido ao que é resposta a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido. [...] O sentido sempre responde a uma pergunta. O que não responde a nada parece-nos insensato, separa-se do dialógico (BAKHTIN 1997, p. 386)

O sentido é fruto da interação entre o ouvinte e o receptor. Em todo enunciado dialógico são atribuídas percepções de sentidos. Com isso a interação é o processo repetitivo de produções de sentidos e envolve vários níveis. Volóchinov (2017) explica que o enunciado é determinado de modo mais próximo pelos participantes do enunciado e o contexto social mais próximo determinará os ouvintes. Conseqüentemente, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua. Esse é um processo ininterrupto por meio da interação sócio discursiva dos falantes.

Dentro das características do dialogismo está a subjetividade e esse conceito vai constituindo-se ao longo dos anos, pois o indivíduo passa por relações de concordância ou discordância frente aos inúmeros enunciados.

Para entender o conceito de dialogismo é preciso entender o conceito da interação, e para isso o Círculo apresenta níveis: o intercâmbio verbal, o contexto imediato do intercâmbio social, o nível do contexto social mediato e o nível do horizonte social e histórico mais amplo.

O primeiro refere-se a nível mais limitado por ser apenas verbal entre ao menos dois sujeitos. Já o contexto imediato apresenta, além das características pessoais, há também aspectos sociais e históricos dos sujeitos envolvidos.

O contexto social mediato envolve o domínio das esferas da atividade, como por exemplo, o lugar em que ocorre essa interação discursiva. O contexto é mais visível para todos dentro da interação discursiva:

Estão presentes a esse nível as determinações conjunturais, o ambiente cultural específico, e a situação particular desse ambiente, as relações entre grupos sociais em que se divide a sociedade e outros elementos sociais que incidem sobre o modo de ser da interação. (SOBRAL, 2009, p. 43)

O quarto nível do horizonte social e histórico mais amplo abrange a cultura em geral e as relações entre culturas. Sendo assim, a interação de acordo com o Círculo está presente em todas as situações pessoais, sociais e históricas dos participantes. O conceito de dialogismo está vinculado indissolivelmente a interação e somente com a interação é possível ter a base do processo de produção dos discursos.

Além disso, é na interação verbal que se dá a relação entre indivíduos organizados socialmente e também é onde se constitui a existência da língua. Grillo (2006, p. 136) destaca que o conceito de interação verbal concentra os aspectos da teoria dialógica da linguagem elaborado por Bakhtin e o Círculo “a relação do enunciado com o contexto social imediato e amplo, o modo de constituição da subjetividade na intersubjetividade e a delimitação do conteúdo temático”. O conteúdo temático para Bakhtin é sobre o que o texto fala.

Para o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso no enunciado. A linguagem é definida a partir dessa cadeia de enunciações que são constituídas por sujeitos. Este é o item que será analisado a seguir, pois o sujeito só vem a existir dentro da relação com outros sujeitos e só age em relação aos atos do outro. A relação não é abstrata.

1.3 O sujeito no Círculo de Bakhtin

Os conceitos de dialogismo e interação existem por meio dos sujeitos. São eles que são a base dos sentidos nas relações discursivas. Bakhtin afirma que todo sujeito é individual e traz sua assinatura dos atos que pratica ao longo da vida e no contato

com outros sujeitos e qualquer relação entre ao menos duas pessoas já é um evento social e nessa relação já há um acontecimento histórico na sociedade. Também não há uma uniformidade do sujeito nas relações discursivas:

O sujeito se divide em múltiplos papéis, nos termos de suas relações sociais, e a sociedade se divide em múltiplos grupos e segmentos nos termos das relações entre esses grupos e segmentos. Há assim a integração entre o domínio da construção ideológica do psiquismo e o domínio da participação do psiquismo na construção ideológica da realidade que podemos perceber nos signos da linguagem, nas representações do mundo pela linguagem (SOBRAL, 2009, p. 48)

Para o Círculo, o sujeito apresenta três características: a constituição psíquica, a subjetividade e o agir segundo uma avaliação ou valoração dentro dos enunciados. Bakhtin também destaca o ser humano como um evento único e que tem singularidade. Tais características são observadas em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, escrito por Mikhail Bakhtin no início do século 20.

Sobral (2009) interpretando a teoria bakhtiniana destaca que cada sujeito faz uma avaliação responsável, ou seja, avaliar de forma singular supõem uma visão do mundo e além de mostrar-se diante do outro como alguém que assume aquilo que faz. Para Bakhtin, são destacados no sujeito o caráter da responsabilidade e da responsividade, pois ele é essencialmente responsável pelo que faz e pelas suas relações sociais e históricas.

O valor do ato é o valor que ele tem para o agente no momento do agir, sempre nos termos de uma dada interação de que ele participa, com base na totalidade de suas relações sociais, em vez de um valor absoluto, um valor em si, fora de contexto, que se impusesse a todos os sujeitos indistintamente (SOBRAL, 2009, p. 59).

Todo discurso traz consigo a valoração do autor, ou seja, o seu posicionamento ideológico diante daquele discurso. A entoação avaliativa e responsividade ativa são pontos vitais dentro do enunciado concreto. O enunciado concreto está vinculado ao processo de apropriação social e histórica. Isso fica claro quando Sobral (2009) destaca que Para Bakhtin e o Círculo a língua é o lugar do exercício social e histórico e é nesse campo que ocorrem as interações.

A interação é dialógica e o discurso não é algo acabado, pois o Círculo vê o sentido do discurso como um processo contínuo e com isso existe uma permanente negociação e regulação de sentidos, pois sempre o discurso é alterado, modulado, adaptado e percebido pelos participantes do processo comunicativo.

Sobral (2009) destaca que, nessa perspectiva teórica, a interação envolve três aspectos: a presença das partes implícitas e explícitas do discurso, a intertextualidade, ou seja, os discursos dentro dos outros discursos e a presença de gêneros em outros gêneros.

O sujeito da enunciação é um sujeito concreto, ou seja, é constituído um personagem para ele, um papel na situação em que ele está. O enunciado é formado por duas características: aquilo que é dito e o que é presumido.

O início e o fim do acontecimento narrado (representado) e o início e o fim da narração (representação) desse acontecimento são acontecimentos completamente diversos, situados em diferentes universos e, antes de tudo, em diferentes cronotopos: no cronotopo das personagens, no cronotopo do autor (narrador) e no cronotopo do ouvinte (ou leitor) (BAKHTIN, 2018, p. 238).

Quando falamos em gêneros discursivos a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem estamos falando de algo que é ao mesmo tempo estável e mutável. Estável, pois tem características próprias e mutável de acordo com as condições sociais e a proposta comunicativa do autor.

O texto é a realidade imediata e dois elementos o determinam como enunciado: a sua ideia e a realização dessa intenção. A seguir vamos destacar um conceito da textualidade bakhtiniana: a responsividade. Bakhtin aponta que a vida do texto está no intervalo de duas consciências.

Para destacarmos a responsividade dentro do texto é preciso ressaltar que a compreensão de uma fala é carregada de valor. Para Bakhtin, tal compreensão é embutida de responsividade. O ouvinte ou leitor, ao receber e compreender um texto, passa a adotar uma atitude responsiva ativa, pois pode haver a concordância ou a discordância do enunciado.

Bakhtin determina que toda compreensão é carregada de resposta, seja ela positiva ou negativa. A responsividade está presente no texto e reitera a realidade imediata.

O enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. (BAKHTIN, 2016, p. 62)

Para que essa relação entre os falantes ocorra, é preciso da inter-relação do texto e do contexto no qual está inserido. A partir daí destaca-se o pensamento axiológico que reproduz esse enunciado reagindo a ele de diversas formas: comentando, recriando, avaliando, etc.

A dimensão axiológica é uma teoria filosófica e está atrelada aos valores morais e éticos. Essas constantes transformações mostram que o enunciado não é apenas um reflexo, mas sempre cria algo que não existia antes dele.

Bakhtin (2010) em *Estética da Criação Verbal* destaca que nesse processo de criação e reação dos falantes sobre os enunciados, existe uma característica da responsividade: a bivocalidade. É possível ter mais de uma reação diante dos enunciados. O filósofo russo ressalta:

Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais [...], quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. Toda observação viva, competente e imparcial feita de qualquer posição e de qualquer ponto de vista sempre conserva o seu valor e o seu significado. (BAKHTIN, 2010. p. 330).

Sendo assim, a responsividade envolve o conteúdo do ato ético e carrega a valoração e avaliação do agente. Dentro do ato ético está envolvida a estética que se refere à criação individual. Na concepção estética bakhtiniana, a palavra tem uma relação de sentidos e valores no texto. Valor para Bakhtin está diretamente relacionado à posição axiológica, pois esta é a forma de ver e pensar o mundo.

o estilo artístico não trabalha com palavras, mas com elementos do mundo, com valores do mundo e da vida; esse estilo pode ser definido como um conjunto de procedimentos de informação e acabamento do homem e do seu mundo, e determina a relação também com o material, a palavra, cuja natureza,

evidentemente, deve-se conhecer para compreender tal relação (BAKHTIN, 2003, p.180).

Faraco (2011) explica que a estética está ligada na história e na cultura e está em um plano axiológico. Já destacamos anteriormente que o conceito de axiologia está relacionado diretamente ao estudo filosófico de valores e dentro do contato imediato com o texto é possível verificar outros dois conceitos bakhtinianos: o cronotopo e a exotopia que serão vistos a seguir.

Quando mencionamos o processo de compreensão do enunciado, Volóchinov (2018) enfatiza que isso está diretamente ligado à mobilidade dos signos e a constituição do significado é baseada na língua e nos discursos entre os falantes.

1.4 O cronotopo e a exotopia

Esses são elementos indissociáveis do texto para explicar a relação de tempo e espaço nos enunciados. Amorim (2018, p. 95) explica que: “o primeiro foi concebido no âmbito estrito do texto literário; o segundo refere-se à atividade criadora em geral”.

A autora ressalta que a exotopia foi relacionada inicialmente às atividades estéticas e mais tarde passou para a atividade de pesquisa da área de Ciências Humanas, pois elas são a ciências do texto no qual o homem é de fato um sujeito ativo, produtor, falante de textos e isso confere um caráter dialógico.

O valor conceitual de exotopia para Bakhtin também é analisado a partir da compreensão do texto do outro e trata da criação do indivíduo. A criação estética sempre implica um movimento duplo: enxergar com o olhar do outro e retornar para si. Ao analisar o conteúdo é preciso que o sujeito recorra a outros materiais. A exotopia também pode designar uma posição no tempo, mas também a ênfase na questão espacial, pois está diretamente relacionada às camadas que são inseridas dentro do contexto. Isso fica claro em:

O espaço é a dimensão que permite fixar, inscrever o movimento ou, dito de outra forma, a dimensão em que o movimento pode se escrever e deixar suas marcas. A fixação é o resultado de todo trabalho de objetivação, seja científico ou artístico, pois esse trabalho distingue dois sujeitos e duplica seus respectivos lugares: o daquele que vive no instante e no puro devir e o daquele que lhe empresta um suplemento de visão por estar justamente de fora. (AMORIM, 2018, p. 101)

A partir daí o acontecimento que o autor participa já é outro: a do pensamento. O autor passa a ocupar um lugar único e singular no qual ele toma atitudes responsivas como visto anteriormente. Essas questões próprias do autor estão intrínsecas a sua objetivação e para além da sua visão são acessíveis apenas pela exotopia e, conseqüentemente, caracterizam o estilo do autor no enunciado

Bakhtin também explica que a questão do cronotopo vem das palavras gregas (*crónos* = tempo e *topos* = espaço). Esse conceito está ligado a uma produção histórica e destina-se ao lugar coletivo no qual várias histórias são contadas ou escritas. Isso reforça o que já destacamos anteriormente sobre gêneros discursivos que são formas ricas e diversas pois são inesgotáveis devido ao que Bakhtin (2019, p. 12) considera “multifacetada a atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso” Fiorin (2011) também destaca que:

As pessoas organizam o universo de sua experiência imediata com imagens do mundo, criadas a partir das categorias de tempo e espaço, que são inseparáveis. Esses conceitos têm natureza histórica, pois diferentes povos têm formas distintas de conceber o tempo e o espaço. Para uns, por exemplo, o tempo era cíclico; para outros, o tempo era linear e irreversível. (FIORIN, 2011, p.109)

Amorim (2018, p. 102) também elenca que os cronotopos dentro da literatura se realizam a partir da “fusão dos índices espaciais e temporais de um todo inteligível e concreto” e Bakhtin explica como isso é inserido na relação do espaço:

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 1998, p.211).

Machado (1999) reforça que a concepção do ato dialógico ocorre na determinação de um espaço-tempo que é a elaboração central do pensamento bakhtiniano com o foco em firmar o dialogismo como ciência das relações:

Somente enquanto unidade espaço-temporal é possível realizar o mapeamento das enunciações em seu movimento interativo, sem correr o risco de encerrar o processo dialógico num território fixado e demarcado de uma vez por todas. MACHADO (1999, p. 226)

A autora destaca que é a partir do cronotopo que há o mapeamento das relações dialógicas como representação das diferentes visões de mundo:

Isso é o que podemos encontrar na análise que Bakhtin apresenta sobre os grandes cronotopos do romance, em que as representações do homem e de sua palavra criam imagens da linguagem seja na aventura, na biografia, no lídio. Entendido como unidade do espaço-tempo, o cronotopo é princípio organizador dos fenômenos artísticos que são assim oferecidos como construção, definidos pelo confronto das relações” (MACHADO, 1999, p. 229-230)

Bakhtin destaca que quando está narrando um fato ou escrevendo algo, passa a permanecer fora do mundo que é representado por ele, pois a identidade absoluta do “eu”, por mais próxima e realista seja do representado, não é idêntica a ele de vista do espaço-temporal que é o mundo real que representa o contexto na qual o autor se baseou. No próximo capítulo são apresentados os caminhos metodológicos da pesquisa e como a teoria bakhtiniana relaciona-se com o jornalismo, os gêneros jornalísticos e em específico com a reportagem.

Também são apresentados a linguagem de Eliane Brum e sua relação com a análise dialógica do discurso, sua visão de mundo que privilegia a descrição de espaços e as relações de poder entre os presidentes que passaram pelo cargo nos últimos vinte anos, além das diversas figuras de linguagem empregadas no texto.

2 METODOLOGIA

Esta seção aborda os conceitos dos gêneros jornalísticos sob o enfoque teórico dos teóricos da Comunicação, em especial a reportagem, além de contextualizar os procedimentos metodológicos e a análise dialógica do discurso de Bakhtin e o Círculo.

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter documental. Godoy (1995) comenta que esse tipo de pesquisa data do século XIX. Sua principal característica é descrever. “O ambiente e as pessoas inseridas nele devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo” (GODOY, 1995, p. 62).

Neste tipo de pesquisa, o investigador deve ficar atento a três aspectos fundamentais: a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise. A análise qualitativa dos dados da pesquisa foi realizada da seguinte forma: leitura do livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro* para a compreensão do conteúdo e escolha dos trechos que serão analisados.

Logo em seguida a explanação sobre gêneros jornalísticos, em especial a reportagem, além da compreensão e relação da perspectiva bakhtiniana de linguagem com o livro analisado e a relação da escrita de Eliane Brum com os conceitos bakhtinianos.

2.1 A função social do Jornalismo

O Jornalismo pode ser definido como um sistema de técnicas, saberes e éticas buscando a veracidade dos fatos e a agilidade no compartilhamento da notícia. A história do Jornalismo no Brasil no último século passou por transformações econômicas, sociais e tecnológicas. Há 100 anos, a difusão de conteúdo era via rádio.

O aparelho foi difundido no país em 1922 pelo médico e escritor Roquette Pinto e é considerado o pai da radiodifusão no Brasil. No ano seguinte ele criou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro com o objetivo de disseminar a educação por meio do rádio. Além do rádio, eram poucas as revistas e jornais em circulação.

Três décadas mais tarde, em 1950, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand traz a televisão ao Brasil. Na época, ele era considerado um dos homens públicos mais influentes do país entre os anos de 1940 e 1960, além de ter

sido o dono dos Diários Associados, o maior conglomerado de mídia da América Latina, com mais de cem jornais, emissoras de rádio, televisão e revistas.

Sodré (1983) destaca no livro História da Imprensa no Brasil como se deu a evolução da história dos meios de comunicação do Brasil. O escritor aponta que até o final do século XIX, a produção da imprensa brasileira era feita de forma artesanal, com poucas tiragens de jornais devido à escassez financeira da época.

Com isso, os dois marcos feitos por Roquette Pinto e Assis Chateaubriand abrem uma fase importante da Revolução Industrial marcada pela tecnologia no campo científico. A produção de conteúdo para a rádio e a TV passou a ser produzida de forma mais rápida e em menor tempo, além da propagação da informação para mais pessoas.

A partir dos anos 2000 e a era da internet, o acesso à informação também alterou nos últimos anos o acesso e a forma de difundir o conteúdo. Hoje as notícias podem ser acessadas por meio de tablets, smartphones e estão sendo compartilhadas em grupos de mensagens.

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells, um dos principais pesquisadores da era da informação e das sociedades conectadas em rede, essa mudança se dá de forma orgânica e rápida:

O que é irreversível no Brasil como no mundo é o empoderamento dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo sabemos do futuro é o que eles farão. (CASTELLS, 2012, p. 186)

Os anos 2000 foram fundamentais para os desenvolvimentos tecnológicos, acesso à informação, difusão da internet discada e a cabo, inclusão digital de milhares de pessoas e transformou também a política brasileira. Tais mudanças também puderam ser vistas no atual contexto político brasileiro, como por exemplo, na campanha eleitoral.

Há 20 anos as campanhas eram realizadas por meio da propaganda eleitoral gratuita, os debates na TV aberta e a realização de comícios. Hoje, além dessas ferramentas, a internet é a responsável pela massificação de conteúdo.

Outro fator determinante foi a mudança do perfil de consumo da informação e o acesso aos conteúdos pela internet e a política brasileira atravessa diversas mudanças, desde a troca de presidentes, partidos, escândalos de corrupção.

O Jornalismo tem o compromisso com o interesse público, com a democracia e a verdade. A prática da profissão e a cidadania andam lado a lado e atualmente não se crê na “morte do Jornalismo”, mas na construção de novos paradigmas da profissão e na produção de conteúdo em multimídia para as novas gerações. (MELO, 2012). Cidadania, ética, apuração responsável ouvindo todos os lados são funções inerentes à profissão que precisam ser seguidas.

Para compreender a função social do Jornalismo, é preciso resgatar pontos de sua própria história. A prensa foi inventada em 1447 por Johann Guttemberg e, a partir deste momento, a impressão otimiza a técnica de reprodução e também a disseminação de conteúdo.

De acordo com a Associação Nacional de Jornais, os primeiros jornais modernos começaram a circular na Europa em 1609 e naquela época os investimentos eram precários e o número de funcionários para colocar o material em produção também era reduzido.

Esse contexto foi alterado após a Revolução Industrial em 1770 marcado por inúmeras transformações sociais e econômicas, além do desenvolvimento de novas tecnologias para a época. O trabalho, que antes era feito manualmente, passou a ser desenvolvido por máquinas. No âmbito do Jornalismo, os primeiros jornais impressos no Brasil datam do século XIX sendo o primeiro o Correio Braziliense de 1808.

Outros dois adventos no Jornalismo do Brasil foram marcados pelo início do rádio em 1922 por Roquette Pinto e com a televisão em 1950 por Assis Chateaubriand. A produção de conteúdo jornalístico passa a ser feita em grande escala e sendo consumido pelas diversas camadas sociais. Entretanto, a partir dos movimentos em rede e a internet, as redações do jornalismo passam a ficar cada vez menores. Essa mudança surge a partir do início dos anos 2000.

Conseqüentemente, o trabalho da apuração com qualidade fica prejudicado e mesmo que o jornalista se esforce, o fator determinante para o sucesso dele é a notícia. Isso fica claro na afirmação de Noblat (2004): “Quem desejar levar a sério o jornalismo há de se tornar refém de suas leis universais e, até certo ponto, desumanas. Uma delas ensina que a glória de um repórter dura, no máximo, 24 horas”. O consumo de informação também mudou:

O desenvolvimento das tecnologias está alterando o jornalismo, suas práticas e consumo, por um público que tenta avaliar a

credibilidade de informações que lhe são oferecidas em quantidades cada vez maiores e por diversas fontes. (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013, p. 7).

Como já descrito anteriormente, o advento da internet culminou em novos tipos de disseminação de informação. Recuero (2009) destaca que hoje não há apenas máquinas conectadas, mas pessoas que buscam credibilidade atrelada à rapidez da informação. Chauí (2006) destaca que os meios de comunicação em massa podem exercer o poder econômico e ideológico na sociedade:

[...] a capacidade máxima de fazer acontecer o mundo. Ora, essa capacidade é a competência suprema, a forma máxima de poder: o de criar a realidade. E esse poder é ainda maior (igualando-se) ao divino quando graças a instrumentos técnico-científicos, essa realidade é virtual ou a virtualidade é real. O poder ideológico-político se realiza como produção de simulacros. (CHAUÍ, 2006, p. 78)

Para compreender melhor as questões atreladas ao jornalismo, são destacados a seguir os gêneros jornalísticos como campo de estudo e suas divisões.

2.2 Os Gêneros Jornalísticos na esfera da Comunicação

No meio acadêmico e na imprensa, os gêneros jornalísticos precisam ser estudados como fenômeno histórico. Esse campo do jornalismo passou a ser estudado pelo jornalista e escritor francês Jacques Kayser na segunda metade do século XX. No Brasil, os estudos foram ampliados por José Marques de Melo e Luiz Beltrão na década de 60. Uma característica dos gêneros jornalísticos é a sua efemeridade, ou seja, é algo que é passageiro.

um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (MARQUES DE MELO, 2003, p.64)

O gênero jornalístico pode ser identificado quando cria uma “identidade coletiva” entre seu emissor e o seu receptor e tem uma estrutura narrativa própria. McQuail (2003) e Marques de Melo (2010) concordam que os gêneros não são estáticos, pois têm tendência híbrida e dialética.

Gêneros jornalísticos são mutáveis e adaptáveis de acordo com a necessidade. Outro fator relevante é que esse grupo de gêneros atingem um grande número de pessoas através dos meios de comunicação:

O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos (MARQUES DE MELO, 2009, p.35).

Devido à pluralidade de gêneros jornalísticos na esfera da Comunicação, Marques de Melo (2009) elenca a partir dos anos 60 para categorizar os gêneros jornalísticos e seus tipos. São esses:

- 1) Gênero Informativo: Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista;
- 2) Gênero opinativo: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Caricatura, Carta e Crônica;
- 3) Gênero interpretativo: Análise, Perfil, Enquete, Cronologia e Dossiê;
- 4) Gênero diversional: História de interesse humano e História colorida;
- 5) Gênero utilitário: Indicador, Cotação, Roteiro e Serviço

Hoje a comunicação no Brasil ocorre, em sua maioria, por meio das plataformas digitais. Além das diversas transformações que o jornalismo passou nos últimos anos, um assunto que é muito discutido e divulgado são as *fake news*.

Essa expressão surgiu no século XIX e em português significa notícias falsas. A veiculação desse tipo de notificação gera desinformação e indica um problema antigo, mas aumentou com a sociedade conectada em rede (BRITES; AMARAL; CATARINO, 2018). Para Gross (2020) a dificuldade de rastreamento das *fake news* é grande:

i) na internet, os custos e barreiras à entrada para produção e disseminação de conteúdo são radicalmente mais baixos, permitindo uma fragmentação da produção de conteúdo e a transformação de todo usuário da rede em potencial produtor de conteúdo. Ademais, a informação se alastra mais rapidamente e de forma que dificulta seu rastreamento; ii) a Internet facilita o anonimato; iii) por fim, o modo de financiamento da produção e disseminação de conteúdo na Internet é diferente. Na Internet, o consumidor financia o acesso a grande parte do conteúdo não por meio de pagamento direto ao produtor ou disseminador de conteúdo, mas por meio do fornecimento de seus dados (GROSS, 2020, p. 94)

Esse tipo de notícia ganhou força nos últimos anos e viralizou nas eleições de 2018 conforme estudos de (SILVA et al., 2020), pois a campanha do então presidente ocorreu em meio às transformações do ecossistema midiático no qual a campanha do político foi concentrada na internet e nas redes sociais.

Na visão de Nohara (2018), as fake news chegam para milhares de pessoas em questão de segundos nas plataformas digitais e grupos de mensagem. A autora enfatiza que muitos receptores dessas mensagens não checam as informações e acreditam no que escutam concordando com as opiniões veiculadas:

Logo, essa postura de uma humanidade embrutecida, cheia de razão e fechada em pré-compreensões do mundo, pautadas em meras convicções, pouco empenhada em analisar com maior detença às informações existentes, sendo focada muito mais em argumentos que ratificam os pontos de vista iniciais, é avessa à postura dialógica, mais desejável numa democracia (NOHARA,2018, p.81).

A falta de uma postura crítica diante das intencionalidades do texto resulta em um trabalho de compartilhamento e alienação da informação, além de prejudicar o verdadeiro trabalho do jornalista que deve ser pautado na ética e ouvindo todos os lados dessa notícia:

Uma cobertura jornalística envolve tanto as estratégias de apuração, composição e angulação dos assuntos nos materiais produzidos por repórteres e editores, e comumente classificados como sendo informativos/interpretativos (notas, notícias/matérias, reportagens, perfis), quanto o conjunto de produções explicitamente opinativas (editorial, colunas, artigos, blogs etc.) que colaboram para a compreensão do tema ou acontecimento tratado. (SILVA et al., 2020, p. 9).

A cobertura jornalística, seja simples ou não, envolve apuração. Para Noronha (2017, p.47) o princípio da profissão envolve a credibilidade com o seu público. “Em um contexto influenciado pelo positivismo e pela ciência, o jornalismo investe em estratégias de apuração para se aproximar da ‘veracidade’ dos fatos e demarcar seu lugar em uma sociedade aflorante”

Esse breve resumo sobre a história do jornalismo no Brasil e os estudos sobre a disseminação de *fake news* nas plataformas digitais dão suporte para a pesquisa e diferenciam-se dos gêneros do discurso que são estudados na teoria bakhtiniana, pois esses são gêneros do tipo relativamente estáveis, pois como determina Bakhtin (2016, p. 11) os gêneros do discurso “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e estilo da linguagem, mas acima de tudo por sua construção composicional”.

2.3. A reportagem como gênero da esfera jornalística

A reportagem é atrativa, pois é instigante e possibilita diversas visões sobre o mesmo tema e tem características específicas, como por exemplo, objetividade, simplicidade, imparcialidade, linguagem narrativa e universalidade. Tais características são observadas a partir das teorias de Comunicação relacionadas acima.

Olhando a partir dos conceitos bakhtinianos, a reportagem é um gênero discursivo do tipo relativamente estável, pois para Bakhtin o gênero é mutável e pode se adequar de acordo com a situação. Dentro do contexto escolar, o gênero reportagem apresenta-se como opção de desenvolvimento de habilidade de leitura e produção de texto, pois tem uma linguagem acessível e trata de assuntos atuais.

Kotscho (2004), Lage (1989) e Noblat (2008) definem a reportagem como um gênero que é mais amplo que uma notícia no jornalismo diário, pois pode ampliar a visão do jornalista diante do fato e levam a consciência crítica como dimensão da realidade.

Outra característica da reportagem é a busca por temas de relevância social e de grande impacto na população, pois de acordo com Lima (2009, p.18) a grande reportagem é “um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade”.

Para o autor, o leitor amplia o seu olhar e a sua criticidade a partir do contato com uma grande reportagem, pois apresenta abordagens diferenciadas diferente das pautas que são vistas no jornalismo diário e a agilidade de uma reportagem no cotidiano.

Outro fator importante da reportagem está destacado nas palavras de Sodré (2009) “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia”. Lage (1989) também determina que a reportagem não é direcionada para apenas um ponto de vista, mas o levantamento de um assunto num todo. Retratar as mudanças sociais e históricas fazem parte da vida do jornalismo.

A reportagem é um gênero jornalístico que de acordo com Kotscho (2004, p.71) “rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia e por isso mesmo, é o mais fascinante do Jornalismo”. Lage (1989) determina que a reportagem não pode ser direcionada para um único ponto de vista, mas o levantamento de um assunto num todo. Tal gênero jornalístico deve levar à consciência crítica e é como um espelho que reflete a dimensão da realidade, como afirma Noblat (2008).

Por conta da sua relevância como meio de comunicação, muitos jornalistas optam pela reportagem como forma de narrar uma história, um fato. Tal detalhamento pode ser feito por meio televisivo, radiofônico, documentário, fotojornalismo e também em formato de livro.

Para Sodré (2009), o acontecimento é um desdobramento de um fato e para que a atividade jornalística ocorra é preciso levar em consideração algumas características, como a credibilidade, a verdade e a história. Além disso, a reportagem também é fonte de investigação sobre a linguagem. Nas palavras de Bakhtin (2016, p.11) observa-se que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Para Bakhtin e o Círculo, o texto implica em uma compreensão, em uma atitude responsiva.

Com isso, a compreensão do leitor é carregada de respostas e Eliane Brum trabalha a capacidade de transformação do gênero de acordo com a necessidade criando conexões com a histórica da política brasileira de forma não linear. Ao longo da leitura do livro é possível ver o posicionamento autoral da jornalista.

O objetivo deste trabalho é identificar as relações dialógicas que se estabelecem na linguagem narrativa, os diálogos e o contexto sócio-histórico. A jornalista é também autora sócio-historicamente situada na construção do livro e seus

cronotopos se encontram ao longo da obra mostrando a relação entre os diversos personagens. A partir daí podemos notar a percepção de sentidos, conforme pontua Bakhtin:

Por si sós, o significado e o sentido, carecem de definições de tempo e espaço. O significado é um formador de sentido, é um elemento destacado do sentido. O enunciado tem um sentido, uma palavra isolada que o integra tem um significado; o significado não existe fora do sentido. Contudo, tanto o significado como o sentido só existem se encontram uma expressão espaço temporal. (BAKHTIN, 2018, p. 240)

Brum (2019) afirma que é difícil registrar a história em movimento e esse é o grande desafio do jornalismo, pois "estamos sempre escrevendo com os fatos se desenrolando". Desde o início da sua carreira profissional em 1988, a jornalista Eliane Brum já trabalhou com diversos gêneros jornalísticos, como por exemplo, reportagens, crônicas, artigos em jornais e sites. Já atuou como repórter por onze anos no jornal Zero Hora de Porto Alegre e outros 10 anos na Revista Época, em São Paulo. Tem ao todo sete livros publicados, sendo seis de não ficção e um romance.

Como jornalista, escritora e documentarista, tornou-se uma das profissionais mais premiadas do Brasil com o Prêmio Jabuti de melhor livro reportagem com o livro *A vida que ninguém vê* (BRUM, 2006). Desde 1959, o Prêmio Jabuti é o mais tradicional prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro.

Até então o último livro publicado pela jornalista é Brasil Construtor de Ruínas: um olhar de Lula a Bolsonaro. O livro caracteriza-se por ser uma reportagem. O material foi produzido ao longo dos últimos 20 anos da política brasileira e é fruto de diversas matérias jornalísticas da autora. Eliane Brum escreveu o livro a partir de duas premissas: ouvir as grandes periferias de SP e as famílias ribeirinhas do alto Xingu.

Me preocupo mais em perceber conexões, tecer relações e iluminar os desvãos. escrevo a partir dos fios que fui puxando nos últimos anos para percorrer o labirinto chamado Brasil. Em especial a partir do que tenho nomeado como "autoverdade" e "crise da palavra" e também a partir da desidentificação do país como os imaginários que o sustentaram por décadas (BRUM, 2019, p. 11)

O livro tem ao todo 303 páginas e não é dividido por capítulos. A jornalista dividiu os temas em 46 subtítulos para trazer mais fluidez na leitura e também para

relacionar esses subtítulos com o texto que será descrito trazendo a sua visão de mundo, o seu tom valorativo e posicionamento ideológico.

Os subtítulos não são divididos de forma cronológica retratando cada presidente durante o seu mandato. A linguagem de Eliane Brum neste livro não corresponde a uma linearidade dos fatos e por isso não há a divisão por capítulos e sim por subtítulos que além de garantir uma divisão entre cada trecho do livro.

Não será possível fazer a análise de todo o material, por isso foram escolhidos trechos dos livros que retratam os quatro presidentes brasileiros das últimas duas décadas. As escolhas foram feitas, pois mostram as peculiaridades da linguagem de Eliane Brum e são analisadas a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem.

Para destacar Luiz Inácio Lula da Silva foi escolhido o subtítulo “*Uma esquina entre identidade e destino*” que está presente nas páginas 14 a 19. Este trecho descreve o crescimento do Partido dos Trabalhadores as relações internacionais de Lula com países como a China que na época era um dos maiores compradores do Brasil e o trecho também destaca a fragilidade do PT em ter uma política voltada para o meio ambiente.

Em seguida temos o trecho “*A Amazônia paga o custo da conciliação*” entre as páginas 60 e 64 para destacar Dilma Rousseff. Este recorte do material também traz uma relação com o governo Lula com as questões ambientais, mas também já traz evidências sobre o processo de impeachment.

Para Michel Temer foi selecionado o trecho “*O Retrato*” das páginas 153 a 159 que aborda um governo, segundo a autora, elitista e voltado para grupos de interesse, além do enfraquecimento do PT com os demais partidos.

Por fim, o subtítulo *Cem Dias de Perversão* entre as páginas 288 a 301 foi escolhido para retratar Jair Messias Bolsonaro e a jornalista compara o Brasil com um grande laboratório de testes. Ao longo de toda a obra é possível observar e analisar as diversas figuras de linguagens e relações dialógicas que são feitas com os fatos descritos da política brasileira e os personagens que estão inseridos neste contexto. As análises de cada trecho encontram-se na Análise do Corpus no capítulo 3.

Dentro dessa perspectiva teórica, a reportagem é configurada como gênero discursivo, pois é concebida dentro de uma esfera de produção, realização, disseminação e recepção jornalística. Tais características reforçam o que Bakhtin (2016, p. 12) determina sobre gênero discursivo: “conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no conjunto do

enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação”. O gênero reportagem enfatiza que Bakhtin prioriza enunciados reais e não abstratos.

2. 4 Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin e o Círculo

As relações entre os enunciados são relações dialógicas, pois há perguntas e respostas e Volochinov (2003) enfatiza que a linguagem é realizada para o outro através da expressão linguística. Segundo Volochinov (2013, p. 158), “[...] seria uma tarefa desesperada tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter presente nenhum de seus vínculos com a efetiva situação social que as provoca.” O filósofo destaca que para compreender o enunciado é preciso compreender toda a interação social.

Resgatando o que já foi destacado no capítulo 1 da Fundamentação Teórica, os enunciados precisam ter a alternância de sujeitos, a conclusibilidade específica e a relação do enunciado com o próprio falante dentro de interação discursiva.

Partindo desta narrativa, o livro Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro, de Eliane Brum, apresenta em 303 páginas a análise da política brasileira dos últimos 20 anos. Isso não é feito de forma linear e cronológica.

O livro foi sendo construído ao longo dos anos e é uma seleção das reportagens e artigos escritos pela jornalista. A narrativa de Brum percorre desde momentos importantes da política brasileira, como por exemplo, a eleição de Luís Inácio Lula da Silva e a ascensão da classe C no início dos anos 2000, as investigações do Mensalão e da Lava Jato, a posse e impeachment de Dilma Rousseff e consequentemente a posse de Michel Temer marcada pela tensão com o Partido dos Trabalhadores e o crescimento da polarização política nos últimos anos até a eleição de Jair Messias Bolsonaro.

Esses tópicos são descritos a partir de duas linhas de pesquisa que a jornalista percorre desde o início dos anos 2000: a escuta nas periferias da Grande São Paulo e a escuta dos povos da floresta amazônica. A jornalista retrata um Brasil em que impera a desigualdade social e a violência contra indígenas, negros e nas áreas periféricas. As diversas vozes incorporadas nos textos são de análises próprias em diversos temas, mas também a presença de outras vozes por meio dos discursos direto, indireto e livre.

Fiorin (2011) explica que há duas formas de inserir o discurso do outro no enunciado. O primeiro deles ocorre quando o discurso alheio é abertamente citado separado do discurso citante. Para Bakhtin esse é o discurso objetivado. Eliane Brum faz uso desse tipo de discurso ao longo do livro para destacar pontos de discursos dos presidentes do Brasil e seu ponto de vista.

Já o segundo é o discurso bivocal em que não há separação nítida do enunciado citante e do enunciante citado. Podemos afirmar que os trechos do livro analisados fazem parte do gênero discursivo secundário. Bakhtin explica que os gêneros podem ser divididos em primários e secundários.

Gêneros primários são aqueles que são definidos nas situações comunicativas cotidianas e ocorrem de forma espontânea. Já os gêneros secundários aparecem em situações comunicativas mais complexas. Podemos determinar que o livro de Eliane Brum e os trechos selecionados para essa pesquisa é um suporte para a reportagem que é considerada um gênero secundário por dois fatores: o material reúne reportagens e artigos da jornalista ao longo dos últimos 20 anos e também por trazer uma nova forma de comunicação por meio do livro.

Bakhtin ressalta que quando os gêneros primários adentram os secundários, estes perdem o vínculo imediato com a realidade concreta. Isso ocorre, pois o gênero primário necessita dessa vinculação com a realidade concreta, pois está fortemente preso ao seu lugar e tempo de realização. Consequentemente, no gênero primário também se destacam os conceitos de cronotopo e exotopia vistos anteriormente.

Outra análise dentro da questão de gêneros secundários são as presentes situações de convívio cultural mais completo, como por exemplo, o livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar de Lula a Bolsonaro*, que traz diversos temas sobre a política brasileira a partir do olhar de Eliane Brum e também há a junção de outras falas ao longo do livro.

Já destacamos anteriormente que, para o Círculo de Bakhtin, existem quatro níveis: verbal, contexto imediato do intercâmbio social, contexto social imediato e por último temos o nível do horizonte social e histórico mais amplo.

O primeiro é o mais limitado, porém é a base de todos os outros dentro da relação discursiva. O segundo abarca o nível do imaginário e das práticas sociais. O terceiro envolve o ambiente cultural específico e as relações entre grupos sociais, o quarto nível abrange a cultural em geral, as relações entre culturas e os grandes

períodos históricos. Brum traz dentro do contexto de interação o quarto nível de acordo com a perspectiva bakhtiniana de linguagem. Isso fica claro em:

Nesse nível, que é o mais amplo, e está constitutivamente presente em todos os outros, estamos no âmbito da abstração. [...] A interação nos termos do Círculo é condicionada pela situação pessoal, social e histórica dos participantes e pelas condições materiais e institucionais – imediatas e mediatas – em que ocorre o intercâmbio verbal. (SOBRAL, 2009, p. 44)

Dentro do gênero jornalístico reportagem, o autor faz a seleção de palavras, fatos, imagens e histórias para narrar um acontecimento. Sobral (2009, p. 63) destaca que “a própria seleção de palavras já envolve uma orientação na direção do ouvinte e do herói por parte do autor, e a recepção dessa seleção advém do contexto de vida”. Bakhtin determina que o conteúdo temático é o que se diz no texto ou na fala.

Partindo deste princípio, o gênero não é imobilizado, pois narra um fato de acordo com o período do seu acontecimento, mas faz parte do registro da história e pode ser lido ao longo dos anos, para que seja entendido esse gênero e também para entender o contexto daquela notícia. Volóchinov (2017) destaca que tudo que é ideológico possui significação, ou seja, representa algo e é um signo ideológico:

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser iguados. Onde há signo há também ideologia (VOLÓCHINOV, 2017, P. 93)

As questões avaliativas e ideológicas analisadas até então pela perspectiva bakhtiniana de linguagem estão relacionadas com a escrita de Brum nos trechos selecionados no Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro no próximo capítulo.

Retomando que o objetivo desta pesquisa é investigar como se dá a construção discursiva de trechos selecionados do livro analisado nesta dissertação a partir da perspectiva bakhtiniana de linguagem. Os gêneros jornalísticos da esfera da Comunicação, em especial a reportagem, podem ser estudados a partir da ótica

bakhtiniana e o outro objetivo é estudar a relação da escrita de Brum com os conceitos da análise dialógica do discurso de Mikhail Bakhtin, como por exemplo, ética, ideologia, posicionamento axiológico, tom valorativo, responsabilidade e responsividade.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Observamos anteriormente que as três características dos gêneros discursivos (conteúdo temático, estilo e estrutura composicional) estão ligados e “são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016, p. 20).

Partindo dessa breve retomada acerca dos estudos bakhtinianos, a escrita da jornalista Eliane Brum no livro analisado nesta pesquisa de acordo com Bakhtin (2016) há uma característica do enunciado concreto com os integrantes da comunicação discursiva.

Essa relação é determinada pela relação de valor do falante, no caso a jornalista Eliane Brum, com objeto do seu discurso, que são as diversas reportagens que culminaram no livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro*.

Logo na introdução do livro a jornalista destaca os motivos pelos quais a levaram a escrever esse livro e explica que a construção foi realizada com os fatos se desenrolando e por isso reforça a ética e a reponsabilidade da profissão. Essa posição valorativa pode ser vista na visão de Bakhtin (2016, p.47) como “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”.

Nessa pesquisa, o olhar se volta para a reportagem e relembramos o que Bakhtin já mencionou em *Os Gêneros do Discurso* que na infinidade do universo dos gêneros do discurso há a atitude responsiva e “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2016, p.25).

Partindo deste princípio, todas as interações humanas são dialógicas e a política brasileira é essencialmente dialógica, pois nela existe a relação de organização, direção e administração dos Estados.

A escrita de Brum configura a narrativa jornalística em sua objetividade e traz diversas expressividades na linguagem, como o uso de metáforas, sendo essa uma das características do jornalismo literário. A jornalista traça a escrita por meio de características descritivas e narrativas e seu estilo de enunciado é revestido pelas vozes nas relações dialógicas.

Em determinados momentos do livro, Brum se coloca como primeira pessoa no diálogo fazendo a análise e, em outros, aponta outros sujeitos que participam do processo comunicativo.

Para organizar do livro, Brum resgata reportagens e artigos desde o início do primeiro mandato de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2006) e estabelece uma relação cronotópica de tempo e espaço não linear até os 100 primeiros dias do mandato de Jair Bolsonaro.

Além dessa relação, a escrita da jornalista relaciona diversos assuntos em um único subtítulo, ou seja, durante a elaboração da reportagem é nítido o posicionamento da autora. O modo de elaboração da reportagem diz respeito ao estilo e a proposta de Brum, além do seu posicionamento axiológico. A axiologia é um ramo dentro da filosofia que estuda os valores e está diretamente relacionada a ética.

Na perspectiva bakhtiniana isso pode ser compreendido como o discurso dentro do discurso do outro refletindo o enunciado. “Em realidade – repetimos -, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam” (BAKHTIN, 2016, p. 61).

Os estudos de Faraco (1999) ressaltam que no pensamento bakhtinkano são encontrados o senso de globalidade, ou seja, a necessidade de pensar a condição humana e no homem como um sujeito participante do contexto sócio-histórico. Essa participação do homem dentro do contexto sócio-histórico como sujeito ativo no processo comunicacional é destacada nos textos de Brum (2019)

Cabe nesta pesquisa ressaltar que Brum se mudou em 2011 para Altamira, na região do Pará, para poder acompanhar de forma mais aprofundada a situação das famílias ribeirinhas afetadas pela obra da hidrelétrica de Belo Monte, localizada em Vitória do Xingu, Pará.

Neste caso, há o deslocamento físico da autora para um dos locais que ilustram a sua investigação e isso reforça a fala de Noblat (2008) que define como característica inerente à função do jornalismo é estar na rua, ouvindo a população e colhendo a informação diretamente no local onde o fato ocorre.

Além da mudança de endereço, Eliane Brum traz reportagens feitas sobre a política brasileira dos últimos anos para tratar essa relação sócio-histórica do brasileiro com os fatos ocorridos.

3.1 Análise verbo-visual do livro

Analisando a capa do livro, é possível ver a fotografia feita por Lilo Clareto que retrata árvores mortas no reservatório da usina hidrelétrica de Belo Monte, em 2018, no rio Xingu, Amazônia. O visual e o verbal constroem uma relação de sentidos, pois a imagem mostra uma relação dialógica com o atual contexto sócio-histórico brasileiro, com o título do livro e com a descrição da reportagem de Eliane Brum que mostra o Brasil como um “eterno construtor de ruínas e se vê atolado em seu passado”.

As cores destacadas na capa remetem aos tons de cinza e demais cores escuras com o objetivo de destacar as ruínas, as queimadas, a degradação ao meio ambiente, a exploração de recursos naturais, a falta de uma ação fiscalizadora contra as queimadas na Amazônia e a falta de fiscalização na obra da usina de Belo Monte.

Essas pautas são defendidas por Brum ao longo de sua carreira como jornalista e a mudança da jornalista para Altamira, em Belém também reflete seu posicionamento axiológico e valorativo ao fazer reportagens com o cunho ambiental. Logo na introdução explica os motivos que a levaram a essa proximidade com as famílias atingidas pela obra da usina:

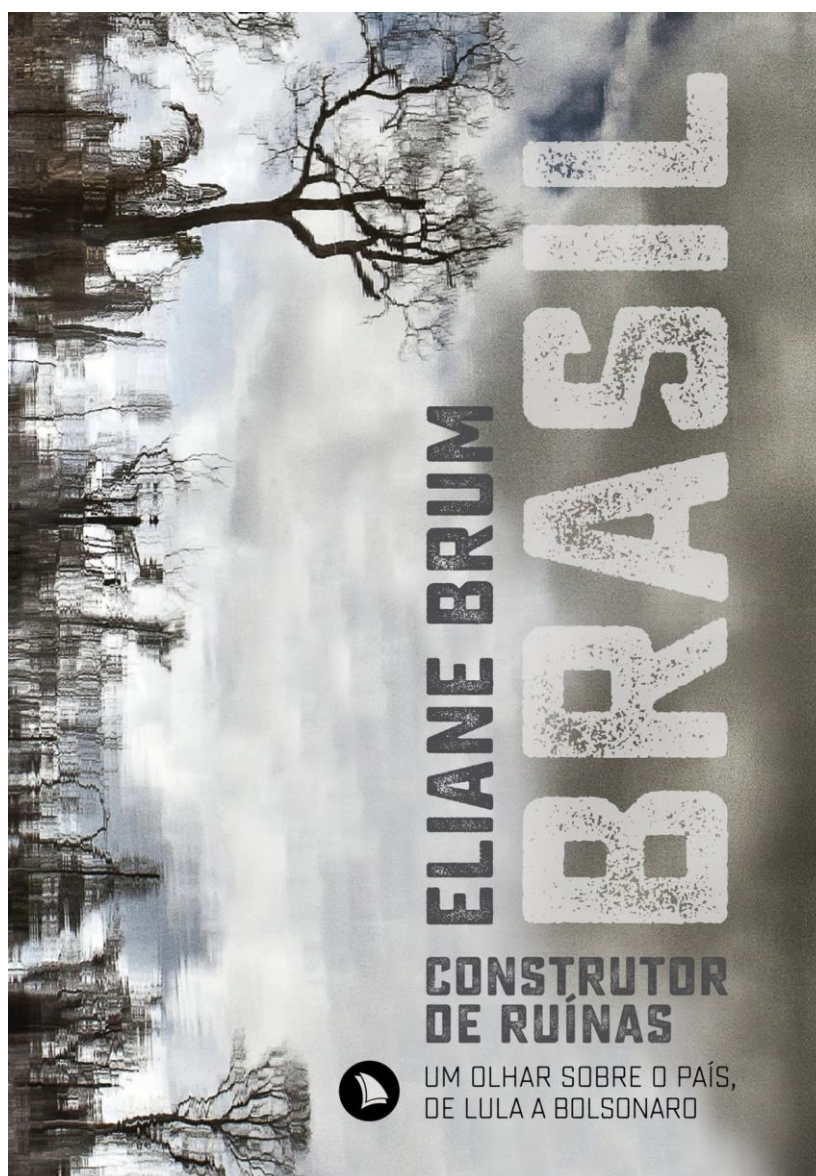
Dentro do enunciado discursivo, todos os participantes respondem valorativamente ao conjunto temático da obra, pois nos estudos bakhtinianos a compreensão dos gêneros discursivos, em sua maioria, se dá com a análise verbo-visual. Brait (2018, p. 72), considera a existência da unidade enunciativa quando “imagens (cores, figuras, lugar que ocupam no espaço enunciativo etc.) e sequências verbais estão inteiramente articuladas, interatuantes, a partir [...] de um projeto discursivo.”

Brait (2013) destaca a necessidade de especificar a “dimensão verbo-visual de um enunciado”, pois para a autora o tamanho do texto pode ser compreendido pela linguagem visual, textual e pelo seu papel na produção de sentidos. É preciso distinguir alguns aspectos dentro da análise verbo-visual:

De um lado, temos os estudos do visual, especialmente os ligados à arte. É disso que tratamos com a referência às obras que recuperam, diferentemente, os trabalhos do Círculo para a leitura e interpretação do visual, da cultura visual. Outra coisa é um estudo que procura explicar o verbal e o visual casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal

ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades. (BRAIT, 2013, p. 50)

Figura 1 - capa do livro



Fonte: Livraria Arquipélago

A capa já traz atribuições de sentidos nos primeiros enunciados e a relação verbo-visual com o conteúdo temático da reportagem do livro, pois para Brait (2013) esse tipo de análise inspirada no pensamento bakhtiniano exerce um papel fundamental na leitura contemporânea, pois o autor da ilustração dialoga diretamente com o conteúdo temático do livro e isso torna um enunciado verbo-visual.

Quando iniciamos a leitura do livro, logo na primeira página do livro que “O Brasil eterno país do futuro, no final da primeira metade do século 21 acreditou que finalmente havia chegado ao presente. E então descobriu-se atolado no passado” (BRUM, 2019, p. 13). Essa afirmação da jornalista traz o uso de uma linguagem metafórica com figuras de linguagem como se o país estivesse preso no passado, mas com uma mentalidade de construir um futuro brilhante.

Tal recurso estilístico expressivo demonstra antecipadamente o enfoque adotado pela autora e reforça que as relações verbais e visuais que Brum realiza podem ser analisadas em um pensamento bakhtiniano sobre os gêneros discursivos que “estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado” (Bakhtin, 2016, p.12).

A linguagem de Eliane Brum notabilizou-se no cenário brasileiro por trazer histórias de pessoas reais e enfatiza que suas linhas de escrita estão ligadas às famílias ribeirinhas e aos moradores das grandes periferias.

Neste livro, observa-se na materialidade linguística o deslocamento do tom valorativo da autora que busca compreender as mudanças sociais e políticas do país tendo como centro da história os últimos quatro presidentes do país.

No livro que está sendo analisado nesta dissertação é possível observar que Brum passa a ter o papel de jornalista opinativa e traz sua visão e posicionamento ideológico sobre o material que está escrevendo e distancia-se da repórter que no início da carreira trazia questões com o olhar mais social como pode ser visto no livro *A vida que ninguém vê* (BRUM, 2006). Esse material em específico traz uma coletânea de reportagens sobre cidadãos comuns que foram entrevistados pela jornalista.

A capa do livro pode ser considerada um enunciado verbo-visual. Brait (2018) destaca que imagens, cores, figuras e lugares ocupam no espaço enunciativo uma sequência verbal que está articulada ao projeto discursivo. No caso o projeto discursivo é o livro e a capa está diretamente relacionada ao seu contexto.

A autoria da capa é uma interpretação do contexto do livro e evidencia um conceito de exotopia, pois mostra como uma foto, dentro da criação estética, se fixa no tempo e se relaciona com uma das linhas de pesquisa da reportagem de Brum, que é ouvir as famílias ribeirinhas atingidas pela obra, e está diretamente ligado à temática de ruínas no livro.

É possível analisar a relação direta que a capa do livro tem com o conteúdo descrito e com o título. Observando de forma cronológica, as primeiras obras da usina

hidrelétrica começaram na década de setenta, quando a Eletronorte inicia os estudos de Inventário Hidrelétrico da Bacia Hidrográfica do Xingu.

Anos depois, em 2010, é feito pelo Governo Federal o leilão de concessão para a construção e operação da usina hidrelétrica de Belo Monte por 35 anos. Dentro do contexto do livro analisado, a obra passou pelos quatro governos dos presidentes retratados por Brum. O fotógrafo traz para a capa do livro essa obra, pois ela direciona um dos caminhos das reportagens descrita por Brum:

Busquei responder a esse desafio em duas linhas de reportagem que percorro desde o início dos anos 2000: a escuta das periferias da Grande São Paulo e a escuta dos povos da floresta amazônica. No último caso, a partir de 2011, me concentrei particularmente no Médio Xingu, junto às famílias ribeirinhas atingidas por Belo Monte (BRUM, 2019. p. 7)

Essas duas linhas de pesquisa da jornalista também destacam a produção de sentidos que é observada no campo jornalístico, pois Brum busca retratar a política brasileira com os contextos sociais brasileiros. Destaca-se também a linguagem figurada de Eliane Brum com o título do livro, além da inserção de diversos tipos de discurso dentro da narrativa, como por exemplo, a sua opinião diante do fato, a declaração de um dos personagens dentro do livro e o impacto disso para a sociedade. Com isso retomamos o que Volóchinov (2017) enfatiza sobre os discursos dentro dos outros discursos e os enunciados dentro de outros enunciados.

Isso também retoma o que já foi anteriormente sobre a responsividade do interlocutor. Sobral (2009, p. 95) recorda que “A enunciação é o grosso modo de proferir um enunciado, de dizer alguma coisa, que é sempre dirigida, “endereçada” a alguém com um dado objetivo”. Essas ideias de tempo e espaço do pensamento bakhtiniano constituem conforme Amorim (2018) destaca como pólos que são extremos como, por exemplo, o acabamento e o inacabamento, a totalização e a abertura.

Analisando as expressões valorativas na linguagem de Eliane Brum estão envoltas do tom dialógico e ideológico acerca da política brasileira e suas consequências nas demais esferas da sociedade. Analisando essa questão do tempo diante dos fatos e como a sociedade se mobiliza sobre isso, Amorim (2018, p. 104), interpretando a teoria bakhtiniana, destaca que o tempo pode reunir ações do passado e relacioná-las com o futuro. “Tempo de transformações incessantes e inevitáveis, em

que as gerações desempenham um papel fundamental de transmissão e de superação”.

A grande temporalidade projeta o homem e o contexto em que vive para além do contexto que é conhecido e representado. Essa análise do passado com o presente e o futuro é algo marcante na escrita da jornalista, sendo que esse é um dos conceitos bakhtinianos do enunciado como a resposta ao passado e projetando-se para o futuro. Isso mostra como o gênero discursivo se adequa aos diversos contextos em que são inseridos.

Fiorin (2006) analisando a teoria bakhtiniana retoma que o enunciado deve ser considerado, acima de tudo, uma resposta aos enunciados anteriores dentro de uma dada esfera e os enunciados não possuem significação, mas sentido.

Essa análise dos trechos selecionados do livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro* traz a visão do homem com um sujeito público e que participa da esfera social correspondendo a um tempo coletivo e único dentro dos enunciados.

Já destacamos anteriormente que não será possível analisar o livro todo, por isso foram selecionados quatro subtítulos para analisar cada chefe de estado. Essas análises de discursos e posicionamentos podem ser definidas da seguinte forma:

Quando conseguimos identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, poderemos dele inferir uma determinada visão de homem. Determinadas produções culturais facilitam essa tarefa, pelo seu poder de síntese e por sua precisão, e podem, assim, nos ajudar a identificar o que poderíamos chamar de cronotopo contemporâneo. (AMORIM, 2018, p. 104)

Dentro do cronotopo contemporâneo, encontramos outros lugares, culturas e visões de mundo. Com isso, o diálogo no sentido bakhtiniano é baseado em entendimentos, discussões e discordâncias. A linguagem de Eliane Brum, como já destacamos, não é feita de forma linear e cronológica.

Esses movimentos que a jornalista realiza com as palavras trazendo sua visão de mundo, sua ideologia, trechos de reportagens anteriores à criação do livro, contextos sociais que estão diretamente atrelados à política brasileira, caracterizam a relação cronotópica de tempo e espaço.

A obra de Eliane Brum é marcada por uma relação peculiar entre o tempo, o espaço e a interação dos personagens descritos. A jornalista emprega diversas metáforas e cria cenas para que o leitor consiga imaginar o que está sendo lido. As ideias da jornalista ficam muito claras quando explica que o papel do Jornalismo é trazer os fatos que ainda estão ocultos e dar vozes para quem não é ouvido. Isso fica claro no livro *A vida que ninguém vê*:

Porque uma frase só existe quando é a extensão em letras da alma de quem diz. É a soma das palavras e da tragédia que contém. Se não for assim, é só uma falsidade de vogais e de consoantes, um desperdício de espaço (BRUM, 2006, p. 34)

Uma das funções do jornalista é a de ouvir todos os lados relacionados da história e trazer os diálogos sociais e discursos existentes dentro da esfera comunicativa. A seguir, vamos destacar a exauribilidade do objeto e sua relação com a escrita do livro de Eliane Brum.

3.1 A exauribilidade do objeto

Resgatando o que já foi visto na Fundamentação Teórica, a exauribilidade do objeto está diretamente relacionada à conclusibilidade específica, sendo essa uma das três características do enunciado.

Exaurir um objeto significa esgotar, dissecar, discorrer sobre determinado assunto. Tal exercício faz parte do papel do jornalista diante de uma notícia. O trabalho ético do jornalista precisa ser feito de forma transparente, ouvindo todos os lados da notícia.

Para escrever o livro que está sendo analisado, a jornalista resgatou diversas reportagens e artigos escritos nos últimos vinte anos e compilou em uma única publicação fazendo relações discursivas com os fatos políticos das últimas duas décadas com o objetivo de explicar como ela mesma destaca “Em um país em convulsão, como o Brasil da segunda década do século 21, somos constantemente sacudidos por ondas de choques vindas do noticiário.”

Exaurir olhando por meio de uma perspectiva jornalística também é trazer à tona as informações e iluminar para determinada direção sobre algum fato ou notícia. Diante disso, outra característica da conclusibilidade específica é o projeto discursivo.

A reportagem busca mostrar as diversas vozes que estão relacionadas no contexto tratado. A partir da reportagem, é possível mostrar os posicionamentos e caracterizar os conflitos sociais e as estruturações políticas que são narradas pela autora no livro.

Essa relação entre o enunciador e os demais participantes dos trechos analisados pelo livro é constante, pois isso ocorre diante de contextos explicados por Brum dentro da política brasileira ou relacionado pela autora de forma não cronológica para contextualizar o leitor sobre diversos tópicos, como por exemplo, relação de poder, ideologias, divisões políticas etc.

A escrita de Brum não é feita de forma linear e com os personagens deslocados. Ela busca relacionar fatos da política brasileira que estejam atrelados às questões sociais do país, trazendo à tona as classes econômicas dentro do livro:

Em 2017, o ano da fabricação dos monstros, o presente e o futuro estavam claramente ameaçados no Brasil, porque havia menos dinheiro para a saúde e a educação, porque a Amazônia estava sendo destruída e porque os direitos profundamente ligados à existência de cada um estavam sendo exterminados por um Congresso formado em grande parte de corruptos. (BRUM, 2019, p. 183)

Aqui podemos analisar a construção da reportagem que retrata diversas vozes conflituosas. Em 2017, o presidente Michel Temer estava com baixa popularidade, mesmo após um ano do impeachment de Dilma Rousseff. A saúde e a educação estavam com baixos orçamentos nos ministérios e o Congresso de corruptos eram os mesmos que apoiaram a saída da presidente e apoiaram a posse de Temer.

A jornalista traz também a questão das florestas amazônicas nesse parágrafo, por ser uma das suas linhas de pesquisa e escrita. A questão de conflitos entre os personagens descritos no livro não é atenuada por Brum e logo em seguida a autora destaca

Mas a ameaça foi deslocada para outro lugar. Com o ódio canalizado contra os falsos monstros, os homens que pregam e praticam monstrosidades aumentaram suas chances de serem

eleitos. O resultado da ampliação da base eleitoral a partir da criação dos monstros foi a eleição de uma criatura humana bem real chamada Jair Bolsonaro. Bolsonaro deve parte de sua vitória eleitoral às milícias, e especialmente ao MBL, mesmo que a organização não tenha apoiado o candidato da extrema-direita explicitamente na eleição de 2018. Politicamente espertos, lideranças do MBL tiveram o cuidado de, ao mesmo tempo, reforçar o antipetismo sem se comprometer por completo com um candidato imprevisível como Bolsonaro (BRUM, 2019, p. 183)

Na perspectiva verbo-visual, as imagens enriquecem a capa do livro e criam uma relação com o título e com o conteúdo do texto, pois é construída uma narrativa rica em detalhes. O uso de figuras de linguagem é recorrente na escrita de Brum. A criação de monstros está inicialmente relacionada às milícias brasileiras, mas também ao atual presidente Jair Bolsonaro por ser uma personalidade imprevisível na política brasileira. A autora consegue trazer recortes do MBL que ganhou visibilidade a partir das primeiras manifestações de 2013, quando o Partido dos Trabalhadores ainda era o partido de situação do Brasil.

Podemos destacar que Brum usa o adjetivo “*espertos*” para caracterizar as ações do Movimento Brasil Livre que viu, no atual cenário político com o PT desgastado e o crescimento de Bolsonaro, uma forma de ganhar mais visibilidade. Outra crítica da jornalista está em “homens que pregam e praticam monstruosidades” se referindo à bancada religiosa que está hoje no Congresso Nacional e que coloca questões religiosas à frente do Estado Laico.

Fiorin (2011) explana, a partir da teoria bakhtiniana, sobre os diversos dialogismos dentro do enunciado:

o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. (FIORIN, 2011, p. 23)

As relações dialógicas são, para Bakhtin, a base da comunicação humana e todo enunciado é feito por meio de um gênero do discurso. O livro *Brasil Construtor de Ruínas: um olhar de Lula a Bolsonaro* marca uma transição na carreira da jornalista Eliane Brum, mas também traz ao longo de suas páginas todas as relações dialógicas que ela foi construindo para reunir, revisar, escrever e unir os diversos contextos para

explicar o que ela chama do “desafio do jornalismo é escrever sobre a história em movimento” (BRUM, 2019, p. 7) .

Quando a escritora propõe essa escrita da história em movimento também coloca sua ideologia nos textos e, conseqüentemente, a percepção da linguagem leva em consideração todos os sujeitos envolvidos no contexto social e isso pode ser simbolizado na ideia do signo ideológico.

Brait (2016, p.21) destaca que “Nenhuma ideologia pode aparecer fora dos signos, e nenhum signo está despido de ideologia, como a obra vai mostrando ao longo de seus capítulos.”

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2016, p. 127) traz importantes contribuições para a análise dialógica do discurso e afirma que “o signo ideológico é um território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território material, sociológico e significante. É nesse território que deve acontecer a delimitação entre a psicologia e a ideologia”.

Outra característica do signo ideológico é a sua capacidade de adaptação de acordo com cada contexto. Volóchinov (2016, p. 179) reforça que “o aspecto constitutivo da forma linguística enquanto signo não é a sua identidade a si como um sinal, mas a sua mutabilidade específica.

Já destacamos a relação da capa do livro com o seu contexto e essa relação dentro do gênero jornalístico reportagem é muito usado na esfera jornalística, pois transborda os recursos usados na constituição da reportagem.

A seguir serão analisados os trechos selecionados observando como Eliane Brum emprega figuras de linguagem e relaciona as diversas vozes do texto, além da relação com a teoria bakhtiniana de linguagem.

3.2 Análise dos trechos selecionados

Já destacamos anteriormente que o livro não será analisado em sua totalidade, mas como a jornalista quer traçar uma relação da política brasileira das duas últimas décadas com contextos sociais e econômicos, foram selecionados quatro trechos que abordam cada presidente para analisar a linguagem de Eliane Brum e sua relação com a teoria bakhtiniana de linguagem.

Para Bakhtin, o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva sendo que cada enunciado constitui um novo acontecimento, um novo desdobramento. Ele

nasce na inter-relação discursiva, pois já há respostas, valores e visões dentro de cada enunciado.

Aqui podemos destacar que o enunciado não abarca apenas as questões linguísticas, mas também o contexto social e histórico em que está inserido, além dos recursos verbos-visuais já destacados. Vimos que o enunciado está diretamente relacionado às relações dialógicas, pois envolvem o contexto social e histórico no qual está inserido.

Na apresentação do livro, a autora elenca que a sua mudança para Altamira, no Pará em 2017 fez com que ela pudesse observar a situação das famílias afetadas pela obra da Usina de Belo Monte. Além da questão ambiental que envolve o desmatamento para a construção da obra, Altamira foi considerada, naquele ano, a cidade mais violenta do país de acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

O estudo foi feito em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública que analisou os dados de 2015. O documento mostra que Altamira teve em 2017 a maior taxa de homicídios e mortes violentas com causas indeterminadas nas cidades com mais de 100 mil habitantes.

Brum explica que a mudança de cidade também tem relação direta com suas linhas de reportagem, mas também por estar ao lado de quem defende as questões climáticas:

Sempre me alinhei ao lado daqueles que defendem que, num planeta em emergência climática, a floresta é o centro do mundo. Para ser coerente com minhas ideias, desloquei meu corpo e, com ele, a minha experiência e meu olhar. Sem essas linhas de investigação jornalística e outras que percorri em trechos mais curtos não me sentiria capaz de escrever uma coluna de opinião sobre o Brasil, tanto para o público interno quanto para o externo. (BRUM, 2019, p. 8).

A jornalista salienta que quando se tornou colunista em jornais europeus procurava interpretar os diversos “Brasis” como define na introdução do livro e quando voltou a morar no próprio país se enxergou na necessidade de mudança.

O posicionamento ideológico da autora em mostrar os impactos da usina de Belo Monte em Altamira, Pará, reforça o que Beltrão (1980, p. 18) destaca que não há imparcialidade dentro do jornalismo opinativo: “Opinar não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar.

Ainda mais: é sua função captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição". Tomando Beltrão como referência, Chaparro (2008) destaca que, ao narrar qualquer fato, também há o juízo de valor de quem está descrevendo a notícia:

ao relatar, narra-se uma história, com suas complicações e seus sucessos, mas os juízos de valor estão lá, explícitos, nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até na agressividade dos títulos; e implícitos, nas intencionalidades preexistentes das estratégias autorais e nas intencionalidades adquiridas pelo próprio texto (CHAPARRO, 2008, p.163).

O trecho escolhido para representar Luís Inácio Lula da Silva está entre as páginas 14 a 19 e o subtítulo é "*Uma esquina entre identidade e destino*". Neste trecho, Brum relata quando o Brasil em 2009 foi selecionado para sediar as Olimpíadas de 2016. A jornalista inicia o capítulo em primeira pessoa, conforme consta no primeiro parágrafo:

Primeiro, quero revisitar algumas cenas do Brasil, um país que é também um grande produtor de imagens. Durante seus dois mandatos (2003-2006 e 2007-2010), Luiz Inácio Lula da Silva não foi apenas um conciliador no campo ideológico. Ele se provou um conciliador de imaginários tanto na produção de um país como na produção do seu próprio mito. É ele, com todas as suas contradições, que ilumina o memento atual também para além do Brasil." (BRUM, 2019, p. 14)

Revisitando as cenas do Brasil de duas décadas atrás, PT e PMDB andavam lado a lado, pois Lula estava na presidência e Michel Temer era o atual presidente da Câmara dos Deputados.

A frase "uma esquina entre identidade e destino" já configura a relação de confrontos que passariam pelo início das manifestações de 2013 pelo reajuste das tarifas do transporte público até em 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff.

Uma característica muito forte na linguagem de Brum é a forma composicional deste trecho, o modo pelo qual ela relaciona a descrição do que está acontecendo com outros contextos que podem ser atuais ou do passado:

É preciso voltar ao ano de 2009, ao instante em que o Brasil foi escolhido para sediar as Olimpíadas de 2016. As imagens e o discurso de Lula foram transmitidos pelas TVs do país. Apresentadores da Globo, o maior grupo de comunicação do

Brasil é um dos maiores do mundo, que desempenhou um papel decisivo tanto no golpe de 1964, que instalou uma ditadura militar de 21 anos, quanto no impeachment de Dilma Rousseff, emocionavam-se nas telas e telões com a fala de Lula. Nas areias de Copacabana, no Rio de Janeiro, uma multidão comemorava. (BRUM, 2019, p. 15)

No caso do subtítulo selecionado, Brum traz o seu posicionamento em primeira pessoa como repórter e trabalha com a liberdade narrativa. Neste subtítulo ela pode mesclar o ano de realização da Olimpíada e a situação de Lula que, em poucos anos, mudou de presidente do Brasil para réu da Operação Lava-Jato:

Quando as Olimpíadas de 2016 se realizaram, Lula tinha sido anunciado como réu por supostamente tentar obstruir as investigações da Operação Lava Jato. Dilma Rousseff, a sucessora que ele conseguira eleger por duas vezes, estava afastada pelo impeachment. E o carrapato colado nas costas de Lula tinha se tornado o presidente do país. Alcançou o posto porque o PT fez dele o seu vice, na aliança com o PMDB e algumas das mais tóxicas e persistentes oligarquias políticas e econômicas do país, e por força de um impeachment sem consistência. (BRUM, 2019, p.16).

Quando a jornalista trabalha com o texto podemos trazer duas frases: “carrapato colado nas costas” e “tóxicas e persistentes oligarquias políticas”. Essas são figuras de linguagens metafóricas que expressam o seu tom valorativo e o seu posicionamento ideológico.

A jornalista compara o ex-presidente Michel Temer com um carrapato, pois assim como o parasita precisa ficar na pele humana para infectar a pessoa, o então presidente do Congresso começou a sua ascensão política devido às relações com o Partido dos Trabalhadores quando Lula era presidente e mais tarde, conseguiu outros dois feitos: a vice-presidência no mandato de Dilma Rousseff (2011-2014 e 2014-2016) e posterior posse como presidente da república após o impeachment da petista.

A escritora também usa da figura de linguagem “tóxicas e persistentes oligarquias políticas”, pois mostra as relações de poder entre partidos que são opostos, mas precisam unir forças em períodos eleitorais e conseqüentemente para ter mais força no Congresso Nacional.

A oligarquia política brasileira mostra que essa esfera é dominada por um pequeno grupo de pessoas que se alternam no poder há anos. Também é possível

destacar no trecho “tóxicas e persistentes oligarquias políticas” o tom valorativo da autora

Sob esse aspecto, Brum explora o estilo individual, trazendo julgamentos em tons valorativos e expressa diversas figuras de linguagem. A metáfora também é usada quando a autora já escreve o título como se existisse uma esquina física que fizesse o encontro da identidade e do destino.

O estilo vai sendo constituindo na relação do locutor, no caso a jornalista Eliane Brum, com os demais membros da comunicação, que são os personagens elencados no livro e na relação com o contexto social do qual o leitor constitui um integrante real capaz de compreender o relato de Brum. Bakhtin (2016, p. 18) explica:

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – o com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento.

Esse subtítulo relaciona todo o ápice do primeiro mandato de Lula com a ascensão da classe C em virtude da redução de impostos da linha branca e os casos de corrupção dentro do partido.

Para explicar esse crescimento do poder de compra do brasileiro, Brum traz dados que exemplificam a sua análise, pois de 2003 a 2009 há o grande acesso a mercadorias e 29 milhões de brasileiros foram inseridos na “nova classe média”; Lula reduziu a pobreza sem tocar na renda da classe mais rica do país. Metaforicamente, Brum traz o conceito de mágica com manobras dentro da política.

Essas estratégias econômicas só eram viáveis devido ao aumento da exportação de matérias-primas para a China. A narrativa crítica e figurativa da jornalista é visualizada em:

Que propaganda poderia ser maior para a democracia, como um sistema capaz de garantir mobilidade e justiça social, num momento em que os sinais da crise global das democracias já eram evidentes? O problema é que a mágica, como sabemos, não existe. O mágico jamais pode acreditar no próprio truque nem esquecer que a ilusão da plateia dura o tempo todo do espetáculo. A mágica de Lula só era possível devido ao aumento da exportação de matérias-primas, e movida

especialmente pelo crescimento acelerado da China. A mágica também tinha um custo, e ele era alto: o custo-natureza. (BRUM, 2019, p. 19)

Ao longo da leitura da obra de Eliane Brum, é possível ver que a jornalista traz os contextos tratados no livro, mas sempre traz perguntas e leva o leitor a diversas reflexões. Quando ela trata numa única pergunta sobre o equilíbrio econômico nas diversas classes sociais, a jornalista usa uma estratégia argumentativa, e essa metáfora de colocar Lula no lugar do mágico, mostra sua fragilidade enquanto Líder de Estado no equilíbrio de acessos econômicos entre classes sociais e relações comerciais com outros países e isso está diretamente ligado à reportagem de Brum: olhar para as questões climáticas do país.

A partir deste ponto, podemos retomar Bakhtin (2016) que aponta que todo enunciado tem um discurso ideológico por trás. Todo enunciador ao escrever traz consigo o seu posicionamento axiológico e a sua visão de mundo.

Neste caso, Brum traz a relação do custo-natureza e seu conhecimento sobre as famílias prejudicadas pelas questões climáticas e, em especial, para as famílias atingidas pela obra da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. Esse trecho do livro foi escolhido para elencar essa relação que passa de Lula a Dilma Rousseff trazendo uma relação cronológica entre esses dois governos.

O trecho selecionado para evidenciar a primeira presidente mulher do país tem o subtítulo "*A Amazônia paga o preço da conciliação*" e consta nas páginas 60 a 64 do livro está diretamente ligado à preservação da floresta amazônica, pois segundo a autora "O governo de Dilma Rousseff foi controverso mesmo para a parcela dos petistas que têm dificuldades com a autocrítica. A política para a Amazônia, de longe a mais destrutiva, tornou-se explícita no governo da primeira presidenta." (BRUM, 2019, p. 60).

A reportagem traz elementos que evidenciam a falta de políticas públicas para a floresta amazônica e também para os povos indígenas. Considerando a perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin percebemos que este trecho traz elementos que já foram discutidos no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, como por exemplo, a emergência nas questões ambientais e climáticas.

Através dos discursos sociais que existem nas relações dialógicas de Brum no trecho selecionado é possível observar anunciados dentro de outros enunciados na cadeia discursiva.

Com essas análises entre as alternâncias de poder dos presidentes, a jornalista evidencia o seu tom valorativo e posicionamento ideológico, além de ampliar a visão do leitor para questões dentro da reportagem que não são evidenciadas no jornalismo diário, como é o caso do desmatamento da floresta amazônica.

Dilma aparece como a vilã, mas só se perdermos a visão do processo. É um fato que ela acentuou e acelerou a aliança com os ruralistas e escancarou a intenção de dismantlar a Funai, mas as primeiras grandes hidrelétricas deste século na Amazônia — Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, em Rondônia — começaram a ser construídas nos governos de Lula e foram licenciadas ainda quando Marina Silva era ministra do Meio Ambiente. (BRUM, 2019, p. 60)

No trecho selecionado há a descrição de um cenário que coloca a presidente Dilma como vilã da floresta e uma crítica ao povo brasileiro pela perda do processo como expectador de um assunto emergente que não foi tratado como prioridade e traz um breve histórico da construção de outras hidrelétricas criadas no governo Lula.

Outro destaque no trecho analisado está em “os governos do PT rasgariam seu compromisso com os povos da floresta e com os pequenos agricultores dos projetos de desenvolvimento sustentável.” (BRUM, 2019, p.61).

Na estruturação sintática percebemos o uso da figura de linguagem “rasgar o compromisso” como forma de atender o rigor da prática jornalística e trazer um texto mais claro para destacar a falta de comprometimento com os pequenos povos que dependem da floresta.

Outro fator de destaque no trecho de Dilma Rousseff está na análise que Brum faz quando ela é eleita a primeira presidente do país e isso repercute na mídia internacional evidenciando o marco de uma mulher liderar um país tão vasto e diverso como o Brasil.

Este reflexo permite que a jornalista trace duas visões para o leitor: o discurso de Dilma na Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, na qual ela enaltece as vantagens de lideranças femininas e ao mesmo tempo a falta de diálogo com as líderes do Xingu que foram afetadas com a obra da Usina de Belo Monte, em Altamira, Pará. Esse encontro com a frente de mulheres ribeirinhas do Xingu ocorreria no primeiro oito de março do seu primeiro ano de mandato.

Essa narrativa-descritiva de Brum evidencia seu posicionamento ideológico e também parte de sua linha de pesquisa ressaltando a incoerência de Dilma ao falar

de liderança feminina sem ouvir parte da população afetada pela obra da Usina de Belo Monte. Já evidenciamos anteriormente que a escrita da jornalista não é linear e neste trecho há o retorno de elementos do governo do então ex-presidente Lula:

Lula parece ter enxergado os povos da floresta como “pobres”, sem entender que viviam numa outra chave de apreensão do mundo, com outra experiência do que é riqueza e do que é pobreza. Os atos de Dilma sugerem que ela sequer desconfiava da existência de outras formas de apreender o mundo. Ou desconfiava, mas as descartava como pouco práticas ou “fantasia”, como chegou a afirmar, referindo-se a ambientalistas, em reunião com integrantes do Fórum do Clima, em abril de 2012. Dilma poderia ter aprendido. (BRUM, 2019, p. 65).

O universo discursivo pode ser constituído por campos políticos, religiosos e filosóficos. Fiorin (1996, p. 132) recorda que cada campo possui discursos e interdiscursos, pois “todo enunciado de um discurso se constitui em relação polêmica com o outro” e são essas relações conflitantes que permitem entender as elaborações e reelaborações discursivas.

Essa relação da palavra “pobre” com os povos da floresta reforça a falta de discurso com essa parcela da população e algumas concepções que a jornalista absorveu em reportagens sobre essa temática.

Conseqüentemente isso contribuiu para a linha de pesquisa voltada para a sustentabilidade. Brum é enfática ao finalizar este subtítulo marcando que o governo do PT não quis dialogar com esses povos e isso justifica o título, pois a Amazônia paga o preço de uma conciliação.

O trecho selecionado para destacar o ex-presidente Michel Temer está no subtítulo “O retrato” e está presente nas páginas 153 a 159. Temer toma posse em meio ao impeachment de Dilma Rousseff e tal fato marca uma diferença entre partidos de esquerda e de direita.

Os grupos de direita que articularam o impeachment de Dilma Rousseff acreditaram que estava tudo resolvido. A velha ordem — branca, masculina e oligarca —, aliada à nova força evangélica, voltava ao poder sem nunca ter saído. O retrato oficial do primeiro ministério de Michel Temer é explícito. (BRUM, 2019, p. 153)

Essa metáfora trazendo a relação de partidos de direita como uma “velha ordem” e com as características branca, masculina e oligarca substituem termos para trazer reflexões ao leitor sobre as diferenças que a autora aponta entre grupos políticos do país.

Bakhtin (2016, p. 104) explica que o leitor faz parte da interação discursiva, pois ele não tem uma posição fora do enunciado e “a própria compreensão integra o sistema dialógico como elemento dialógico e de certo modo lhe modifica o sentido total. O entendedor se torna inevitavelmente um *terceiro* no diálogo.

O filósofo russo ressalta que esse terceiro indivíduo no enunciado tem uma posição específica, pois ele é considerado na análise dialógica do discurso como um “supradestinatário superior” que carrega consigo uma compreensão responsiva.

Para trazer a relação cronotópica de tempo e espaço na realização dos fatos Brum relaciona a oligarquia branca presente nos partidos de direita do Brasil com a República Velha que foi constituída há um século.

A jornalista traz contextos históricos do país que são diferentes pelo período em que se realizaram, mas são semelhantes na formação das lideranças políticas do Brasil que em sua maioria são constituídas por homens brancos e com forte presença na bancada evangélica.

O subtítulo também traz referência à foto com o novo corpo de ministros que foi formado por Temer logo após o impeachment de Dilma. Brum faz uma descrição verbo-visual do que viu e retomamos Brait (2018) sobre esse tipo de enunciado pois há uma relação enunciativa entre o que é verbo e o que é visto e Brum destaca seu posicionamento valorativo criticando a nova composição ministerial

De imediato, a fotografia produziu estranhamento. Como um retrato do presente que já surge amarelado, com pontos de mofo aqui e ali, clamando por uma naftalina para enfrentar as traças. Só brancos, só homens, só velhos. Nenhuma mulher. Nenhum negro. Nenhum indígena. Esse retrato era uma imagem poderosa porque não representava o Brasil de 2016. Era também uma mensagem poderosa. A “ponte para o futuro” — nome do projeto apresentado pelos grupos que apoiavam o impeachment — era uma ponte para o passado, ou nem isso. (BRUM, 2019, p. 153)

Este trecho evidencia o posicionamento valorativo da autora ao contrapor a ideia de futuro à repetição do passado criando uma antítese ao projeto anunciado e por não seguir uma linha cronológica. Em um parágrafo retoma o impeachment de

Dilma e também traz sua análise sobre uma foto nova que se mostra velha devido as oligarquias da política brasileira. O trecho “Como um retrato do presente que já surge amarelado, com pontos de mofo aqui e ali, clamando por uma naftalina para enfrentar as traças” reforça o que Brait (2018) evidencia sobre a análise verbo-visual na ótica bakhtiniana, pois Brum traz a narrativa descritiva da fotografia e faz com que o leitor possa imaginar o quadro.

A jornalista traz diversas características das falhas do governo de Temer de não olhar para os grupos menos favorecidos na sociedade, como por exemplo, negros, indígenas e mulheres, além de confirmar o estreitamento na relação com a bancada evangélica:

No dia seguinte, após a posse como presidente interino, Temer recebeu a bênção de Silas Malafaia, o mais truculento líder evangélico do país, e rezou com expoentes da bancada religiosa, como o pastor e deputado Marco Feliciano. Isso era novo. E forte. As escolhas — e as imagens produzidas por elas — mostraram que os evangélicos deixaram de ocupar a periferia do Planalto. (BRUM, 2019, p. 154)

Essa alternância de sujeitos no texto da jornalista retoma o que Mikhail Bakhtin (2016, p.106) enfatiza: “O enunciado (produção de discurso) como uma totalidade individual, singular e historicamente único”. A conclusibilidade do enunciado não significa um ponto final no texto

A conclusão depende de cada leitor das múltiplas interpretações e reações que podem surgir diante do enunciado. Na reportagem como resposta ao contexto anterior, Brum ilumina o momento atual sugerindo outras respostas.

A alternância de sujeitos diz respeito às respostas do autor em relação ao contexto social e à inserção de vozes sociais introduzidas na narrativa por meio de recursos gramaticais.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov (2017) enfatiza a definição de discurso alheio afirmando que esse é o discurso dentro do discurso e o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo este pode ser o discurso sobre o discurso e o enunciado sobre o enunciado.

Tudo aquilo sobre o que falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. Esse tema – e apenas o tema – pode ser, por exemplo, a “natureza”, o “homem”, a “oração subordinada” (um dos temas da sintaxe); porém o

enunciado alheio não é apenas o tema do discurso: ele pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como elemento específico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 249).

De acordo com Volóchinov (2017), as formas de transmissão do discurso alheio expressam a relação ativa de um enunciado com o outro e essas relações dialógicas se evidenciam na reportagem de Brum, pois enquanto gênero jornalístico da esfera da comunicação busca levar o leitor à reflexão e o “enunciado alheio não é percebido por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 250).

O enunciado alheio é o discurso do outro e a linguagem de Brum traz a narração da jornalista, mas também outros enunciados dentro dos subtítulos selecionados. Essa inter-relação pode ser compreendida conforme explicita Volóchinov:

O enunciado autoral que incorporou outro enunciado em sua composição elabora as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial, para sua inclusão na unidade sintática, composicional e estilística do enunciado autoral, mantendo ao mesmo tempo, nem que seja de um modo rudimentar, a independência inicial (sintática, composicional e estilística) do enunciado alheio, sem a qual a sua integralidade seria imperceptível (VOLÓCHINOV, 2017, p. 250)

Essa inter-relação entre o discurso da jornalista e os demais discursos pode ser percebida no trecho em que ela abarca as relações políticas e oligárquicas na gestão de Temer com os grupos religiosos e ao mesmo tempo estabelece uma relação cronotópica entre os governos de Lula, Dilma e Temer:

O poder central, que por séculos beijou o anel dos bispos católicos, agora beijava a mão dos grandes pastores. O Brasil mudou de estética nos últimos 40 anos. E mudou rapidamente. A imagem de um Lula alquebrado, quase distraído, ao lado de Dilma Rousseff, durante o discurso de despedida diante do Planalto, merece interpretações. Lula não disfarçava. Talvez porque não quisesse, talvez porque já não pudesse. Seu rosto estava devastado. Era um fim. Independentemente do que aconteceria com Dilma Rousseff e principalmente com ele e com o PT nos meses e anos que viriam, ali havia um fim. Aquele fim melancólico, até mesmo terrível, poderia ter movido uma autocrítica do PT sobre suas escolhas no poder. (BRUM, 2019, p. 157)

A narrativa de Brum traz diversas figuras de linguagem, como por exemplo, no trecho “O poder central, que por séculos beijo o anel dos bispos católicos, agora beijada a mão dos grandes pastores” e “aquele fim melancólico, até mesmo terrível” trazem o contexto hiperbólico que causa impacto. O uso do substantivo abstrato beijo traz a relação de poderes da política com frentes religiosas sendo que isso era um dos pilares do governo de Temer.

A jornalista também busca neste subtítulo relacionar o título do livro com a queda do PT após anos no Governo Federal e a mudança de poder com a posse de Temer, além de destacar os sentimentos envolvidos em cada político naquele momento de 2016 envolvendo o impeachment da ex-presidente Dilma.

O rosto devastado de Lula, ao lado de uma Dilma em seu derradeiro discurso, e a cena do ministério de Temer, com papagaios de pirata como Aécio Neves tentando se incluir e salvar a pele de playboy, evocavam também uma interrogação sobre quem são os profissionais do ramo. Parte das elites bajula Lula desde que ele era um líder sindical do ABC. Da campanha de 2002 em diante, quando desfilou pelos salões de São Paulo, Lula demonstrou gostar cada vez mais de ser “o cara”. O mesmo vale para muitos protagonistas do PT, parte deles hoje na cadeia ou com tornozeleira eletrônica. Em algum momento, os petistas acharam que eram os donos da bola desse jogo viciado, sem perceber que eram observados de perto — e com algum divertimento — por cartolas tão velhos quanto o diabo. (BRUM, 2019, p. 158)

Na metáfora “por cartolas tão velhos quanto o diabo”. Brum retoma novamente a forma da direita fazer política no Brasil e a falta de “autocrítica” do governo do PT que não soube fazer uma análise dos motivos do impeachment e a queda do partido diante da população. “Escolheram jogar o jogo do adversário e abriram mão de questionar as regras, achando que podiam seguir ganhando. Dilma, por sua vez, provou-se um dos maiores equívocos de Lula, até então famoso por sua intuição política.” (BRUM, 2019, p. 158). A jornalista enfatiza seu posicionamento valorativo e ideológico mostrando as relações conturbadas da política brasileira e faz com que o leitor imagine cada uma das cenas descritas no livro.

Traz também diante dessas mudanças políticas e sociais de 2016, o “sorriso de escárnio dos ministros de Temer”, o que também refrata o subtítulo “*O Retrato*” com a nova composição ministerial do político que é puramente branca, masculina e elitista.

Este trecho finaliza retomando o contexto inicial do livro quando a jornalista menciona que o país do futuro percebe que está preso no seu próprio passado e mescla algumas palavras que não se misturam como “pacificação” que era um dos objetivos de Temer com “ódio” diante das mudanças políticas e sociais da época que estavam em destaque naquele momento.

A “pacificação” de Temer era paz apenas para alguns. Bastava acompanhar os discursos de Temer e de parte das elites econômicas e do que se chama “mercado”, com sua narrativa de “volta à normalidade” e de “retomada do crescimento”, para perceber que de fato acreditavam que estava tudo dominado. Naquele momento, porém, o buraco virava um abismo: num período de profunda crise da democracia, afirmava-se à população que seu voto não valia nada. Como algo tão grande ressoa num país já empapado de ódio? (BRUM, 2019, p. 159)

Mesmo que Brum não faça uma relação cronológica entre as mudanças de presidentes do país e as constantes mudanças no cenário social brasileiro, é notório que ela traça uma relação de sentimentos ruins como o ódio e a perversidade nos governos de Temer e Bolsonaro.

Este último tem o subtítulo *Cem dias sob o domínio dos perversos* e está nas páginas 288 a 301. Diferente dos demais subtítulos analisados na pesquisa e em todo o livro, esse é o único trecho em que a jornalista traz uma divisão dentro do subtítulo e explica os motivos dessa escolha:

Dividi essa análise em três partes: perversão, barbárie e resistência. E a faço usando o tempo presente como recurso narrativo. Aos cem dias já era possível enxergar alguns traços do bolsonarismo como governo. O rumo que essas primeiras características tomariam, como elas se desenvolveriam ou como se adaptariam, se necessário fosse, só os anos vão mostrar. Já era possível, porém, enxergar uma estratégia. (BRUM, 2019, p. 288)

A jornalista é enfática ao definir que “não há precedentes históricos para a operação de poder de Jair Bolsonaro” (BRUM, 2019, p. 288) e que o político criou uma espécie de antipresidência por conta de falas polêmicas ao longo de sua gestão. A teoria discursiva de Bakhtin (2016) amplia os estudos sobre as relações comunicacionais diante desse contexto político, pois a jornalista faz a análise dos primeiros cem dias do então presidente com os traços que o bolsonarismo traz e ao

mesmo tempo analisa a gestão do então chefe de Estado e faz críticas ao seu “desgoverno”, pois considera que ao mesmo tempo ele é situação e oposição ao seu governo.

Dentro da análise bakhtiniana retomamos o que já vimos na fundamentação teórica sobre os elementos do enunciado, sendo um deles o elemento expressivo, ou seja, a relação emocionalmente valorativa do falante:

Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível. A relação valorativa do falante com o objetivo do seu discurso (seja qual for esse discurso) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais. O estilo individual do enunciado é determinado sobretudo por seu aspecto expressivo (BAKHTIN, 2016, p. 47)

Segundo Bakhtin (2016) e Volóchinov (2017) o horizonte valorativo é constituído a partir dos índices sociais presentes no enunciado concreto. O tom valorativo de Brum na análise sobre o presidente Bolsonaro é um fator essencial na constituição do signo ideológico, pois o signo possui um tema que é uma realidade que dá lugar a formação do signo e o tema sempre possui um valor social. A jornalista inicia explicando o motivo pelo qual escolheu a palavra *perversão* como o início da análise dos 100 primeiros dias de Jair Bolsonaro:

Tanto a oposição quanto a imprensa, a sociedade civil organizada e até mesmo grande parte da população viveram os primeiros cem dias no ritmo dos espasmos calculados que o bolsonarismo injeta nas horas. É por essa razão que escolho nomear como “perversão” o cotidiano do Brasil nesse momento. É palavra exata, não eufemismo. Os perversos corromperam o poder que receberam pelo voto para impedir o exercício da democracia. Como têm a máquina do Estado nas mãos, eles podem controlar a pauta. (BRUM, 2019, p. 289)

Notamos algumas figuras de linguagem presentes na citação acima que vão evidenciar o posicionamento axiológico de Brum diante do contexto. Ela compara o cotidiano do Brasil a perversão, pois vê o Brasil em espasmos diante do bolsonarismo que é instalado nos primeiros dias do novo governo. Logo em seguida, Brum faz uso da metonímia usando os derivados da palavra perversão em “Os perversos

corromperam o poder que receberam pelo voto para impedir o exercício da democracia.”

O uso dessa figura de linguagem revela um tom de ameaça imposto na leitura e Brum logo em seguida destaca que esse sentimento será abarcado nas conversas cotidianas dos brasileiros. Essa escrita é reforçada por meio de anáfora, recurso utilizado para dar mais ênfase à mensagem por meio da repetição de palavras. Neste caso a jornalista dividiu o sobrenome do presidente para reforçar seu posicionamento político:

O que Bolsonaro aprontará hoje? O que os Bolsojuniores dirão nas redes sociais? Qual será o novo delírio do bolsochanceler? Quem o bolsoguru vai detonar dessa vez? Qual será a bolsopolêmica do dia? Assim é determinada a agenda do Brasil. Bolsonaro fez uma espécie de sequestro da mente dos brasileiros e tornou-se onipresente no cotidiano do país. (BRUM, 2019, p. 289)

Com essas considerações apontadas, a jornalista Eliane Brum se apoia na reportagem fazendo uso da narrativa descritiva e avaliativa para retratar os fatos e com isso apresenta características peculiares no uso de figuras de linguagem. A finalidade da escrita de Brum é criar efeitos de sentido que mobilizem o leitor. Em conformidade com Bakhtin (2016), Berti-Santos e Puzzo (2015, p.31) afirmam que:

Por ser o enunciado dialógico, constituído de muitas vozes, todo ato traz um tom avaliativo pelo qual o sujeito se responsabiliza e envolve um conteúdo e um processo que adquire sentido pela entoação avaliativa na relação com a responsividade ativa do interlocutor, coautor do enunciado, da produção de seu sentido. (BERTI-SANTOS; PUZZO, 2015, p. 31).

Fazendo o uso da descrição dos fatos, Brum recorre ao fato de Bolsonaro ser o presidente com pior avaliação no início do mandato desde a redemocratização e faz a comparação de que governa contra si mesmo fazendo uma avaliação, além de recordar o desejo do então presidente de fazer no primeiro ano do mandato a comemoração e exaltação da Ditadura Militar para as Forças Armadas. Essas relações de contrastes ficam destacada em:

A exaltação do golpe militar de 1964 serviu também como balão de ensaio para testar a capacidade das instituições de fazer a lei valer. Mais uma vez, Bolsonaro pôde constatar o quanto as

instituições brasileiras são fracas. E alguns de seus personagens, particularmente no Judiciário, constrangedoramente covardes. Com exceção da Defensoria Pública da União, que entrou com uma ação na justiça para impedir as comemorações de crimes contra a humanidade, nada além de “recomendações” para que o governo abandonasse a celebração do sequestro, da tortura e do assassinato de brasileiros. (BRUM, 2019, p. 290).

A adjetivação nos textos de Brum é marca recorrente nos textos e também é uma das características do gênero jornalístico reportagem, no qual a jornalista usa uma linguagem simplificada para ilustrar sua crítica e também para trazer seu posicionamento e visão de mundo para o leitor. A partir daí passaremos para a segunda parte em que a autora divide a análise: *a barbárie*. Volóchinov (2017) recorda que o autor imprime seu tom avaliativo ao interagir com o discurso alheio e reage a ele de modo a demonstrar seu posicionamento autoral e conseqüentemente mostra a sua ideologia. Isso fica claro em:

A língua não existe por si só, mas combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262)

Esta relação dialógica sobre a *barbárie* é expressa logo no começo quando Brum analisa o posicionamento do então chefe de Estado perguntando sobre questões que não estão relacionadas ao cargo que ocupa:

Um exemplo. O vídeo divulgado por Bolsonaro no Carnaval, mostrando uma cena de golden shower, foi definido como “pornográfico” por muitos dos que se opõem a Bolsonaro. Mas este é o conceito de pornografia da turma do antipresidente. Adotá-lo é comungar de uma visão preconceituosa e moralista da sexualidade. É questionável que dois homens façam sexo no espaço público e este é um ponto importante. Não deveriam e não poderiam. Mas não é questionável o ato de duas pessoas adultas fazerem sexo consentido da forma que bem entenderem, inclusive um urinando no outro. O ato pornográfico é o de Bolsonaro, oficialmente presidente da República, divulgar o vídeo nas redes sociais. É dele a obscenidade. (BRUM, 2019, p. 293)

Ao ver esse enunciado, Brum assimila e traduz esse discurso com suas próprias palavras. Esse *tweet* do então presidente viralizou de forma negativa e com isso mudou o enfoque de não ser apenas uma pessoa comum perguntando sobre o termo perguntado. Dessa forma, “Entre o discurso alheio e o contexto de sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.254).

Nessas relações entre os discursos, Brum traz a barbárie sobre uma outra análise: o aumento da violência durante o início do seu governo e como é o posicionamento de Bolsonaro diante da situação:

Somos hoje um país muito pior do que fomos. E somos hoje um povo muito pior do que fomos. Parte do objetivo dos violentos e dos odiadores é normalizar a violência e o ódio pela repetição. O bolsonarismo tem conseguido realizar esse projeto com velocidade. Apenas até a primeira quinzena de abril de 2019, pelo menos oito — OITO — moradores de rua foram queimados vivos no Brasil. Este é apenas um levantamento feito com base no noticiário, possivelmente o número de vítimas seja ainda maior. Se fôssemos gente decente de um país decente, paráramos exigindo o fim da barbárie. (BRUM, 2019, p. 295).

A jornalista traça uma relação de tempo e espaço quando menciona que “somos hoje um país muito pior do que fomos. E somos hoje um povo muito pior do que fomos” e faz de forma clara uma relação com o início do livro, pois ressalta logo na introdução que o Brasil é o país do passado e que constrói ruínas e não define alicerces para seu futuro.

Também faz essa relação cronotópica trazendo o contexto do “ódio pela repetição” ligado ao bolsonarismo e novamente faz oposição ao então governo. Outra característica é mostrar a falta de políticas públicas para as populações mais carentes e destaca a palavra oito em caixa alta. Isso também retoma outra linha de suas reportagens: ouvir as periferias da grande São Paulo.

Brum faz uma antítese entre a segunda e a terceira parte da análise. Ao mesmo tempo em que fala de diversas barbáries relacionadas ao então presidente Jair Bolsonaro, a jornalista encerra o livro trazendo a palavra *resistência* fazendo críticas ao povo brasileiro sobre a falta de sensibilização com a situação vivida no país e

assimila o contexto de 2019 com o totalitarismo que é conhecimento como o sistema político ou forma de governo que proíbe partidos de oposição.

O Brasil se espanta muito menos do que há bem pouco tempo atrás com o cotidiano de exceção. É justamente assim que o totalitarismo se instala. Pelas frestas do que se chama normalidade. Depois, é só oficializar. O Brasil já vive sob o horror da exceção. A falsificação da realidade, a corrupção das palavras e a perversão dos conceitos são parte da violência que se instalou no Brasil. São parte do método. (BRUM, 2019, p. 296)

A jornalista retoma a questão da violência já explicitado no trecho de *barbárie* e essa interrelação textual também replica o que Bakhtin (2016, 25) ressalta sobre o indivíduo que possui uma ativa posição responsiva discordando ou concordando com o enunciado “Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva”. Analisando a responsividade ativa, Brum utiliza a linguagem expressiva para colocar seu desejo que a população reaja a falta de democracia como ela aponta e logo conclui que a resposta para toda a situação da política do país não será construída sozinha

Eu gostaria de dizer: “Acordem!”. Mas não é que os brasileiros estejam dormindo. Parece mais uma paralisia, a paralisia do refém, daquele que vive o horror de estar submetido ao controle do perverso. Não é mais desespero, é pavor. É imperativo encontrar caminhos para romper o controle, escapar do jugo dos perversos, arrancar a pauta dos dias de suas mãos. Como? (BRUM, 2019, p. 297)

A autora faz uso dos gêneros discursivos secundários para ilustrar sua análise sobre a política brasileira. Para Bakhtin (2016) esse tipo de gênero, seja ficcional ou não, faz uso de diferentes formas de introdução do enunciado e a partir daí eles sofrem transformações. Brum (2019, p. 297) exemplifica que a palavra está corrompida por homens perversos do atual governo e “só por isso podem dizer que o Brasil está ameaçado pelo “comunismo” ou que o nazismo é de “esquerda” ou que o aquecimento global é um “complô marxista”.

O uso de elementos anteriores ao governo de Bolsonaro exemplifica o uso de gêneros discursivos primários e secundários da ótica bakhtiniana para exemplificar

sua visão sobre o atual contexto político brasileiro, além de trazer diferentes posicionamentos sobre partidos de esquerda e direita no país.

A palavra *perversão* tem vários significados ao longo desse último trecho da análise e isso reforça a questão do signo ideológico que reflete e refrata uma realidade segundo Volóchinov (2017). A jornalista relaciona a palavra *perversão* com o governo de Jair Bolsonaro e também com o aumento da violência contra pessoas pretas e pobres. Conseqüentemente, a visão da escritora se volta novamente para um dos públicos que ela busca evidenciar nos seus textos: as periferias das cidades. O uso da descrição dos fatos, Brum traça uma observação que para se combater a perversidade imposta é preciso da arte como forma de expressão:

A arte é um movimento poderoso. Não foi por outro motivo que ela foi tachada de “pornográfica” e “pedófila” pelas milícias da internet nos últimos anos. Não é por outro motivo que o bolsonarismo investe contra a Lei Rouanet e desmonta os mecanismos de proteção e incentivo à cultura. A arte não é adereço. Ela tira as pessoas do lugar. Ela faz pensar. Ela questiona o poder. E ela junta os diferentes. (BRUM, 2019, p. 300)

Com essa relação entre as palavras *perversão* e *arte* a jornalista cria uma relação cronotópica pela ótica bakhtinina que envolve o os 100 primeiros dias do Governo de Bolsonaro e o Carnaval, sendo a festa que trouxe um pouco de sentimento para o momento vivido “pela alegria, pela sátira, pelo riso, pela comunhão dos corpos nas ruas” (BRUM, 2019, p.300). Ao final deste trecho a jornalista reafirma a análise verbo-visual da concepção do livro e da capa, pois alega que o Brasil é um eterno construtor de ruínas e vive no passado, pois não consegue colocar estruturas firmes na questão social e ressalta que é preciso modificar essa situação:

Chega de construir ruínas. Chega inclusive de construir, este verbo que se mostrou violento na história dos Brasis. Este verbo de verticalidades e de hierarquias. Está na hora de conjugar o verbo das mulheres. Precisamos tecer, esse verbo horizontal, colorido, que só se embeleza na diferença. Temos que começar a imaginar um futuro onde possamos viver. O presente só pode ser tecido se o futuro for imaginado. Ninguém consegue viver num presente sem futuro. (BRUM, 2019, p. 301)

Brum faz críticas ao longo do livro para o então governo de Jair Bolsonaro e usa da narrativa jornalística para usar seu posicionamento e finaliza com a frase indicando ordem para seu leitor: “Desobedeçam aos senhores do ódio. Os dias precisam voltar a nos pertencer” (BRUM, 2019, p. 301).

Essa relação textual entre a descrição de um fato, destacando possíveis formas de manifestações trazem o que Volóchinov (2017, p. 249) considera como discurso alheio dentro do processo discursivo “O discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou”.

Sobral (2009) interpretando a teoria bakhtiniana resume a possibilidade de relacionar a fundamentação teórica dessa pesquisa com o olhar e o posicionamento valorativo de Brum na escrita jornalística:

O ponto alto para Bakhtin é alegar que a validade das decisões éticas depende não de abstrações, mas da articulação, junção, entre regras éticas (se assim se pode dizer) e as circunstâncias concretas da vida concreta, do processo situado de decisão do agente: o sujeito, ao agir, deixa por assim dizer uma “assinatura” em seu ato e por isso tem de responsabilizar-se pessoalmente por seu ato e se responsabiliza por ele perante a coletividade de que faz parte (e, em última análise, perante a humanidade como um todo!) (SOBRAL, 2009, p. 30)

A finalização do livro abarca o tom valorativo da autora dentro da ética jornalista de condução da informação e também expressa o seu posicionamento ideológico de não concordância com a questão da política brasileira e evidenciando o conceito de enunciado como Bakhtin (2016, p. 47) ressalta em *Os Gêneros do Discurso*: “Um enunciado absolutamente neutro é impossível”.

CONCLUSÃO

Despertar o interesse na leitura, desenvolver a consciência crítica, explorar atividades em sala de aula, debater temas relevantes da sociedade, resgatar a história de um determinado momento do país ou do mundo, criar tarefas em conjunto e de forma individual.

Bakhtin (2016, p. 73) é claro quando menciona que “dois elementos que terminam o texto como enunciado a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles, que determina a índole do texto.”

Essas relações entre a autora e os personagens do texto podem ser vistas ao longo da obra e são destacados também nos trechos selecionados da análise. Apesar de partir do diálogo escrito e com registros de fatos da política brasileira é possível compreender que o processo dialógico é mais complexo, pois envolve cenários já existentes e outros enunciados dentro da cadeia discursiva.

Trabalhar com o estudo de gêneros discursivos a partir da ótica bakhtiniana e também com os gêneros jornalísticos a partir da ótica da comunicação, em especial, a reportagem, traz inúmeras possibilidades no âmbito escolar e bem como na formação de novos leitores críticos no país, além de contribuir para os estudos nas áreas da linguística e da comunicação.

Para Bakhtin (2016) toda produção do texto precisa ter produção de sentido e esse sentido é mutável a cada contato que temos com os enunciados. A partir desta afirmação é possível elencar a necessidade de trazer textos como o de Eliane Brum que além de trazer diversos contextos da população brasileira, também evidenciam problemas sócio-históricos do país e posicionam o leitor como um formador de opinião e com novas percepções dos fatos da política brasileira.

Esta pesquisa está ancorada na perspectiva bakhtiniana de linguagem e nos gêneros discursivos, além dos gêneros da esfera jornalística, em específico a reportagem.

Desde a sua idealização, esta dissertação foi motivada com o objetivo de contribuir com os estudos das áreas da Linguística Aplicada e Comunicação Social, com o destaque para a fundamentação teórica de Mikhail Bakhtin e o Círculo passando especificamente sobre a produção de gêneros discursivos à luz da Análise Dialógica do Discurso.

Para aprofundar o referencial teórico foram evidenciados o trabalho do jornalismo no Brasil, o estudo sobre gêneros jornalísticos na esfera da comunicação e sobre reportagem. Bakhtin (2016) é claro ao mencionar que há uma infinidade de gêneros discursivos a serem estudados e reforça que onde há estilo há o gênero.

Quando estudamos gêneros discursivos sob a ótica bakhtiniana precisamos observar seus três elementos constitutivos: conteúdo temático, construção composicional e estilo. O conteúdo temático do livro de Eliane Brum retrata a política brasileira sob uma perspectiva narrativo-descritiva dos últimos 20 anos do país. Um aspecto importante sobre a reflexão de Bakhtin é sobre o contato do homem com o texto. Ao longo do texto foi possível observar conceitos de ética, estética, responsabilidade, axiologia, tom valorativo e responsividade que estão atrelados à Análise Dialógica de Bakhtin e o Círculo.

O texto pode ser lido e relido várias vezes o tema do texto pode mudar, pois de acordo com Bakhtin, a cada leitura é possível ter novas percepções de sentido do enunciado. Já a construção composicional refere-se a estrutura do texto e nesta parte fica clara a liberdade expressiva que Brum aborda, pois, o livro não foi dividido em capítulos de forma cronológica e pontuando datas.

A jornalista traçou relações entre os personagens e a população brasileira e trouxe sua narrativa para o texto, além de destacar em subtítulos os tópicos que considerou importante para destacar. Cabe aqui ressaltar que o trecho do ex-presidente Jair Bolsonaro foi o único em que ela enfatizou além do subtítulo analisado, a divisão em três partes relacionando figuras de linguagem com os acontecimentos da época.

Por fim, o estilo de acordo com Bakhtin (2016), está diretamente ligado ao modo próprio e único de falar e escrever, pois abarca a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua. O livro analisado foi o suporte para aprofundar os estudos a respeito dos gêneros discursivos de Bakhtin e o Círculo e também os gêneros jornalísticos da esfera da Comunicação, pois é possível a partir da leitura perceber a comunicação discursiva imediata que possui vínculo imediato com a realidade concreta.

O uso da linguagem figurada de Eliane Brum foi analisado a partir da perspectiva bakhtiniana, pois a escolha de uma palavra, uma gramática, uma característica da linguagem também implica um ato estilísticos. A relação verbo-visual do livro com a fotografia explora a proximidade que o leitor terá ao ler o livro.

Estamos diante de um fenômeno do estilo no qual a autora coloca a sua vivência, visão de mundo, recortes de reportagens anteriores, trazendo questionamentos e análises para o leitor. A autora apresenta um posicionamento responsivo a que Bakhtin (2016) denomina como uma perspectiva dialógica.

A questão do tempo e do espaço que a narradora articula na narrativa está diretamente ligada ao conceito cronotópico bakhtiniano, pois mostra as relações de tempo e espaço nos últimos 20 anos da política brasileira, além dos momentos de tensão que são descritos no livro. A jornalista procura, ao longo do livro, trazer a consciência crítica e reflexiva diante dos fatos da política brasileira. Ela se posiciona como repórter com o olhar crítico e demonstra sensibilidade com as camadas sociais mais vulneráveis do país.

O compromisso profissional de Brum não é evidenciado apenas nas reportagens que foram feitas ao longo da sua carreira e na criação do livro analisado nesta pesquisa, mas também reforça que os seus textos estão ligados a um posicionamento ativo diante do contexto social do país. A partir do livro estudado nesta dissertação observamos a mudança do tom valorativo diante dos acontecimentos.

Observamos que a reportagem descrita no livro como gênero discursivo difere das reportagens comuns do jornalismo diário, pois estão mais aprofundadas e relacionam contextos que vão para fatos históricos que estão antes dos anos 2000 para explicar a relação com a atualidade.

A jornalista utiliza recursos visuais e descritivos para compor cenários e criar cenas por intermédio de seu estilo singular. Brum preza pela ética jornalística trazendo fatos que reforcem sua crítica ou questionamento, dados que evidenciem as camadas mais vulneráveis que merecem olhares mais atentos dos governos.

Brum utiliza de uma narrativa carregada de figuras de linguagem como metáforas, metonímias, personificação e comparações, além de apresentar os personagens da narrativa, também usa diversos adjetivos e expressões ao longo da narrativa.

Este trabalho traz sugestões para ampliar o horizonte acerca dos gêneros discursivos, dos gêneros jornalísticos e em especial a reportagem. Este gênero quando observado a partir da sua realidade concreta permite o olhar crítico diante do fato, além de ter um tempo e um espaço.

O ponto final na reportagem é um limite provisório assim como na análise bakhtiniana. A reportagem pode ser discutida como forma de reflexão em sala de aula

ou ser expandida como projeto de ensino eficaz na interpretação de textos e na reflexão crítica.

O estilo de escrita de Brum explora recursos expressivos que afetam o leitor e com isso ele vai criar outros enunciados a partir dessa leitura. Espera-se que esta pesquisa contribua para alargar os horizontes no trabalho com a leitura em sala de aula, sendo, portanto, inspirador para pesquisas em Linguística Aplicada e Comunicação.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA DE BELO MONTE - CRONOLOGIA. Norte e Energia SA. Disponível em <<https://www.norteenergiasa.com.br/pt-br/uhe-belo-monte/historico>> Acesso no dia 13 de out. 2022.

ANDERSON, C. W; BELL, E; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. In: **Revista de jornalismo ESPM**, ano 2, n. 5, abril/junho de 2013, p. 30-89

AMORIM, M. Cronotopia e exotopia. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 95-114.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** (Trad. do russo, organização, notas e posfácio de Paulo Bezerra, notas da ed. russa Serguei Botcharov). São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

_____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BELTRÃO, L. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.

_____. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERTISANTOS, Sonia Sueli; PUZZO, Miriam Bauab. **Gênero Discursivo e as Novas Linguagens no Ensino de Língua Portuguesa**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 28, n. 2, p. 2643, dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.22364242>. v28i2p2643. Acesso em: 31 jan. 2023.

BERTOCCHI, D. **Gêneros no ciberjornalismo**. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.315-328

BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Estilo. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: conceitos -chave**, 5 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2 ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. O texto nas reflexões de Bakhtin e do Círculo. In: BATISTA, R. de O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 13-30.

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43–66 / Eng. 42, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 13 jan. 2023.

BRAIT, B; MELO, R. Enunciado/ Enunciado Concreto/ Enunciação. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: Conceitos Chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996

BRITES, M. J.; AMARAL, I.; CATARINO, F. **A era das “fake news”**: o digital storytelling como promotor do pensamento crítico. *Journal of Digital Media & Interaction*, v. 1, n. 1, p. 85-98, 2018.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006

BRUM, E. **Brasil Construtor de Ruínas**: Um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto de Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, A. **Redação jornalística de bico**. Curitiba: Campagnat; São Paulo: IBRASA, 1991.

CASTRO, J. **História do Rádio no Brasil**. Associação Brasileira de Emissora de Rádio e Televisão Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>>. Acesso em 10 jun. 2022.

CHAPARRO, M. Sotaques. **D'aquém e D'além mar**. Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

CHAUÍ, M. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2004.

CORRÊA, A. **O estilo de Eliane Brum na reportagem “Os Vampiros da realidade só matam pobres”**: Uma perspectiva bakhtiniana. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2009.

DEUZE, M. **Vida midiática**. Revista USP, São Paulo, n.86, p. 139-145, jun/ago 2010

FARACO, C. **Linguagem e diálogo**: as ideias do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Editora Parábola, 2009.

_____. **Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011

FIORIN, J. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Editora Ática, 2011.

_____. **Interdiscursividade e Intertextualidade.** Bakhtin: outros conceitos-chave. Tradução. São Paulo: Contexto, 2006

_____. *O romance e a representação da heterogeneidade discursiva.* In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin.** 2.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999, p.127-164.

G1 PA, **Altamira lidera ranking de cidades mais violentas do Brasil, diz IPEA.** Disponível em <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/altamira-lidera-ranking-de-cidades-mais-violentas-do-brasil-diz-ipea.ghtml>>. Acesso em 15 de out. 2022.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, jun. 1995. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em 24 set. 2021

_____. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63. jan. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 9 ago. 2022.

GRILLO, S. **Esfera e campo.** Bakhtin: outros conceitos-chave. Tradução. São Paulo: Contexto, 2006

GROSS, C. **Fake new e democracia:** discutindo o status normativo do falso e a liberdade de expressão. In: RAIS, Diogo (coord.) **Fake News:** a conexão entre desinformação e o direito 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2020.

Jornais: uma breve história. Associação Nacional de Jornais, 2020. Disponível em: <<https://www.anj.org.br/breve-historia/>>. Acesso em 14 jun. 2022.

KAYSER, J. **El periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada.** Quito: Ciespal, 1964.

KOTSCHO, R. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 2004.

LAGE, N. **A estrutura da notícia.** 2ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 6. ed., Record, Rio de Janeiro, 2005.

LIMA, E. Pereira. **Páginas Ampliadas:** livro-reportagem como extensão do jornalismo. São Paulo: editora Manole, 2009.

MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin:** Conceitos Chave. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

_____. *Os gêneros e a ciência dialógica do texto.* In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin.** 2.ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999, p.225-271)

MACIEL, L. **Para entender os gêneros do discurso.** 1ed. Araraquara: Letraria, 2022.

_____. **Diferenças entre dialogismo e polifonia.** Revista de Estudos da Linguagem, v. 24, p. 580-601, 2016a.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. **História do jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual.** São Paulo: Editora Paulus, 2012.

____. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009

MCQUAIL, D. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 2013.

MEDINA, C. **Notícia: um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbanae industrial. 6 ed. São Paulo: Summus, 1978.

NASCIMENTO, T. **O estilo nos gêneros discursivos crônica e reportagem: uma proposta para o ensino da leitura à luz da análise dialógica do discurso**. 2021. Tese. (Doutorado em Linguística Aplicada). – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2021.

NOBLAT, R **A arte de fazer um jornal diário**. 7ed. São Paulo: contexto, 2008.

NOHARA, I. **Desafios da Ciberdemocracia Diante do Fenômeno das Fake News: Regulação Estatal em Face dos Perigos da desinformação**. In: RAIS, Diogo. (Org.). **Fake News: A Conexão entre a Desinformação e o Direito**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018

NORONHA, M. G. **As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa**. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

PUZZO, M. B. **O discurso do outro na reportagem de Eliane Brum**. CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA, v. V.21, p. 178-198, 2019.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Editora Sulina, 2009.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207

SILVA, G. et al. **Análise da apuração jornalística na cobertura da posse de Jair Bolsonaro**. Novos Olhares, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 7-20, 2020.

SEIXAS, L. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom, 2009.

SOBRAL, A. **Do Dialogismo ao Gênero. As bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado das Letras, 2009

_____. Ato/atividade e evento. In. BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Ato “responsível”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. Signum: Estud. Ling., Londrina, n. 11/1, p. 219-235, jul. 2008.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria H. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo, Summus, 1986.

_____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, N. A História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.

SOUSA, J. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 1999.

VOLOCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** (Tradução, notas e glossário, Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo); (Ensaio introdutório, Sheila Grillo) São Paulo: Editora 34, 2017.

____. **A palavra da vida e a palavra na poesia.** 1 ed. São Paulo: Editora 24, 2019

ANEXO A

Trecho do livro sobre Luís Inácio Lula da Silva (página 14 a 19)

Uma esquina entre identidade e destino

Primeiro quero revisitar algumas cenas do Brasil, um país que é também um grande produtor de imagens. Durante seus dois mandatos (2003-2006 e 2007-2010), Luiz Inácio Lula da Silva não foi apenas um conciliador no campo ideológico. Ele se provou um conciliador de imaginários tanto na produção de um país como na produção do seu próprio mito. É ele, com todas as suas contradições, que ilumina o momento atual também para além do Brasil.

É preciso voltar ao ano de 2009, ao instante em que o Brasil foi escolhido para sediar as Olimpíadas de 2016. As imagens e o discurso de Lula foram transmitidos pelas TVs do país. Apresentadores da Globo, o maior grupo de comunicação do Brasil e um dos maiores do mundo, que desempenhou um papel decisivo tanto no golpe de 1964, que instalou uma ditadura militar de 21 anos, quanto no impeachment de Dilma Rousseff, emocionavam-se nas telas e telões com a fala de Lula. Nas areias de Copacabana, no Rio de Janeiro, uma multidão comemorava.

Lula diz para as câmeras de TV:

“O povo é bom, o povo é generoso. Acho que o Brasil merece. Aqueles que pensam que o Brasil não tem condições vão se surpreender. Os mesmos que pensavam que nós não tínhamos condições de governar esse país vão se surpreender com a capacidade do país de fazer uma Olimpíada. [...] A gente tava com a alma, com o coração. [...] Esse país precisa ter uma chance. Não é possível que esse país não tenha, no século 21, a chance que não tivemos no século 20. [...] Eu não vou estar na presidência, mas estarei como cidadão brasileiro, colocando minha alma, o meu coração, pra que a gente faça o que tem de melhor nesse país. Tem de comemorar porque o Brasil saiu do patamar de um país de segunda classe e se tornou um país de primeira classe.”

Lula agradece a várias pessoas. Uma voz sussurra perto do seu ouvido: “Michel”. Lula ignora e segue falando. A voz repete, um pouco mais alto: “Michel Temer”. Lula é obrigado a citar: “Ao Temer que está aqui”. A cabeça do então

presidente da Câmara dos Deputados descola-se por um momento das costas de Lula, onde ele havia estrategicamente se posicionado.

Temer havia sido reeleito deputado federal em 2006. Com menos de cem mil votos, sua soma individual era insuficiente para garantir mais um mandato. Ele só entrou devido ao quociente eleitoral, reeleição garantida pelo total de votos dados ao seu partido, o PMDB. Em 2009 conseguiu se tornar, com apoio de Lula, presidente da Câmara dos Deputados pela *segunda* vez. Mais tarde, se tornaria o vice de Dilma Rousseff e, finalmente, um dos articuladores do impeachment da presidenta, o que o alçou ao posto máximo do país.

Michel Temer seguirá até o final desta cena, a da comemoração da escolha do Brasil para sediar as *Olimpíadas*, colado Lula. Toda vez que Lula procura alguém ao redor para agradecer, depara-se com Temer. O que *significa* que as câmeras de Tv se deparam com Temer. Mas Lula não faz mais nenhuma ele. E a câmera volta a fechar no presidente mais popular do Brasil desde Getúlio Vargas (1882-1954).

Um repórter pergunta sobre a “decantada” beleza do Rio e Lula responde: “Eu acho que a alma do nosso povo, o olhar do nosso povo, o cale do nosso povo, o gingado do nosso povo, a cor do nosso povo. Sorriso do nosso povo é imbatível. Acho que finalmente o mundo reconhece é a hora e a vez do Brasil. [...] Ninguém agora tem mais dúvida da grandeza econômica do Brasil, da grandeza social, da capacidade nossa de apresentar um programa. [...] Inclusive o Banco Mundial já disse que o Brasil será, em 2016, a quinta economia do mundo.”

Quando as Olimpíadas de 2016 se realizaram, Lula tinha sido anunciado como réu por supostamente tentar obstruir as investigações da Operação Lava Jato. Dilma Rousseff, a sucessora que ele conseguira eleger por duas vezes, estava afastada pelo impeachment. E o carrapato colado nas costas de Lula tinha se tornado o presidente do país. Alcançou o posto porque o PT fez dele o seu vice, na aliança com o PMDB e algumas das mais tóxicas e persistentes oligarquias políticas e econômicas do país, e por força de um impeachment sem consistência. Foi Temer, que logo se tornaria o presidente mais impopular desde a redemocratização do país, quem abriu os Jogos Olímpicos. Foi vaiado nas Olimpíadas de 2016, como antes Dilma Rousseff havia sido na Copa do Mundo de 2014.

As Olimpíadas, assim como a Copa, foram momentos planejados por Lula para que o Brasil finalmente alcançasse a síntese entre identidade e destino. Não é um acaso que, para marcar essa inflexão histórica, tenham sido escolhidos dois eventos

de exibição para o mundo. O discurso de Lula em 2009 é explícito. Ele junta todos os estereótipos associados ao que chama de “povo brasileiro” – o povo bom, o povo generoso, o povo que tem coração, o povo que tem gingado, o povo que tem alma – e os lança como o diferencial que levou o país a uma vitória em outro campo, o da política e da economia.

O Brasil teria alcançado um lugar entre os grandes – ou “a primeira classe” – com este povo. Não apesar dele, como tantas vezes foi afirmado por diferentes elites em diferentes espaços, mas por causa dele. E com Lula na liderança, um homem de fato “do povo”. Temos aqui uma fusão inédita das imagens dos representantes e do representado. O Brasil teria sido escolhido como sede das Olimpíadas por causa do “coração” e da “alma”. O brasileiro cordial de Lula, vale ressaltar, não é o mesmo de Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982).

Não há nada de banal nessa construção. A escolha de eventos para o mundo ver é também a de se olhar como a medida do outro. E não qualquer outro, mas um outro de “primeira classe”. Naquele momento, a ascensão de cerca de 29 milhões de brasileiros no fenômeno que se chamou de “nova classe média”, ocorrida entre 2003 a 2009, é uma inclusão marcada pelo acesso a mercadorias. A “TV de tela plana”, que uma dia serviria também para assistir à Copa e às Olimpíadas, tornou-se o símbolo de ascensão social da “Classe C”.

Nessa escolha, há algo que deve ser assinalado. Lula é o novo, sim, na medida em que “nunca antes na história desse país”, como ele gostava de repetir, um operário, alguém com a sua origem social, havia se tornado presidente. Para um país desigual e racista como o Brasil, é uma enormidade. Levará talvez muitas décadas para se dimensionar o que significa um homem de uma classe social que durante toda a história da República frequentara apenas as periferias do poder finalmente alcançar o centro. Já é possível afirmar, que esse deslocamento moveu placas tectônicas.

O impacto nas subjetividades, e isso em todas as classes sociais, é determinante na costura dos dias. Como o historiador Nicolau Sevcenko (1952-2014) afirmou uma vez, em outro contexto, há coisas que não devemos nos perguntar o que farão por nós, elas já fizeram. Este é o caso da eleição de um trabalhador braçal para a presidência do país.

Essa marca jamais pode ser esquecida, tanto por justiça histórica como pelo seu impacto nos acontecimentos que se seguiram. A mudança que Lula propõem como governante, porém, é a inclusão no mundo como ele está dado, não a

confrontação da ordem no mundo. Essa proposta está muito longe da construção de um modelo próprio para o Brasil a partir das experiências de diversidade de um país marcado pela pluralidade – Brasis -, como foi a proposta de movimentos culturais ao longo da história e também o sonho de parte dos intelectuais que apoiaram o PT em seu início.

A ressonância internacional de Lula, que se tornou pop no mundo da “primeira classe”, se deveu à mágica de reduzir a pobreza sem tocar na renda dos mais ricos. Os ricos ficaram ainda mais ricos, os bancos tiveram lucros recordes (alçando os R\$ 280 bilhões nos oito anos de mandato), fato de que Lula não cansava de se orgulhar. E mais gente passou a fazer três refeições por dia, o que não é um dado qualquer nu país como o Brasil, muito menos numa vida humana. Entre 2002 e 2010, 24 milhões de pessoas passaram a ter TV, 31,6 milhões tiveram acesso a geladeira e outras 31,5 milhões instalaram uma máquina de lavar. No final do governo Lula, segundo o Instituto Data Popular, a classe C era a maior consumidora de eletrodomésticos e eletrônicos do país, com 45% dos gastos, contra 37% dos mais ricos (classes A e B).

Como o mundo regido pelo capital não ficaria encantado por um presidente que tornava os ricos mais ricos e os pobres menos pobres sem precisa redistribuir a riqueza nem ameaçar os privilégios de classe? Que propaganda poderia ser maior para a democracia, como um sistema capaz de garantir mobilidade e justiça social, num momento em que os sinais da crise global das democracias já eram evidentes?

O problema é que a mágica, como sabemos, não existe. O mágico jamais pode acreditar no próprio truque nem esquecer que a ilusão da plateia dura o tempo todo do espetáculo. A mágica de Lula só era possível devido ao aumento da exportação de matérias-primas, e movida especialmente pelo crescimento acelerado da China. A mágica também tinha um custo, e ele era alto: o custo-natureza. Para produzir as matérias-primas que eram exportadas, avançou-se ainda mais sobre os biomas naturais. Arrancou-se da floresta a ampliação da área de soja, da pecuária e da mineração, assim como a geração da energia para alimentar essa produção, com a construção de pelo menos três hidrelétricas na Amazônia, com efeitos devastadores sobre o meio ambiente e os povos da floresta.

A relação comercial do Brasil com a China é marcada pela reprimarização da economia, palavra feia usada para explicar que o país volta a focar na exportação e matérias-primas e na importação de produtos de valor agregado. Para parte de seus críticos, o Brasil de Lula é um país que retorna a uma economia de colônia. Essa não

é uma discussão simples, nem imune a controvérsias. O custo-natureza dessa operação, porém, é evidente e muito menos mencionado no debate político e econômico. Como esse debate é travado no centro-sul do país, o tema da destruição da Amazônia é subalterno ou mesmo inexistente.

O colapso climático provocado por ação humana, o maior desafio de toda a trajetória de nossa espécie no planeta Terra, deveria atravessar todos os debates e mesmo determiná-los. Mas, tanto à esquerda quanto à direita, a ignorância sobre suas implicações é desesperadora. Lula não é o único protagonista do Brasil do século 21 que ignora a emergência climática em suas escolhas. A maioria o faz. Esta é parte da tragédia não só para o Brasil, e sim para o mundo, já que o país abriga 60% da maior floresta tropical do planeta, estratégica para conter o superaquecimento global.

Trecho do livro sobre Dilma Rousseff (páginas 60 a 64)

A Amazônia paga o custo da conciliação

O governo de Dilma Rousseff foi controverso mesmo para a parcela dos petistas que têm dificuldades com a autocrítica. A política para a Amazônia, de longe a mais destrutiva, tornou-se explícita no governo da primeira presidenta. A rota, porém, foi determinada nos governos de Lula. Dilma aparece como a vilã, mas só se perdermos a visão do processo. É um fato que ela acentuou e acelerou a aliança com os ruralistas e escancarou a intenção de desmantelar a Funai, mas as primeiras grandes hidrelétricas deste século na Amazônia — Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira, em Rondônia — começaram a ser construídas nos governos de Lula e foram licenciadas ainda quando Marina Silva era ministra do Meio Ambiente. A arquitetura e o leilão de Belo Monte também foram desenhados e materializados durante os governos de Lula. A visão da Amazônia do PT que esteve no governo mostrou-se muito semelhante à visão da Amazônia dos governos da ditadura militar (1964-1985). Em parte, a escolha expõe a notória dificuldade que parte da esquerda demonstra para compreender a emergência climática e o tema socioambiental.

Já a partir do final do segundo mandato de Lula, lideranças tradicionais dos movimentos sociais da Amazônia passaram a ter clareza de que o ser/estar no mundo dos povos da floresta, se antes pelo menos em tese tinha lugar no governo, já não encontrava mais espaço. E, a partir de Dilma Rousseff, nem mesmo interlocução. Para

o bispo Dom Erwin Kräutler e a ativista Antônia Melo, por exemplo, lideranças históricas do Médio Xingu, a hidrelétrica de Belo Monte tornou-se a prova de que o projeto para a Amazônia de Lula e de Dilma dava prosseguimento àquele iniciado na ditadura militar. A floresta seguia sendo um corpo para exploração, e os povos da floresta um entrave a um tipo de desenvolvimento que nega sua existência e seu modo de vida. Nesse olhar, a Amazônia e seus povos, para virar futuro, precisam tornar-se passado.

Cada uma das lideranças guarda na memória uma cena marcante do momento em que percebeu que os governos do PT rasgariam seu compromisso com os povos da floresta e com os pequenos agricultores dos projetos de desenvolvimento sustentável. As lembranças marcam também a diferença de estilos entre Lula e Dilma Rousseff. A decisão dos dois era a mesma, mas a forma de lidar com aqueles que estavam traindo era totalmente diversa.

Dom Erwin Kräutler, que há mais de dez anos anda com escolta policial, por causa das ameaças à sua vida, conta: “Era 19 de março de 2009. Fui com um advogado do CIMI [Conselho Indigenista Missionário], amigo meu de longa data, e com um assessor político do CIMI. Fiquei com o Lula uns 20 minutos, talvez meia hora. Apresentei as nossas angústias e as nossas preocupações, e ele foi o primeiro a insistir que houvesse um diálogo construtivo, que se avaliasse os prós e os contras de Belo Monte. Eu disse: ‘Olha, eu queria que o senhor ouvisse o povo’. Ele perguntou: ‘Que povo?’. Eu disse: ‘O povo do Xingu, os representantes do povo do Xingu’. Ele disse [Dom Erwin imita a voz e o jeito de Lula]: ‘Manda chamar!’. Acertamos então uma segunda visita. Senti o Lula como alguém muito amigo, simpático. Eu ainda esperava que ele fosse se convencer de que não era por aí. Até escrevi: ‘Graças a Deus, Lula entendeu’. E nós marcamos outra audiência, em 22 de julho do mesmo ano. Levamos dois índios, dois ribeirinhos, a Antônia Melo, dois procuradores da República e o professor Celio Bermann [do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP].

Do outro lado havia o setor energético do governo, todos os figurões. Nós, de um lado, humildes, coitados, nos sentindo como peixes fora d’água e, do lado de lá, essa gente que mandava e até hoje está mandando. Mas a gente tinha segurança daquilo que nós queríamos. A primeira parte da audiência com o Lula foi sem ele. O pessoal do governo xingou os procuradores da República, dizendo que eles não entendiam nada, que não era do ramo deles, que estavam se metendo em assunto

que não dizia respeito a eles. E até foram alteando a voz, viu? Fiquei até assustado, pensando que a educação tinha passado muito longe daqueles senhores. Lembrei que quem grita revela que não tem argumentos para convencer o interlocutor. No fundo, essa turma tinha que admitir que a razão e o bom senso estavam do nosso lado. Assim, optaram por atitudes autoritárias e de prepotência, querendo nos intimidar, dizendo que não entendíamos nada do assunto. Do nosso lado, ninguém perdeu em nenhum momento a compostura. Não respondemos aos gritos. Os berros saíram da goela deles. Neste exato momento, o Lula entrou 'em cena', perguntando: 'Vocês estão vivos?'. Porque era um berreiro, não era diálogo.

A entrada do Lula na sala parecia uma ducha de água fria em cima da turma dele. De repente, eles se recompuseram. Achei ridículo! Pareciam meninos briguentos na sala de aula. Quando o professor entra de repente, ficam com medo de algum castigo ou de nota baixa e então se ajeitam. Aí o Lula me cumprimentou efusivamente, como se fôssemos amigos de longa data, 'companheiros' de luta desde a primeira hora. E, não nego, me senti bem à vontade e agradei a ele por ter nos recebido, elogiando esse gesto aberto de busca de 'diálogo'. Pois naquele momento acreditei realmente no diálogo. O Gilberto Carvalho [chefe de gabinete do então presidente Lula, depois ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, no governo Dilma] queria que só eu falasse em nome de todos. Eu disse: 'Presidente, o senhor vai ter que ouvir esse povo. Esse povo veio de longe, quer falar com o senhor.

Não pode pegar só dois que representem os outros, porque eles vão sair com uma frustração que não tem tamanho!'. O Lula então disse [e Dom Erwin imita a voz rouca do então presidente]: 'Deixa comigo! Vamos fazer!'. Então, de fato, ele deu a palavra a todos. O povo falou de sua angústia, de que não podiam deixar a sua terra. Depois, os procuradores da República falaram das inconstitucionalidades do projeto de Belo Monte, de que os índios não tinham sido ouvidos. O Celio Bermann colocou então os pontos técnicos e financeiros que tornavam o projeto inviável. E aí é que eu vi o Lula levando susto.

Ele olhou para a turma dele, dizendo: 'Vocês vão ter que dar uma resposta imediata para o professor'. Mas essa resposta não veio até hoje. Era teatro, jogo político. Depois, ele me segurou no braço e disse [imitando mais uma vez a voz do ex-presidente]: 'Dom Erwin... Primeiro: nós não vamos empurrar esse projeto goela abaixo de quem quer que seja. Conte comigo. O diálogo tem que continuar. Segundo: o Brasil tem uma grande dívida com os atingidos por barragens, e essa dívida, até

hoje, não foi sanada. Tem muita gente perambulando por aí que não recebeu a indenização, e a vida praticamente foi cortada pra eles. Terceiro: nós não vamos repetir [a hidrelétrica de] Balbina. Balbina é um monumento à insanidade. E quarto: o projeto só vai sair se for vantagem pra todos’.

Ele disse isso textualmente, sentado ao meu lado, me segurando nesse braço [mostra o braço esquerdo]. Eu pensei, bom... o presidente não iria falar isso se não fosse verdade. Mas as mulheres têm mais sensibilidade, têm mais intuição. A comadre Antônia Melo não quis nem tirar retrato. Os outros todos bateram foto com o Lula. Eu fiquei até estranhando, mas ela sentiu, já naquele tempo, que era apenas um show para agradar ao bispo. Engraçado, as mulheres, neste ponto, têm uma intuição que os homens não têm. Eu pensei: ‘Não, o Lula não vai mentir na minha cara!’. E, ainda por cima, segurando no meu braço...” Quando Antônia Melo recorda seu encontro com Dilma Rousseff, então ministra de Minas e Energia de Lula, os olhos da maior liderança popular do Médio Xingu se tornam subitamente molhados.

Foi a primeira vez que eu a vi chorar. Antônia, a mulher que perdeu companheiros assassinados por consórcios de grileiros, que lutou por justiça no caso dos meninos emasculados do Pará, que enfrentou homens abusadores para proteger mulheres vítimas de violência doméstica, que frequentou ela mesma a lista de ameaçados de morte por conflitos de terra, numa entrevista que durou mais de três horas, chorou apenas ao contar do seu encontro com Dilma, ainda em 2004: “Quando chegamos à audiência, a Dilma demorou um pouco para aparecer. Aí veio, com um cara do lado e outro do outro, como se fosse uma rainha cercada por seu séquito.

Nós estávamos ali porque, se era desejo do governo estudar esse projeto [de Belo Monte], queríamos ter certeza de que seria um estudo eficiente, já que sabíamos que todos os estudos feitos até então eram uma grande mentira, sem respeito pelos povos da floresta nem conhecimento do funcionamento da região. Então, já que o governo queria estudar a viabilidade de Belo Monte, que o fizesse com a seriedade necessária.

A Dilma chegou e se sentou na cabeceira da mesa. O Zé Geraldo [então deputado federal pelo PT] nos apresentou, e eu tomei a palavra. Eu disse: ‘Olha, senhora ministra, se este estudo vai mesmo sair, queremos poder ter a confiança de que será feito com seriedade’. Assim que eu terminei essa frase, a Dilma deu um murro na mesa. Um murro, mesmo. E disse: ‘Belo Monte vai sair’. Levantou-se e foi embora.” Quando Antônia Melo terminou seu relato, compreendi que seus olhos

boiaram porque ela se sentia ao mesmo tempo humilhada e traída. Fundadora do PT na região de Altamira, Melo, como é mais conhecida, só se desfilia do partido cinco anos e outras decepções depois, em 2009.

Quando Dilma Rousseff se tornou a primeira mulher a assumir a presidência na história do Brasil, foi festejada internacionalmente. Era um marco. Em setembro de 2011, a revista americana Newsweek colocou Dilma na capa, com o título: “Dilma Dinamite: onde as mulheres estão vencendo”. Dentro, o perfil da presidenta: “Não mexa com Dilma”.

Segundo Tina Brown, editora-chefe da revista, em entrevista à jornalista Mônica Bergamo, “Dilma, e não Lula, era o político alfa do Brasil”. Dilma fez o discurso de abertura da Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, enaltecendo as vantagens de uma liderança feminina. Mas, como presidenta, não recebeu as lideranças femininas do Xingu que, no 8 de Março de seu primeiro ano de governo, viajaram de ônibus durante dois dias até Brasília para dizer a ela que Belo Monte acabava com suas vidas — e com as vidas de seus filhos. Lula — e Dilma ainda menos do que ele — parecem não ter compreendido essas outras formas de perceber o Brasil e de viver no Brasil. Mas talvez mais grave do que não compreender outras maneiras de ser brasileiro é não achar que é preciso compreender.

Lula e Dilma compartilhavam dessa negação. Lula parece ter enxergado os povos da floresta como “pobres”, sem entender que viviam numa outra chave de apreensão do mundo, com outra experiência do que é riqueza e do que é pobreza. Os atos de Dilma sugerem que ela sequer desconfiava da existência de outras formas de apreender o mundo. Ou desconfiava, mas as descartava como pouco práticas ou “fantasia”, como chegou a afirmar, referindo-se a ambientalistas, em reunião com integrantes do Fórum do Clima, em abril de 2012. Dilma poderia ter aprendido. E deveria ter aprendido, porque foi uma governante eleita duas vezes no período em que a crise climática se tornou uma das maiores preocupações dos governantes democráticos do planeta.

Barack Obama, que governou os Estados Unidos por dois mandatos, afirmou em 2015: “Somos a primeira geração que sente as consequências das mudanças climáticas e a última que tem a oportunidade de fazer algo para deter isso. Esse é um desses problemas aos quais, por sua magnitude, se não agirmos bem, não poderemos reagir nem nos adaptar. Quando falamos de mudanças climáticas, existe a possibilidade de chegar tarde.

Não há um desafio que represente uma ameaça maior para nosso futuro que as mudanças climáticas”. Dilma, como presidenta de um país que tem a maior porção da floresta amazônica no seu território, não tinha o luxo de desconhecer as implicações do desmatamento da floresta e da desproteção dos povos indígenas para o colapso climático. Talvez o maior defeito de Dilma como governante tenha sido sua incapacidade de escutar. Para ela, o Programa de Aceleração do Crescimento era pragmático, tinha resultados mensuráveis e deveria ser colocado em prática custasse o que custasse.

Não me parece que ela tenha compreendido que custava muito. Lula e Dilma não estão a sós com sua ignorância. Eles a partilham com uma parcela da população brasileira, para a qual a Amazônia é longe demais em múltiplos sentidos, o que torna mais fácil perpetuar os crimes contra povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. Assim como continuar ignorando, apesar dos sinais inequívocos que já determinam a vida cotidiana, que a crise climática marca o momento em que o homem deixa de temer a catástrofe para se tornar a catástrofe que temia. A geração que ocupa os postos de poder no início do século 21 não apenas nasceu no século 20, o que é inescapável, mas tem uma mentalidade de século 20. Demonstra ainda acreditar nas grandes obras, na produção em grande escala e no estímulo ao consumo como solução para todos os problemas. Essa parte não é inescapável. É só incompetência.

Em 2011, quando se iniciou a abertura do canteiro de obras da hidrelétrica de Belo Monte, na região de Altamira, no Pará, passei um dia com o chefe de uma das famílias que seriam obrigadas a deixar a terra onde viviam para a construção daquela que era a maior obra do governo. A certa altura, ele abraçou uma castanheira e chorou. Não como garoa, mas como rio. Tentava me explicar por que ele não podia ser — sem ser ali. Ou a impossibilidade de habitar um mundo sem aquela árvore específica, aquela árvore que era também pessoa. De repente, o choro estancou e sua voz foi grilada pela raiva: “Fico revoltado quando Dilma diz que somos pobres. Por que ela pensa que somos pobres? De onde ela tira isso? Essa é a maior mentira”.

Aquele homem quase nada tinha de bens materiais, nem os desejava. Sequer os conhecia e, se conhecesse, não teriam propósito no seu cotidiano. Seu conceito de pobreza e de riqueza era totalmente outro, incompreensível para os fazedores de política do momento. Rotulá-lo como pobre, no discurso de Brasília, o ofendia, porque se considerava rico. Não como um discurso abstrato ou mesmo poético, mas porque era de fato como rico que se enxergava, na medida em que a floresta lhe dava tudo

de que precisava. Para ele, a vida que ali tinha era a melhor que conhecia. Era, afinal, a sua vida. Com esses ricos e esses pobres, Lula — e Dilma menos ainda — jamais conseguiu dialogar, nem mesmo quis escutar.

Trecho sobre Michel Temer (páginas 153 a 159)

O retrato

Os grupos de direita que articularam o impeachment de Dilma Rousseff acreditaram que estava tudo resolvido. A velha ordem — branca, masculina e oligarca —, aliada à nova força evangélica, voltava ao poder sem nunca ter saído. O retrato oficial do primeiro ministério de Michel Temer é explícito.

Poderia ter sido produzido um século antes, na República Velha. A única diferença seria uma pequena modificação no estilo das roupas. De imediato, a fotografia produziu estranhamento. Como um retrato do presente que já surge amarelado, com pontos de mofo aqui e ali, clamando por uma naftalina para enfrentar as traças. Só brancos, só homens, só velhos. Nenhuma mulher. Nenhum negro. Nenhum indígena. Esse retrato era uma imagem poderosa porque não representava o Brasil de 2016. Era também uma mensagem poderosa. A “ponte para o futuro” — nome do projeto apresentado pelos grupos que apoiavam o impeachment — era uma ponte para o passado, ou nem isso.

Talvez o mais exato a dizer é que era uma ponte que foi construída já quebrada, o rompimento incluído no projeto de engenharia, para que não houvesse como alcançar qualquer futuro que não fosse passado. A mensagem gerada pela escolha do ministério reafirmava a ideia de que o Brasil voltava a uma espécie de ordem estabelecida.

Houve setores que comemoraram esse feito, como se de fato se tratasse apenas de um retorno ao que sempre foi e jamais deveria ter deixado de ser. Para compreender essa fotografia, porém, é preciso entender que simplesmente voltar já não era possível. Temer e as forças que protagonizaram esse momento podem até ter acreditado que daria para voltar ao passado que representam. Mas não daria para retornar ao Brasil pré cotas raciais, ao Brasil antes da campanha #PrimeiroAssedio, ao Brasil antes do Bolsa Família e do protagonismo das mulheres chefes de família, ao Brasil em que os mais pobres aceitavam não ter acesso ao consumo, ao Brasil em

que pobre não chegava à universidade, ao Brasil em que estudantes de escolas públicas não reagem ao serem violados em seus direitos mais básicos.

Essa ideia pode até ter sido acalentada por Temer e pelas forças que o colocaram no poder. Mas era desejo, não fato. A ideia de que as elites podem escrever toda a história do país, e reescrever, e suprimir capítulos, e dizer qual é a narrativa que vai preponderar sobre todas as outras não se sustenta no Brasil do presente. Talvez não tenha se sustentado nunca, basta ver as tantas rebeliões que tiveram de ser sufocadas no passado pretérito. A própria sobrevivência de negros e indígenas, vítimas de genocídios e de políticas de assimilação (até hoje), aponta a resistência.

Às vezes silenciosa, persistente sempre. No pacto de elites expresso no retrato do ministério de Temer havia muito do que é velho no Brasil. Pelo menos nove ministros dos 24 estavam com problemas com a Operação Lava Jato. Nos meses seguintes, o número de investigados e condenados multiplicaria-se rapidamente. E, após o final do mandato, o próprio presidente chegaria a ser preso. Havia ainda Alexandre de Moraes (PSDB), um ministro da Justiça que condecorou policiais que espancaram estudantes adolescentes, e que mais tarde seria premiado com a indicação para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Havia um ministro da Agricultura, Blairo Maggi, que mudou do PR para o PP para garantir seu nome para o ministério.

Maggi, conhecido como “o rei da soja”, já foi o vencedor do prêmio “Motosserra de Ouro”, dado pelo Greenpeace, em reconhecimento à sua colaboração para a destruição do meio ambiente. Havia Osmar Terra (PMDB), defensor da política de “guerra às drogas”, comprovadamente incompetente e superada em todos os países que conseguiram lidar com a questão com bons resultados.

Havia vários que estiveram com Dilma Rousseff até a véspera, como Gilberto Kassab (PSD) e Leonardo Picciani (PMDB). E mesmo os mais jovens eram herdeiros de velhos clãs ligados ao PMDB, entre eles os Sarney, do Maranhão, e os Barbalho, do Pará. Os prometidos “notáveis” não havia. O que se viu foram notórios. Há algo que parecia velho, porém, mas era novo. Porque não é novo apenas aquilo de que gostamos. Tratava-se do bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus Marcos Pereira (PRB). Ele foi o arquiteto que fez o PRB — partido ligado à Igreja Universal e à TV Record, duas frentes da mesma construção política — ganhar musculatura no Congresso.

Desde os anos 80, quando as neopentecostais começaram a crescer e a se multiplicar, tornou-se impossível compreender o país sem compreender os projetos de poder dessas igrejas e também o que levava a elas tantos fiéis, a maioria deles ex-católicos. Vale a pena perceber também que a Igreja Católica, outrora tão ativa na política brasileira, teve pouca ressonância no desfecho que levou Temer ao poder. O crescimento das igrejas evangélicas, em especial o das neopentecostais, e o quanto elas têm mudado o país nas últimas décadas é algo ainda pouco investigado no Brasil. Primeiro, costuma-se colocar todas na mesma caixa, e elas são bem diferentes entre si.

O mundo evangélico é amplo, desde as mais barulhentas, que defendem abominações como a “cura gay”, até aquelas criadas para acolher homossexuais e promover casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Há ainda as protestantes tradicionais, cujos pastores se horrorizam com a vulgaridade dos novos colegas. A maioria das neopentecostais, entre elas a Igreja Universal do Reino de Deus, de Edir Macedo, e a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, de Silas Malafaia, não representam apenas um projeto religioso para suas lideranças. O que representam é um projeto político para garantir um império econômico transnacional. Há dois atos de Temer que têm grande força simbólica para a compreensão do pacto instalado no Planalto após o impeachment.

No dia da votação do afastamento de Dilma Rousseff no Senado, 11 de maio de 2016, Temer só deixou o Palácio do Jaburu, onde parlamentares vinham lhe beijar a mão, para beijar uma mão mais poderosa que a dele, a de José Sarney, esse personagem que atravessa a ditadura e a redemocratização. As digitais de Sarney estão por toda parte, em especial no setor elétrico do país. Isso é velho. E forte. No dia seguinte, após a posse como presidente interino, Temer recebeu a bênção de Silas Malafaia, o mais truculento líder evangélico do país, e rezou com expoentes da bancada religiosa, como o pastor e deputado Marco Feliciano. Isso era novo. E forte. As escolhas — e as imagens produzidas por elas — mostraram que os evangélicos deixaram de ocupar a periferia do Planalto.

O poder central, que por séculos beijou o anel dos bispos católicos, agora beijava a mão dos grandes pastores. O Brasil mudou de estética nos últimos 40 anos. E mudou rapidamente. A imagem de um Lula alquebrado, quase distraído, ao lado de Dilma Rousseff, durante o discurso de despedida diante do Planalto, merece interpretações. Lula não disfarçava. Talvez porque não quisesse, talvez porque já não

pudesse. Seu rosto estava devastado. Era um fim. Independentemente do que aconteceria com Dilma Rousseff e principalmente com ele e com o PT nos meses e anos que viriam, ali havia um fim.

Aquele fim melancólico, até mesmo terrível, poderia ter movido uma autocrítica do PT sobre suas escolhas no poder. O campo das esquerdas teria ganhado, o Brasil também. A única saída digna para o PT teria sido enfrentar as contradições e fazer autocrítica. Passar a limpo as escolhas feitas em nome da palavra mais enganadora do léxico político recente: “governabilidade”. Mais uma vez, porém, “não era a hora certa”. Havia 2018 no horizonte. E o PT parecia nunca entender que contornar as contradições pode soar como uma boa ideia na ocasião, mas explode logo adiante. Quem briga com os fatos sempre acaba perdendo em algum momento. O rosto devastado de Lula, ao lado de uma Dilma em seu derradeiro discurso, e a cena do ministério de Temer, com papagaios de pirata como Aécio Neves tentando se incluir e salvar a pele de playboy, evocavam também uma interrogação sobre quem são os profissionais do ramo. Parte das elites bajula Lula desde que ele era um líder sindical do ABC. Da campanha de 2002 em diante, quando desfilou pelos salões de São Paulo, Lula demonstrou gostar cada vez mais de ser “o cara”.

O mesmo vale para muitos protagonistas do PT, parte deles hoje na cadeia ou com tornozeleira eletrônica. Em algum momento, os petistas acharam que eram os donos da bola desse jogo viciado, sem perceber que eram observados de perto — e com algum divertimento — por cartolas tão velhos quanto o diabo. Na política, no empresariado, na justiça. Lula parece ter acreditado que era mesmo um ungido, bastando abrir a boca para chamar as massas para si, enquanto cada vez mais se distanciava delas também na produção simbólica de imagens. Tudo indica que Lula e o PT não compreenderam por completo a complexidade do jogo e a fragilidade do seu lugar nele.

Escolheram jogar o jogo do adversário e abriram mão de questionar as regras, achando que podiam seguir ganhando. Dilma, por sua vez, provou-se um dos maiores equívocos de Lula, até então famoso por sua intuição política. Até (quase) o final, parte dos petistas acreditou que podia virar a partida decisiva. A ironia maior é o fato de que quem ficou ao lado de Lula, Dilma e o PT foi a torcida à qual tinham virado as costas ao rifar bandeiras históricas. A face devastada de Lula contém muitos significados.

Um deles pode ser decodificado como o rosto entre a surpresa e a mágoa do menino que achava que para sempre seria o dono da bola. Mas descobriu que nunca

foi de fato o dono da bola. O sorriso de escárnio dos ministros de Temer e de seus apoiadores, a expressão de euforia mal contida do próprio Temer, pareciam dizer: “Amadores... Os profissionais agora vão cuidar de tudo”. A imagem expressava a arrepiante volta dos que nunca foram. Houve um momento em que o PT poderia ter mudado o jogo. E não mudou.

Não há lastro em seguir acreditando que tudo o que aconteceu foi porque o PT mudou o jogo e desagradou as elites. O que tornou o impeachment viável foi exatamente o contrário: o fato de o PT não ter mudado o jogo no principal. Essa é a parte incontornável. A história não está dada. O Brasil não é o que era. O passado pode não passar, mas também não volta. O lema positivista “Ordem e Progresso”, que Temer pegou emprestado da bandeira, já era conservador quando proclamaram a República, no final do século 19. Em entrevista exclusiva ao Fantástico, programa da TV Globo, em 15 de maio de 2016, Temer respondeu que um dos legados que gostaria de deixar é “a pacificação do Brasil”. A “pacificação” proposta por Michel Temer era cada um voltar a ocupar seu lugar racial e social, como se essa fosse a ordem natural das coisas. A “pacificação” de Temer era paz apenas para alguns. Bastava acompanhar os discursos de Temer e de parte das elites econômicas e do que se chama “mercado”, com sua narrativa de “volta à normalidade” e de “retomada do crescimento”, para perceber que de fato acreditavam que estava tudo dominado. Naquele momento, porém, o buraco virava um abismo: num período de profunda crise da democracia, afirmava-se à população que seu voto não valia nada. Como algo tão grande ressoa num país já empapado de ódio?

Trecho sobre Jair Bolsonaro (página 288 a 301)

Cem dias sob o domínio dos perversos

Os primeiros cem dias do governo Bolsonaro fizeram do Brasil o principal laboratório de uma experiência cujas consequências podem ser mais destruidoras do que mesmo os mais críticos previam. Não há precedentes históricos para a operação de poder de Jair Bolsonaro. Ao inventar a antipresidência, Bolsonaro forjou também um governo que simula a sua própria oposição. Ao fazer a sua própria oposição, neutraliza a oposição de fato. Ao lançar declarações polêmicas para o público, o governo também domina a pauta do debate nacional, bloqueando qualquer possibilidade de debate

real. O bolsonarismo ocupa todos os papéis, inclusive o de simular oposição e crítica, destruindo a política e interditando a democracia. Ao ditar o ritmo e o conteúdo dos dias, converteu um país inteiro em refém. Dividi essa análise em três partes: perversão, barbárie e resistência. E a faço usando o tempo presente como recurso narrativo. Aos cem dias já era possível enxergar alguns traços do bolsonarismo como governo. O rumo que essas primeiras características tomariam, como elas se desenvolveriam ou como se adaptariam, se necessário fosse, só os anos vão mostrar. Já era possível, porém, enxergar uma estratégia. Nos primeiros cem dias, “os tempos são assim”:

A perversão: Tanto a oposição quanto a imprensa, a sociedade civil organizada e até mesmo grande parte da população viveram os primeiros cem dias no ritmo dos espasmos calculados que o bolsonarismo injeta nas horas. É por essa razão que escolho nomear como “perversão” o cotidiano do Brasil nesse momento. É palavra exata, não eufemismo. Os perversos corromperam o poder que receberam pelo voto para impedir o exercício da democracia. Como têm a máquina do Estado nas mãos, eles podem controlar a pauta. Não só a do país, mas também o tema das conversas cotidianas dos brasileiros, no horário do almoço ou junto à máquina do café da firma ou mesmo na mesa do bar. O que Bolsonaro aprontará hoje? O que os Bolsojuniores dirão nas redes sociais? Qual será o novo delírio do bolsochanceler? Quem o bolsoguru vai detonar dessa vez? Qual será a bolsopolêmica do dia? Assim é determinada a agenda do Brasil. Bolsonaro fez uma espécie de sequestro da mente dos brasileiros e tornou-se onipresente no cotidiano do país.

Esta, porém, é apenas uma parte da operação. Para ela, Bolsonaro teve como mentor seu ídolo Donald Trump. O bolsonarismo vai muito mais longe. Ele simula também a oposição. A sociedade compra a falsa premissa de que há uma disputa. E assim qualquer disputa real é barrada ou mesmo neutralizada. Quando chamo Bolsonaro de “antipresidente”, não estou fazendo graça. Ser antipresidente é conceito.

Quem é o principal opositor da reforma da Previdência do neoliberal Paulo Guedes, ministro da Economia, aos cem dias de governo? Não é o PT, ou o PSOL, ou a CUT, ou as associações de aposentados. O principal crítico da reforma do “superministro” é aquele que nomeou o superministro, exatamente para fazer a reforma da

previdência. O principal crítico é Bolsonaro, o antipresidente. Como ao dizer que, “no fundo, eu não gostaria de fazer a reforma da Previdência”. Ou quando declara que a proposta de capitalização da Previdência “não é essencial” nesse momento. Ou quando afirma que poderia diminuir a idade mínima para as mulheres se aposentarem. É Bolsonaro o maior boicotador da reforma do seu próprio governo.

Enquanto ele é ao mesmo tempo situação e oposição, não sabemos qual é a reforma que a oposição real propõe para o lugar desta que foi levada ao Congresso. Se ela existe, e há setores da esquerda que afirmam que ela existe, não consegue se fazer conhecer junto à população. Não há crítica genuína nem projeto alternativo com ressonância no debate público. E, se não há, é preciso reconhecer que então não há oposição de fato. Quem ouve falar da oposição? Alguém conhece as ideias da oposição? Quais são os debates do país para além dos lançados pelo próprio Bolsonaro e pelo seu clã em doses diárias calculadas?

É pelo mesmo mecanismo que o bolsonarismo controla as oposições internas do governo. Os exemplos são constantes e numerosos. Mas o uso mais impressionante foi a recente ofensiva contra a memória da ditadura militar. Bolsonaro mandou seu porta-voz, justamente um general, dizer que ele havia ordenado que o golpe de 1964, que completou 55 anos em 31 de março de 2019, recebesse as “comemorações devidas” pelas Forças Armadas. Era ordem de Bolsonaro, mas quem estava dizendo era um general da ativa, o que potencializa a imagem que interessa a Bolsonaro infiltrar na cabeça dos brasileiros.

Aparentemente, Bolsonaro estava, mais uma vez, enaltecendo os militares e dando seguimento ao seu compromisso de fraudar a história, apagando os crimes do regime de exceção. Na prática, porém, Bolsonaro deu também um golpe na ala militar do seu próprio governo. Como é notório, os militares estão assumindo — e se esforçando para assumir — a posição de adultos da sala ou administradores do caos criado por Bolsonaro e sua corte barulhenta. Estão assumindo a imagem de equilíbrio num governo de supostos desequilibrados.

Esse papel é bem calculado. A desenvoltura do vice general Hamilton Mourão, porém, tem incomodado a bolsomonarquia. O que pode então ser mais efetivo do que, num

momento em que mesmo pessoas da esquerda têm se deixado seduzir pelo “equilíbrio” e “carisma” de Mourão, lembrar ao país que a ditadura dos generais sequestrou, torturou e assassinou civis? Bolsonaro promoveu a memória dos crimes da ditadura pelo avesso, negando-os e elogiando-os. Poucas vezes a violência do regime autoritário foi tão lembrada e descrita quanto no primeiro ano do governo de Bolsonaro. Foi o antipresidente quem menos deixou esquecer os 434 opositores mortos e desaparecidos e os mais de oito mil indígenas assassinados, assim como as dezenas de milhares de civis torturados. Para manter os generais no cabresto, Bolsonaro os jogou na fogueira da opinião pública fingindo que os defendia.

Ao mesmo tempo, Bolsonaro lembrou aos generais que ele e sua corte aparentemente tresloucada são os que fazem o serviço sujo de enaltecer torturadores e impedir que pleitos como o da revisão da Lei da Anistia vão adiante. Como esgoelou o guru do bolsonarismo, o escritor Olavo de Carvalho, em um de seus ataques contra o general da reserva Carlos Alberto dos Santos Cruz, naquele momento ainda ministro-chefe da Secretaria de Governo da presidência: “Sem mim, Santos Cruz, você estaria levando cusparadas na porta do Clube Militar e baixando a cabeça como tantos de seus colegas de farda”.

A ditadura deixou marcas tão fundas na sociedade brasileira que mesmo perseguidos pelo regime se referem a generais com um respeito temeroso. Nenhum “esquerdista” ousou dizer publicamente o que Olavo de Carvalho disse, ao chamar os generais de “bando de cães”. O ataque, a réplica e a tréplica se passaram dentro do próprio governo, enquanto a sociedade se mobilizava para impedir “as comemorações devidas”.

A exaltação do golpe militar de 1964 serviu também como balão de ensaio para testar a capacidade das instituições de fazer a lei valer. Mais uma vez, Bolsonaro pôde constatar o quanto as instituições brasileiras são fracas. E alguns de seus personagens, particularmente no Judiciário, constrangedoramente covardes. Com exceção da Defensoria Pública da União, que entrou com uma ação na justiça para impedir as comemorações de crimes contra a humanidade, nada além de “recomendações” para que o governo abandonasse a celebração do sequestro, da tortura e do assassinato de brasileiros.

Outro exemplo é a demissão do ministro da Educação Ricardo Vélez Rodríguez. Bolsonaro fritou o ministro que ele mesmo nomeou e o demitiu pelo Twitter. Ao fazê-lo, agiu como se outra pessoa o tivesse nomeado — e não ele mesmo. Chamou-o de “pessoa simpática, amável e competente”, mas sem capacidade de “gestão” e sem “expertise”. Mas quem foi o gestor que nomeou alguém sem capacidade de gestão e expertise para um ministério estratégico para o país? E como classificar um gestor que faz isso? Mais uma vez, Bolsonaro age como se estivesse fora e dentro ao mesmo tempo. Como se fosse, simultaneamente, governo e opositor do governo. Mesmo as minorias que promoveram alguns dos melhores exemplos de ativismo dos últimos anos passaram a assistir à disputa do governo contra o governo como espectadores passivos. Quem lutou pela ampliação dos instrumentos da democracia parece estar se iludindo que berrar nas redes sociais, também dominadas pelo bolsonarismo, é algum tipo de ação. A participação democrática nunca esteve tão nula.

A estratégia bem-sucedida, neste caso, é a falsa disputa da “nova política” contra a “velha política”. O bate-boca entre Jair Bolsonaro e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, é só rebaixamento da política, de qualquer política. Se a oposição ao governo é Maia, parlamentar de um partido fisiológico de direita, qual é a oposição? Bolsonaro e Maia estão no mesmo campo ideológico. Não há nenhuma disputa de fundo estrutural entre os dois, seja sobre a Previdência ou sobre qualquer outro assunto de interesse do país. O mecanismo se reproduz também na imprensa. Aparentemente, parte da mídia é crítica ao governo Bolsonaro. E, sob certo aspecto, é comprovadamente crítica. Mas a qual governo Bolsonaro? Se Bolsonaro é mostrado como o irresponsável que é, o contraponto de responsabilidade, especialmente na economia, seriam outros núcleos de seu próprio governo, conforme apresentado por parte da imprensa. Quando o insensato Bolsonaro atrapalha Guedes, o projeto neoliberal ganha um verniz de sensatez que jamais teria de outro modo.

Diante do populismo de extrema-direita de Bolsonaro e de seus colegas de outros países, o neoliberalismo é apresentado como a melhor saída para a crise que o próprio neoliberalismo criou. Mas Bolsonaro e seus semelhantes são apenas os produtos mais recentes deste mesmo neoliberalismo — e não algo fora dele. Onde então está o contraditório de fato? Qual é o espaço para um outro projeto de Brasil? Cadê as

alternativas reais? Quais são as ideias? Onde elas estão sendo discutidas com ressonância, já que sem ressonância não adianta?

A imprensa ao mesmo tempo reflete e alimenta a paralisia da sociedade. Os cem dias mostraram que o governo Bolsonaro é ainda pior do que o fenômeno Bolsonaro. Bolsonaro não se tornará presidente, “não vestirá a liturgia do cargo”, como esperam alguns. Não porque é incapaz, mas porque não quer. Bolsonaro sabe que só consegue se manter no poder como antipresidente. Só pode manter o poder mantendo a guerra ativa.

As pesquisas de opinião têm mostrado que ele é o presidente pior avaliado num início de governo desde a redemocratização do país. Mas Bolsonaro aposta que é suficiente manter a popularidade entre suas milícias digitais e age para elas. Bolsonaro governa a partir de seu clã, com sua corte e seus súditos. Governa contra o governo. Essa é a única estratégia disponível para Bolsonaro continuar sendo Bolsonaro. A oposição, assim como a maioria da população, foi condenada à reação, o que bloqueia qualquer possibilidade de ação. Se alguém sempre jogar a bola na sua direção, você sempre terá que rebater a bola. Assim, você vai estar sempre de mãos ocupadas, tentando não ser atingido. Todo o tempo e energia são gastos neste movimento de defesa passiva. Deste modo, torna-se impossível tomar qualquer decisão ou fazer um gesto ativo. Também é impraticável planejar a vida ou construir um projeto. A comparação é tosca, mas fácil de entender. É assim que o governo Bolsonaro tem usado o poder para controlar o conteúdo dos dias e impedir a legítima disputa das ideias.

A barbárie: Mesmo a parcela mais organizada das minorias que tanto Bolsonaro atacou na eleição parece estar em transe, sem saber como agir diante da operação perversa do poder. Ao reagir, tem adotado o mesmo discurso daqueles que as oprimem, o que amplia a vitória do bolsonarismo.

Um exemplo. O vídeo divulgado por Bolsonaro no Carnaval, mostrando uma cena de golden shower, foi definido como “pornográfico” por muitos dos que se opõem a Bolsonaro. Mas este é o conceito de pornografia da turma do antipresidente. Adotá-lo é comungar de uma visão preconceituosa e moralista da sexualidade. É questionável que dois homens façam sexo no espaço público e este é um ponto importante. Não

deveriam e não poderiam. Mas não é questionável o ato de duas pessoas adultas fazerem sexo consentido da forma que bem entenderem, inclusive um urinando no outro. O ato pornográfico é o de Bolsonaro, oficialmente presidente da República, divulgar o vídeo nas redes sociais. É dele a obscenidade. A pornografia não está na cena, mas no ato de divulgar a cena pelas redes sociais. Diferenciar uma coisa da outra é fundamental.

Outro exemplo. Quando a oposição tenta desqualificar o deputado federal Alexandre Frota, naquele momento do mesmo partido que Bolsonaro, porque ele foi ator pornô, está apenas se igualando ao adversário. Qual é o problema de ser ator pornô? Só os moralistas do pseudoevangelismo desqualificam pessoas por terem trabalhos ligados à indústria do sexo. Alexandre Frota deve ser criticado pelas suas ideias e projetos para o país, não porque fazia sexo em filmes para ganhar a vida. Criticá-lo por isso é jogar no campo do bolsonarismo e é também ser intelectualmente desonesto. Cada vez mais parte da esquerda tem se deixado contaminar, como se fosse possível denunciar o adversário usando o mesmo discurso de ódio. Nesta mesma linha, o problema do ministro da Justiça, Sergio Moro, não é o fato de ele falar “conge” em vez de “cônjuge”, como fez por duas vezes durante audiência pública no Senado. Ridicularizar os equívocos das pessoas na forma de falar é prática das piores elites, aquelas que se mantêm como elite também porque detêm o monopólio da linguagem. Poderia se esperar que Moro falasse a chamada “norma culta da língua portuguesa” de forma correta, já que teve educação formal tradicional. Mas a disputa política deve se manter no campo das ideias e dos projetos.

O problema de Moro é, como juiz, ter interferido no resultado da eleição. E, em seguida, ter se tornado ministro daquele que suas ações como funcionário público ajudaram a eleger. O problema de Moro é criar um pacote anticrime que, na prática, pode autorizar os policiais a cometerem crimes. Pela proposta do ministro da Justiça, os policiais podem invocar “legítima defesa” ao matar um suspeito, alegando “escusável medo, surpresa ou violenta emoção”. Nesse caso, a pena pode ser reduzida pela metade ou mesmo anulada. O problema de Moro que interessa ao país não é, definitivamente, usar “conge” em vez de “cônjuge”. Compreender como o discurso de ódio vai se infiltrando na mente de quem acredita estar se contrapondo ao ódio é eticamente obrigatório. Se o governo de Bolsonaro é também oposição e

crítica ao próprio governo, isso não significa que ele não tenha um projeto e que este projeto não esteja se impondo rapidamente ao país. Tem e está. Somos hoje um país muito pior do que fomos. E somos hoje um povo muito pior do que fomos. Parte do objetivo dos violentos e dos odiadores é normalizar a violência e o ódio pela repetição. O bolsonarismo tem conseguido realizar esse projeto com velocidade. Apenas até a primeira quinzena de abril de 2019, pelo menos oito — OITO — moradores de rua foram queimados vivos no Brasil. Este é apenas um levantamento feito com base no noticiário, possivelmente o número de vítimas seja ainda maior. Se fôssemos gente decente de um país decente, parariamos exigindo o fim da barbárie. Em 4 de abril de 2019, policiais militares mataram 11 de 25 suspeitos de assalto a bancos no município de Guararema, na Grande São Paulo. O governador do estado, João Doria, afirmou que iria condecorá-los. Até bem pouco tempo atrás, um governador não ousaria dar medalhas a policiais que assassinaram suspeitos. Em nenhum país democrático do mundo matar suspeitos é considerado um bom desempenho policial. Pelo contrário. No Brasil, país onde oficialmente não há pena de morte, o governador do estado mais rico do país elogia e premia a execução de suspeitos por agentes da lei. Autorizada pelas autoridades, a polícia brasileira, conhecida por ser uma das que mais mata no mundo, passou a matar mais no primeiro ano de governo Bolsonaro. Se fôssemos um país decente de gente decente, parariamos diante da barbárie cometida por agentes da lei com autorização e estímulo de autoridades que não foram eleitas para promover a quebra do Estado de Direito.

Em 7 de abril de 2019, militares dispararam 80 tiros — OITENTA — contra o carro de Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos, um músico negro que levava a sua família a um chá de bebê em Guadalupe, na zona norte do Rio de Janeiro. Ele morreu fuzilado. Seu filho de sete anos viu o pai sangrar e soldados do Exército de seu país rirem do desespero da mãe. Luciano Macedo, catador de material reciclável que correu a ajudá-lo, também virou alvo das balas e morreu no hospital. Graças a uma lei sancionada por Michel Temer, em 2017, os militares que atacaram uma família civil e a pessoa que prestou socorro a ela são julgados não pela justiça comum, mas pela militar, que comprovadamente é corporativa e conivente com os crimes. Se fôssemos um país decente de gente decente, parariamos diante da barbárie e exigiríamos justiça.

A resistência: O Brasil se espanta muito menos do que há bem pouco tempo atrás com o cotidiano de exceção. É justamente assim que o totalitarismo se instala. Pelas frestas do que se chama normalidade. Depois, é só oficializar. O Brasil já vive sob o horror da exceção. A falsificação da realidade, a corrupção das palavras e a perversão dos conceitos são parte da violência que se instalou no Brasil. São parte do método. Essa violência subjetiva tem resultados bem objetivos — e multiplica, como os números já começam a apontar, a violência contra os corpos. Não quaisquer corpos, mas os corpos dos mais frágeis. O desafio — urgente, porque já não há mais tempo — é resgatar o que resta de democracia no Brasil. É pela pressão popular que as instituições podem se fortalecer ao serem lembradas de que não servem aos donos do poder nem aos interesses corporativos de seus membros, mas à sociedade e à Constituição. É pela pressão por outros diálogos e outras ideias e outras realidades que ainda respiram no país que a imprensa pode abrir espaço para o pluralismo real. É pela pressão por justiça e pelo levante contra a barbárie que podemos salvar nossa própria alma adoecida pelos dias. O resgate da democracia pelo que ainda resta dela, aqui e ali, não será tarefa de outros. Só há nós mesmos. Nós, os que resistimos a entregar o Brasil para os perversos que hoje o governam — e o governam também pelo controle dos espasmos diários que impõem aos brasileiros.

Eu gostaria de dizer: “Acordem!”. Mas não é que os brasileiros estejam dormindo. Parece mais uma paralisia, a paralisia do refém, daquele que vive o horror de estar submetido ao controle do perverso. Não é mais desespero, é pavor. É imperativo encontrar caminhos para romper o controle, escapar do jugo dos perversos, arrancar a pauta dos dias de suas mãos. Como?

Essa resposta ninguém vai construir sozinho. Parte da minha colaboração aponta para a urgência de criar o “comum”. O que aqui chamo de comum é o que nos mantém amalgamados, o que permite que, ao conversarmos, possamos partir do consenso de que cadeira é cadeira e laranja é laranja e que nenhum de nós dois vai tentar sentar na laranja e comer a cadeira.

Os perversos corromperam a palavra — e só por isso podem dizer que o Brasil está ameaçado pelo “comunismo” ou que o nazismo é de “esquerda” ou que o aquecimento global é um “complô marxista”. Essas três afirmações equivalem a dizer que laranja é

cadeira. Apenas que menos gente sabe o que foi o nazismo, e o que é o comunismo, e o que é o aquecimento global, tornando mais fácil embrulhar as coisas.

Eles repetem e repetem e repetem porque corromperam o voto que receberam ao usar a estrutura do Estado para produzir mentiras. É assim que os perversos enlouquecem uma população inteira — e a submetem: repetindo que laranja é cadeira dia após dia. As palavras deixam de significar, a linguagem é rompida e corrompida, e a conversa se torna impossível. Precisamos voltar a encarnar as palavras. Ou enlouqueceremos todos. A criação do comum começa pela linguagem. Precisamos também criar comunidade. Não comunidade de internautas que ficam gritando cada um atrás da sua tela. Mas comunidade real, que exige presença, exige corpo, exige debate, exige negociação, exige compartilhamento real. Não há nada que os regimes de exceção temam mais do que pessoas que se juntam para fazer coisas juntas. É por isso que Bolsonaro tanto critica o ativismo e os ativistas — e já deu vários passos na direção da criminalização do ativismo e dos ativistas.

O ativista é aquele que deixa o conforto do seu entorno protegido para exercer a solidariedade. Governos como o de Bolsonaro agem para que cada um veja o outro como inimigo, por isso tanto temem o ativismo. Os bolsonaristas se alimentam da guerra porque a guerra separa as pessoas e faz com que elas não tenham tempo para criar futuro. A solidariedade é um gesto temido pelos autoritários. Por que você não está em casa lustrando o seu umbigo, é o que gostariam de perguntar? Ao corromper as palavras, é também esse o objetivo. Condenar cada um à prisão do seu silêncio (ou do seu eco), incapaz de alcançar o outro pela falta de uma linguagem comum.

Os perversos tentam eliminar a solidariedade a bala. Ou exilá-la. Expulsá-la para fora do país que privatizaram para si. Bolsonaro afirmou que o Brasil é só da sua turma e que os outros serão banidos ou “vão para a ponta da praia”. É o que tem feito com os movimentos sociais e com as organizações não governamentais, em especial as que lutam pela floresta e pelos povos da floresta. Por isso os bolsonaristas querem uma polícia com autorização para matar. A polícia, cada vez mais, se torna também ela uma milícia privada dos donos do poder. Deixa de exercer seu dever constitucional de proteger a população para exercer a guerra contra a população. Durante a intervenção federal no Rio, policiais civis e militares mataram 1.543 pessoas. Em 2018, um em

cada quatro homicídios no Rio de Janeiro foi cometido por um policial — e isso segundo os registros das próprias polícias. Ninguém tem qualquer dúvida de que a maioria dos mortos é negra - e é pobre.

Quando vai para as ruas nos protestos, o que a polícia reprime não é o que chama de “baderneiros” ou “vândalos”, mas a solidariedade. Ao espancar os corpos, sufocá-los com bombas de gás lacrimogêneo, cegá-los com spray de pimenta, o que querem é controlar os corpos, castigá-los porque, em vez de ficarem trancados em casa coçando a barriga, foram às ruas lutar pelo coletivo. Como assim você luta pelo outro e não apenas por si mesmo? Como você ousa ser solidário se a regra do neoliberalismo é cuidar apenas de si e dos seus? Resistir ao medo e se juntar para criar futuro é o ato primeiro de resistência. Se nos encarcerarmos em casa, como o governo quer, armados também, como o governo quer, atirando uns nos outros, como o governo quer, a guerra continuará sendo ampliada, porque só assim os perversos nos mantêm sob controle e se mantêm no poder. Se contarmos apenas como um não podemos nada. Temos que ser um + um + um +. E então poderemos muito. A arte é um movimento poderoso. Não foi por outro motivo que ela foi tachada de “pornográfica” e “pedófila” pelas milícias da internet nos últimos anos. Não é por outro motivo que o bolsonarismo investe contra a Lei Rouanet e desmonta os mecanismos de proteção e incentivo à cultura. A arte não é adereço. Ela tira as pessoas do lugar. Ela faz pensar. Ela questiona o poder. E ela junta os diferentes.

Precisamos fazer arte. E precisamos rir. Rir junto com o outro, e não rir do desespero do outro. É o perverso que gosta de rir sozinho, é o perverso que goza da dor do outro, como faz Bolsonaro, como riram os soldados que deram 80 tiros no carro da família que ia para um chá de bebê. O deles não é riso, é esgar. Já o riso junto com o outro tem enorme potência. Vamos rir juntos dos perversos que nos governam. Vamos responder à tentativa de controle dos nossos corpos exercendo a autonomia com nossos corpos. Vamos libertar as palavras fazendo poesia. Como escrevi tantas vezes: vamos rir por desaforo. E amar livremente. O ódio não é para nós, o ódio é para os fracos. Vamos afrontá-los denunciando o ridículo do que são. Vamos praticar a desobediência às regras que não criamos. Temos que desobedecer a esse antigoverno que governa. É assim que se quebra o jugo dos perversos. Levando-os suficientemente a sério para não levá-los a sério. Chega de construir ruínas. Chega

inclusive de construir, este verbo que se mostrou violento na história dos Brasis. Este verbo de verticalidades e de hierarquias.

Está na hora de conjugar o verbo das mulheres. Precisamos tecer, esse verbo horizontal, colorido, que só se embeleza na diferença. Temos que começar a imaginar um futuro onde possamos viver. O presente só pode ser tecido se o futuro for imaginado. Ninguém consegue viver num presente sem futuro. Mas é impossível controlar quem é capaz de imaginar depois que já começou a imaginar. A imaginação é a melhor companheira do riso. Sim, ninguém solta a mão de ninguém. Mas não vamos ficar segurando as mãos uns dos outros paralisados e em pânico. Vamos rir e criar futuro. Juntos. Lembrem-se de que “a alegria é a prova dos nove”. Nos primeiros cem dias sob o domínio oficial dos perversos, foi o Carnaval que desafiou o exercício autoritário do poder. Pela alegria, pela sátira, pelo riso, pela comunhão dos corpos nas ruas. Não há lei que nos obrigue a obedecer a um governo de perversos. Desobedeçam aos senhores do ódio. Os dias precisam voltar a nos pertencer.